A PALAVRA DO CAMPO

GLOBO RURAL

globorural.globo.com

EDITORA GLOBO

Roberto Jank Júnior em sua fazenda, em Descalvado (SP)

RURAL
Assista na TV a esta reportagem

NOVA REGRA PARA O QUEIJO
Minas Gerais regulamenta a produção

EM PÉ DE GUERRA
Ordem é acelerar a colheita em Mato Grosso

TEM ABELHA NO CAFÉ
Florada eleva padrão da bebida

Leite dia e noite

A Agrindus coleta 60 mil litros diariamente: genética apurada e bem-estar das vacas garantem produtos de alta qualidade, com preço superior ao de mercado

ANAUGER

5ª GERAÇÃO

bombas submersas vibratórias

LANÇAMENTO

2 anos de GARANTIA

Nova tecnologia marca os 50 anos

da companhia coroando assim este importante momento.

Novo design · Maior elevação
Tecnologia de ponta · 2 anos de garantia

Conheça a linha completa de bombas ANAUGER

- Alta tecnologia e qualidade
- Líder de mercado no segmento
- Reconhecimento no fornecimento de água
- Bombas submersas vibratórias diferenciadas
- Baixo custo de manutenção
- Simplicidade de instalação
- Assistência técnica nacional
- Excelente relação custo X benefício

ANAUGER, você conhece, você confia!

www.anauger.com.br
bombas@anauger.com.br
11 4591-1661

Siga-nos!
bombasanauger

ANAUGER 50

CARTA DO EDITOR

Animal não é mercadoria

O centro de Santos, no litoral paulista, amanheceu com o ar empesteado no domingo, 4 de fevereiro. O mau cheiro vinha do porto, onde um navio com 25 mil bovinos, atracado no cais havia cinco dias, aguardava o resultado de uma disputa judicial para iniciar sua viagem à Turquia. A peleja envolvia, de um lado, organizações de proteção aos animais e, de outro, o Frigorífico Minerva e o Ministério da Agricultura. A pedido dos ativistas, que alegavam maus-tratos aos animais a bordo, um juiz federal havia ordenado, dias antes, a suspensão da viagem e o imediato desembarque dos bovinos e seu transporte para as fazendas de origem. Mas, atendendo a um pleito da Advocacia-Geral da União, a Justiça acabou liberando o navio na tarde de domingo, que zarpou para a Turquia na madrugada de segunda-feira.

A exportação de animais vivos não é uma novidade no Brasil. Nos últimos cinco anos, cerca de 800 mil bovinos foram embarcados para Venezuela, Líbano, Turquia e Egito.

O crescimento dos negócios vem atraindo os pecuaristas brasileiros. O muçulmanos preferem levar o gado daqui para terminar de criar por lá e abater os animais seguindo os preceitos do halal.

O imbróglio de Santos bombou nas redes sociais e teve grande repercussão na mídia, mostrando que até os carnívoros estão preocupados em saber como são tratados os animais, mesmo os destinados ao abate.

Animal não pode ser visto mais como uma mercadoria. As pessoas querem saber se durante a criação o produtor garantiu ao animal conforto físico, mental e fisiológico e se lhe assegurou condições capazes de livrá-lo do estresse causado por medo, fome, sede, frio ou calor.

Esse foi o teor de um manifesto assinado por professores e pesquisadores da área de bem-estar animal dias após o episódio no litoral paulista. O documento ressalva que "não há como negar que existem poucos regulamentos técnicos tratando da questão do bem-estar dos animais de produção em nosso país e que, na sua grande maioria, eles são vagos, imprecisos e extremamente incompletos [...]".

Nesta edição, o editor Sebastião Nascimento traz um exemplo de um produtor de leite que não apenas incorporou o bem-estar animal à rotina de sua fazenda como está obtendo lucro com isso.

"Bem-estar animal é o principal investimento que o produtor deve fazer", diz Roberto Jank Júnior, proprietário da Agrindus.

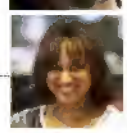
Bruno Blecher
Diretor de Redação – bblecher@edglobo.com.br

Onde estivemos

Interior de São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul

FERNANDO MARTINHO
Conde (BA)

CAMILA MARCONATO E RICARDO BENECHIO
Uberlândia (MG)



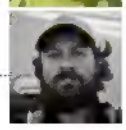
ELIANE SILVA E RICARDO BENECHIO
Alta Mogiana (SP)

WILHAN SANTIN E SERGIO RANALLI
Mauá da Serra (PR)

SEBASTIÃO NASCIMENTO, ROGERIO ALBUQUERQUE E FABIANO ACCORSI
Descalvado (SP)

GERALDO HASSE
Pinhão (PR)

VALDIR RIBEIRO JR.
Cascavel (PR)



GERALDO HASSE E MARCELO CURIA
Guaíba (RS)

© FOTOS ARQUIVO PESSOAL

CBN
RÁDIO CBN

CBN Agronegócio, com Bruno Blecher. Às terças, às 13h05, no CBN Brasil, comandado por Carlos Alberto Sardenberg

TV GLOBO

Programa Globo Rural: aos domingos, às 8h (reapresentação na **Globo News**, aos domingos, às 9h05)

SUMÁRIO | MARÇO 2018

©1

Capa:
Fabiano Accorsi/Ed. Globo

NESTE MÊS

10 ENTREVISTA
O economista André Perfeito fala sobre os grandes desafios que serão enfrentados pelo novo presidente da República

20 CAPA
A Agrindus, de Descalvado (SP), que produz 60.000 litros de leite por dia, é uma das pioneiras da inseminação artificial no Brasil

28 SAFRA
Tecnologia permite aos produtores de Mato Grosso aproveitar ao máximo as janelas de tempo bom para acelerar a colheita

38 CAMINHOS DA SAFRA
GLOBO RURAL pega a estrada para percorrer mais de 7 mil quilômetros nas principais rotas de escoamento da produção

42 SUSTENTABILIDADE
Fazenda baiana reduz a quase zero o uso de agrotóxicos nos coqueiros e produz água sem conservantes

48 FEIRAS
O Show Rural, em Cascavel (PR), supera expectativa e movimenta R$ 1,8 bilhão

54 POLINIZAÇÃO
Experimento comprova que uso de colmeias nos cafezais aumenta a produção e melhora a qualidade dos grãos

62 MINAS GERAIS
Programa ajuda pequenos produtores de queijo a obter registro para vender em todo o Estado

©2

©1 JOSÉ MEDEIROS/ED.GLOBO, 2 RICARDO BENICHIO/ED.GLOBO

SEMPRE EM Globo Rural

CARTA DO EDITOR 3

ONLINE 8

CAMPO ABERTO

INOVAÇÃO 13
RADAR 16
LIVROS 18

FUTURO 35

IDEIAS 40

JURIS 52

TENDÊNCIAS 66

LEILÕES & CRIAÇÃO

PECUÁRIA 67
NEGÓCIOS 70
VARANDA 73
MERCADO 74

PRODUTOS E MERCADOS

CEVADA 75
EMPRESAS E NEGÓCIOS 78
MAPA DA SAFRA 80
TEMPO 82
ANÁLISE 84

VIDA NA FAZENDA

COMO PLANTAR 87
COMO CRIAR 90
TABULEIRO 92
GRU RESPONDE 96

FECHA ASPAS 98

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE: Virginia Any
DIRETOR EDITORIAL: Fernando Luna

GLOBO RURAL

DIRETOR DE GRUPO AUTOESPORTE, ÉPOCA NEGÓCIOS, GLOBO RURAL E PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS
Ricardo Cianciaruso

DIRETOR DE REDAÇÃO Bruno Blecher
EDITORES Cassiano Ribeiro, Sebastião Nascimento, Venilson Ferreira e Vinicius Galera
REPÓRTER Raphael Salomão
DIRETORA DE ARTE Sueli Issaka
ESTAGIÁRIOS Karina Campos e Nelson Niero Neto
ASSISTENTE DE REDAÇÃO Ana Paula Santana
COLABORADORES Camila Marconato, Eliane Silva, Geraldo Hasse, João Mathias, Luiz Josahkian, Luíz Ernesto Oliveira, Maurício Lopes, Monique Gentil, Nina Horta , Roberto Rodrigues, Rodrigo Vargas, Valdir Ribeiro Junior e Viviane Castilho (texto); Chico Gcom, Fabiano Accorsi, Fernando Martinho, José Medeiros, Marcelo Curia, Rogério Albuquerque, Ricardo Benichio e Sergio Ranalli (fotos); Diego Cardoso (revisão)

SERVIÇOS EDITORIAIS Pesquisa: CEDOC/Globopress

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO
DIRETORA DE ARTE: Cristiane Monteiro
DESIGNERS: Alexandre Ribeiro Zanardo, Clayton Rodrigues, Felipe Yatabe, Marcelo Serikaku e Verúcio Ferraz
ESTAGIÁRIA: Carolina Malavolta

MERCADO ANUNCIANTE
SEGMENTOS – TECNOLOGIA, TI, TELECOM, ELETROELETRÔNICOS, COMÉRCIO E VAREJO
GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Ciro Horta Hashimoto; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Christian Lopes Hamburg, Cristiane de Barros Paggi Succi, Jessica de Carvalho Dias e Roberto Loz Junior.

SEGMENTOS – BENS DE CONSUMO, ALIMENTOS E BEBIDAS, MODA E BELEZA, ARQUITETURA E DECORAÇÃO
EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA: Eliana Lima Fagundes, Fátima Regina Ottaviani e Selma Teixeira da Costa.

SEGMENTOS – MOBILIDADE, SERVIÇOS PÚBLICOS E SOCIAIS, AGRO NEGÓCIOS, INDÚSTRIA, SAÚDE, EDUCAÇÃO, TURISMO, CULTURA, LAZER, ESPORTE
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Renato Augusto Cassis Siniscalco; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Cristiane Soares Nogueira, Diego Fabiano, João Carlos Meyer e Priscila Ferreira da Silva
DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Sandra Regina de Melo Pepe; **EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA:** Dominique Pietroni de Freitas e Lilian de Marche Noffs

SEGMENTOS – FINANCEIRO, IMOBILIÁRIO
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Emiliano Morad Hansenn; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Ana Silvia Costa e Milton Luiz Abrantes

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Luciana Menezes Pereira; **GERENTE MULTIPLATAFORMA:** Larissa Ortiz

RIO DE JANEIRO
GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
RJ: Rogerio Pereira Ponce de Leon; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Daniela Nunes Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado e Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos

BRASÍLIA
GERENTE MULTIPLATAFORMA: Barbara Costa Freitas Silva; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Jorge Bicalho Felix Junior

OPEC OFF LINE: Carlos Roberto de Sá, Douglas Costa e Bruno Granja
OPEC ONLINE: Danilo Panzarini e Rodrigo Pecoschi

EGCN
CONSULTORA DE MARCAS: Olivia Cipolla Bolonha

DESENVOLVIMENTO COMERCIAL E DIGITAL
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL E DIGITAL: Tiago Joaquim Afonso
G.LAB: Caio Henrique Caprioli, Lucas Fernandes; **EVENTOS:** Daniela Valente; **PORTFÓLIO E MERCADO:** Rodrigo Girodo Andrade **PROJETOS ESPECIAIS**: Luiz Claudio dos Santos Faria, Guilherme Iegawa

AUDIÊNCIA
DIRETOR DE MARKETING CONSUMIDOR: Cristiano Augusto Soares Santos;
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Ednei Zampese;
COORDENADORES DE MARKETING: Eduardo Roccato Almeida e Patricia Aparecida Fachetti

ESTRATÉGIA DIGITAL
COORDENADOR: Santiago Carrilho
DESENVOLVEDORES: Alexsandro Macedo, Fabio Marciano, Fernando Raatz, Leandro Paixão, Marden Pasinato e William Antunes.

ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO DIGITAL
GERENTE: Silvia Balieiro

DESEJA FALAR COM A EDITORA GLOBO?

ATENDIMENTO: 4003-9393 – www.sacglobo.com.br

VENDAS COORPORATIVAS E PARCERIAS: 11 3767-7226 – parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR: SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 | 3767-7942 | 3767-7889 | 3736-7205 | 3767-7557 – RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923 – BSB: 61 3316-9584

NA INTERNET: www.assineglobo.com.br/sac – 4003-9393

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO: 11 3767-7005 – venda_conteudo@edglobo.com.br

ASSINATURAS: 4003-9393 – www.sacglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO:
Endereçar cartas ao Diretor de Redação GLOBO RURAL – Av. 9 de Julho, 5229 – Jardim Paulista – São Paulo – SP – CEP 01407-907.
Fax: 11 3767-7707 – e-mail: grural@edglobo.com.br
As cartas devem ser encaminhadas com assinaturas, endereços e telefone do remetente. Globo Rural reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.

O QUE É O G.LAB
O G.LAB é o estúdio de branded content do Grupo Globo. Produz conteúdo customizado para empresas que contratam os seus serviços. Esses conteúdos – identificados pela expressão "Apresentado por" e o logotipo da empresa patrocinadora – são publicados em todas as plataformas dos títulos da Editora Globo e dos jornais Valor Econômico, O Globo e Extra.

GLOBO RURAL é uma publicação mensal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. 9 de Julho, 5229 – Jardim Paulista – São Paulo – SP – CEP 01407-907 – Tel. 11 3767-7769. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Impressão: Plural Indústria Gráfica Ltda. – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa – Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Uma nova ferramenta para o homem do campo.

Marcador Permanente Pilot. Escreve e marca em papel, plástico, vidros e outras superfícies.

Ponta aberta 24 horas, não borra, não resseca e não tem cheiro.

Tinta especial deslizante, mais forte e durável resistente à água.

Perfeito para o homem do campo. Anotações em sacarias, galões, gráficos, mapas de controle, etc.

Película protetora na tinta, resistente às intempéries.

Ponta redonda ou chanfrada, nas cores azul, preta e vermelho.

Marcador Permanente Pilot. Ponta aberta 24 horas.

PILOT

a sua caneta

www.pilotpen.com.br

AGRISHOW - VISITE NOSSO STAND PAVILHÃO A 005 - DE 30/04 A 04/05 - RIBEIRÃO PRETO - SP

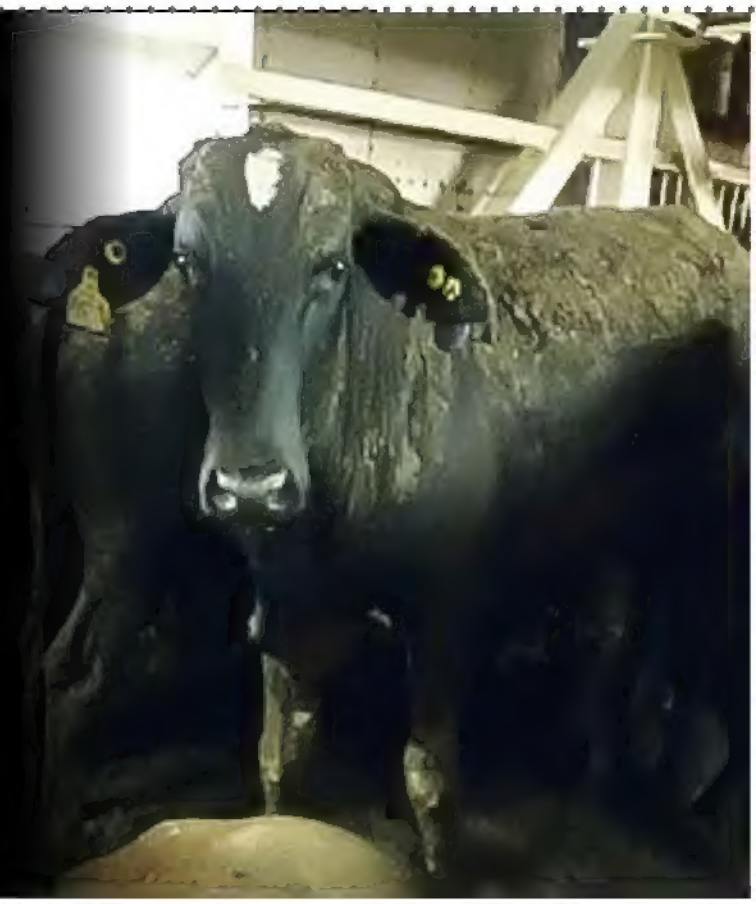
por Viniclus Galera vgalera@edglobo.com.br

DESTAQUES

ENTREVISTA

A questão é que os animais são considerados commodities

O polêmico embarque de 27 mil cabeças de gado para a Turquia, no começo de fevereiro, deu o que falar. A megaoperação trouxe à tona a questão do bem-estar animal. Apesar de a modalidade de exportação ser regulamentada e monitorada pelo governo, pesquisadores da área de bem-estar alertam que as regras não são claras e é necessária a adoção de parâmetros científicos para o tratamento dos animais. É o caso do professor Mateus Paranhos, da Unesp de Jaboticabal, que, em entrevista exclusiva, fala sobre a necessidade de uma nova legislação e do respeito ao indivíduo que vive apenas para servir os seres humanos. Confira: *bit.ly/entrevistabemestar*



©1

©2

COMO FAZER

Composteira doméstica

Produzir uma composteira doméstica pode ser uma ótima opção para quem quer dar um melhor destino para o lixo orgânico e contribuir para o meio ambiente. Mas existem algumas regras que devem ser seguidas. Por isso, montamos um manual sobre como fazer uma composteira com ou sem minhocas: bit.ly/compostagememcasa

ALIMENTOS

Cabe na mala

Além de lembranças de viagens, muita gente quer trazer na bagagem algumas guloseimas de outros países. Em 2016, o Ministério da Agricultura regulamentou a entrada no Brasil de alimentos trazidos na bagagem dos passageiros. O documento liberou muitos produtos antes proibidos, como derivados de carnes, de leite e de ovos. Mas a entrada de produtos de origem animal e vegetal ainda é cercada de cuidados. Fizemos uma reportagem para você saber o que pode e o que não pode. Leia aqui: bit.ly/alimentosnamala

©3

SOJA

O avanço da ferrugem

A ferrugem asiática da soja está atacando lavouras em Mato Grosso com alto grau de severidade nesta safra. O alerta é do pesquisador e consultor técnico da Fundação MT Fabiano Siqueri, que divulgou um vídeo numa lavoura experimental da instituição, no município de Campo Verde (MT). Confira o conteúdo e veja o que fazer para tratar a doença de modo adequado: bit.ly/ferrugemmt

©4

©1 DIVULGAÇÃO; 2, 3 THINKSTOCK; 4 RAFAEL MOREIRA SOARES/EMBRAPA

AS + LIDAS

1 BEM-ESTAR ANIMAL
Fotos: laudo constata maus-tratos a bois dentro de navio em Santos

2 EXPORTAÇÕES
Justiça Federal suspende exportação de animais vivos em todo o país

3 GADO VIVO
Carga viva: Brasil tem 100 mil animais em quarentena para exportação

4 GALERIA
Por dentro do navio Nada

5 BOI
Justiça determina desembarque de 27 mil bois no Porto de Santos

COLUNAS

Bruno Blecher
BEM-ESTAR ANIMAL
Animais foram única vítima da "guerra de liminares" na exportação de gado

Sebastião Nascimento
FEIRAS
Criadores de brahman promovem degustação de carne no Show Rural Coopavel

MOBILE

TABLET
A revista digital com conteúdo extra

iOS
bit.ly/1CPr2wK
Android
bit.ly/globorural-android

Google+
+globorural

Facebook
globo rural

Twitter
@globo_rural

Instagram
globorural

SPOTIFY
A seleção musical da GLOBO RURAL
http://bit.ly/tocaGR

COMENTÁRIOS

GADO VIVO
Uns falam de maus-tratos e péssimas condições, explícitas nas fotos do interior do navio. Outros falam que, se o navio tivesse seguido o cronograma, não teria ficado nessas condições. Eu não sei. Mas é triste ver esses animais passarem por isso e não termos a certeza de como será o transporte. Com certeza, nada agradável. É uma triste realidade. Sou consumidor de carne. Respeito os vegetarianos e admiro muito os protetores dos animais, sem eles muita coisa ainda não teria mudado. (*Por dentro do navio Nada*)

Wagner Kurt
via Facebook

LEITE
Infelizmente, nós produtores não temos a quem recorrer. Trabalhamos no vermelho para sustentar a maioria dos brasileiros e mesmo assim não temos valor. Espero que esse governo pense em nós. Se isso não acontecer, não sei o que será. (*Preço do leite entregue em janeiro tem queda de 2,4% em Santa Catarina*)

Paula Fachini
via Facebook

GENÉTICA
Sabemos que investir em genética dá resultado, mas o grande problema é o preço do reprodutor, que é um pouco alto. Se fosse mais acessível, eu compraria um. (*Fazenda seleciona gado senepol devido à alta taxa de prenhez*)

Will Boney Santos Ribeiro
via Facebook

NEGOCIAÇÕES
O Congresso votou e aprovou por unanimidade a extinção do Funrural. A Frente Parlamentar Agropecuária deveria ter se atido somente a isso. Se negociou, não foi em nome dos produtores. Mas tudo pode ser questionado na Justiça. Até a decisão do próprio Supremo de primeiro julgar inconstitucional e depois de alguns anos voltar atrás, sem justificativa alguma. Por ora, o governo manobrou para conseguir votos, mas no fim do ano o presidente sairá do cargo. (*Temer sanciona com vetos parcelamento de dívidas de produtor rural*)

@newberni
via Twitter

AGROTÓXICO
O Paraquate é tóxico, mas, se os aplicadores tiverem o cuidado de usar os equipamentos de proteção individual recomendados, não haverá intoxicação. A substância é eficiente e muito pertinente, pois mata as ervas daninhas por contato mantendo a cultura, desde que não atingida. Os restos das ervas mortas formam uma camada de material que protege o solo e serve como obstáculo para a evaporação da água. O produto só traz benefícios. Se alguém é contra seu uso, é por desconhecê-lo. (*Deputado quer liberar o uso do Paraquate no Brasil*)

Marcos Cesar Fernandes
via Facebook

André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos

"Vai faltar dinheiro para a agricultura"

Por **Raphael Salomão** e **Venilson Ferreira** | Foto **Rogerio Albuquerque**

O economista André Perfeito, de 39 anos, prevê dias difíceis para o próximo presidente da República, que provavelmente vai pegar o país com o teto de gastos estourado, sem recursos para contratar, aumentar salários ou conceder subsídios. Tudo isso por causa da Regra de Ouro, um dispositivo constitucional que limita os gastos públicos. Ele prevê que vai faltar dinheiro para bancar os subsídios do agro, seja no crédito ou na política de apoio à sustentação de preços. Por isso acredita que o próximo presidente, queira ou não, vai ter de soltar uma "MP do Veja Bem". "Isto é, veja bem, que tudo o que se falou até agora não era bem por aí." Considerado heterodoxo pelos colegas de profissão, André Perfeito é economista-chefe da Gradual Investimentos, que administra uma carteira de R$ 4,5 bilhões.

Globo Rural ▸ **Muito se fala em sinais de recuperação da economia, como você está vendo isso?**

André Perfeito ▸ A economia brasileira, de fato, deu sinais de fim de piora, por assim dizer. Existem evidências de que muitos indicadores macroeconômicos não têm piorado e se vê até alguma melhora em alguns deles, efetivamente. Na indústria, houve alguma melhora. O setor do agronegócio foi excepcional. Mas acho que vai demorar ainda mais cinco anos para voltar para onde a gente estava antes dessa crise toda. Nossa projeção é de crescimento de 2,55% da economia neste ano, mas tenho uma opinião mais crítica do que muitos dos meus colegas do mercado financeiro em relação à dinâmica de 2018.

GR ▸ **Você tem mostrado ceticismo um pouco maior em relação à economia brasileira. Por quê?**

Perfeito ▸ Bem, a primeira coisa que se tem de observar é que, desde que o presidente Temer assumiu, foi feita uma série de reformas, sem entrar no mérito das propostas, que precisam ser validadas na urna. O que eu tenho observado é que as pesquisas até agora evidenciam que a população não quer mais reformas. Quando vejo um candidato como Lula com uma vantagem tão expressiva, isso mostra que boa parte da população não quer reformas, ou quando você vê uma desaprovação do Temer de 70%. Está certo que nem todo mundo que é contra Temer é contra as reformas, mas a gente está falando de 70% de desaprovação.

GR ▸ **Então, a eleição deste ano vai ser importante?**

Perfeito ▸ Muito. Serão duas grandes questões. Em primeiro lugar, vão ser referendados, ou não, os ajustes que foram feitos até agora. Porque o que eu estou achando é que o próximo presidente, queira ou não, vai ter de soltar uma "MP do Veja Bem". Isto é, veja bem que tudo o que a gente falou até agora não era bem por aí. A primeira seria o fim da Regra de Ouro, um dispositivo da Constituição Federal que impede a emissão de dívida pelo governo para o pagamento de despesas correntes.

GR ▸ **Qual seria a segunda questão importante das eleições?**

Perfeito ▸ A discussão sobre se o país tem vocação para ser um liberal ou vai continuar sendo mais populista. Para mim, uma coisa é muito clara: o Brasil é populista, porque tem uma distribuição de renda absolutamente desigual. A realidade econômica do Brasil é muito complicada. Uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho mostrou que, se uma pessoa sai do grupo dos 10% mais ricos na Argentina para os 20% menos ricos, a renda cai para 40%

© ROGERIO ALBUQUERQUE/EDITORA GLOBO

do que era. Mudar de classe social acontece, faz parte da vida. Aqui no Brasil, se você está nos 10% mais ricos e cai para os 20% logo abaixo, tua renda vira 13% do que era antes. Você não cai de classe social, despenca. Isso gera uma tensão o tempo todo no tecido político e econômico, porque niguém gosta de abrir mão de renda.

GR ▸ Qual a solução?

Perfeito ▸ É preciso um presidente ou presidenta que consiga conciliar essas tensões , que seja um grande negociador, coisa que nenhum dos candidatos é. Diga-se de passagem, quem tem esse perfil é Lula, é um pelego, pois transita bem dos dois lados e amortece as tensões entre patrões e empregados. A palavra pelego é forte, eu sei, mas é nesse sentido que estou usando. Ele tem um perfil que nem o *(Jair)* Bolsonaro, nem a Marina *(Silva)*, nem o Ciro *(Gomes)*, nem o *(Geraldo)* Alckmin tem.

GR ▸ Qual é o impacto desse cenário na economia?

Perfeito ▸ A curva de juros no Brasil está supercomportada. Os juros longos estão relativamente baixos. Olhando para a curva de juros, parece que tudo deu certo. Em relação à eleição, existe um "sebastianismo", a esperança de que na última hora vai aparecer um cavaleiro, uma amazona, que vai conseguir resolver os problemas do país. Eu acho que é uma hipótese muito ingênua. Só acho que o ruído maior vai ser na taxa de juros. O Brasil está enfrentando hoje taxas de juros extremamente baixas para o padrão brasileiro, o que gera ruídos fortes na economia.

Dadas as contradições do Brasil, a baixa taxa de juros atual é uma excepcionalidade"

GR ▸ Por exemplo...

Perfeito ▸ O mercado financeiro não consegue apresentar rentabilidade adequada para seus clientes. Em 2005, há pouco mais de uma década, a Selic menos o IPCA dava 12%, numa conta simples. Em 2012, caiu para 1,4%, quando a Selic chegou ao menor patamar. Quando você tem uma taxa de juros de 12%, todo mundo é gênio no mercado de capitais. É fácil ganhar dinheiro. Quando você chega a 1,4%, tem de ir para o risco. Isso gera incômodo, pois a economia brasileira não sabe lidar com taxas de retorno tão baixas.

GR ▸ Há espaço para o governo baixar os juros do crédito rural?

Perfeito ▸ Até tem, mas, toda vez que o governo cria juros subsidiados, está gerando uma distorção no tecido econômico. Eu acho que essa distorção, o agronegócio sempre teve isso, e é bom que tenha, não acho ruim. Tem de ter. Só que tem de descobrir como equalizar isso agora, quando existe o problema do teto de gastos.

GR ▸ Então a PEC do Teto pode prejudicar o agro?

Perfeito ▸ Sim, pois se a emenda constitucional continuar, vai acabar com o crédito subsidiado para o agronegócio. Não vai ter dinheiro, acabou. Vai acabar o dinheiro para o agricultor também. A bancada ruralista depois que se vire em arranjar dinheiro.

GR ▸ O governo tem buscado soluções?

Perfeito ▸ Eles vão querer acabar com essas distorções. Qual é a leitura do governo, da parte da equipe econômica? Quando você cria um BNDES *(Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)* ou crédito subsidiado, você está criando solução, logo, o juro tem de ser muito alto. Mas a gente está vendo que não tem juro muito alto. Mas, ainda assim, estão querendo destruir as instituições que garantiam essa distorção nos juros na esperança de que o mercado financeiro entre no jogo e dê dinheiro barato para o agronegócio, para o empresário, para todo mundo. O que eu vejo é que, dadas as contradições do Brasil, a atual baixa da taxa de juros é uma excepcionalidade.

GR ▸ A conjuntura atual inibe o investimento?

Perfeito ▸ Claro, abala ainda mais a confiança, que já estava abalada, porque não há melhora de forma substancial dos fatores que gerariam mais investimentos. O setor industrial está indo bem. Grande parte por conta do setor automotivo, que está exportando.

GR ▸ E os demais setores?

Perfeito ▸ Olha, o que está faltando é um projeto para o Brasil. Você pode gostar ou não do Fernando Henrique Cardoso, mas ele levantou uma bandeira e falou: estamos controlando a inflação. Durante o período Lula, você pode ou não gostar dele, ele levantou uma bandeira: estamos criando uma nova classe média. Chegou a Dilma e disse: estamos criando o país do investimento. Era mentira, e não deu certo por uma série de motivos. Perdemos o projeto. O problema do Brasil é político. O Brasil é um país com potencialidades absurdas.

GR ▸ E a economia mundial?

Perfeito ▸ A gente está sentindo cheiro de bode na sala. Vai ter toda essa discussão sobre a alta de juros nos Estados Unidos. Há uma percepção muito espraiada de que existe um exagero no mercado americano. Os déficits fiscais lá continuam elevados. E tem o Trump, um presidente bastante excêntrico na Casa Branca. Acho que isso vai estourar este ano e me preocupa o efeito aqui, com eleição. Na hora em que os candidatos forem se apresentar para a população, terão de ocultar mais do que falar, e acho que vai ser bem no período em que essa minha leitura sobre os Estados Unidos pode bater aqui também. Pode ter as duas coisas juntas.

GR ▸ Então o dólar pode disparar?

Perfeito ▸ Eu acho que pode subir um pouco mais. Estamos falando em R$ 3,40 a R$ 3,50 até o fim do ano. As condições de liquidez internacionais ainda estão elevadas e está vindo fluxo para cá.

GR ▸ Na eleição de Lula, o dólar chegou a R$ 4.

Perfeito ▸ Bateu em R$ 4 lá em 2002 e de novo em 2015. Em 2012, os R$ 4 compravam muito mais coisas que os atuais R$ 3,20, o que mostra que o real está apreciado. Alguns motivos conspiram para um real ainda forte. Motivos que conspiram do outro lado: a taxa de juros no Brasil está caindo, pode haver ruídos no mercado internacional e a eleição ainda está muito indefinida.

CAMPO ABERTO

A melancia que veio da Espanha

Produtores gaúchos iniciaram em dezembro a colheita da nova variedade, a pingo doce

Texto **Geraldo Hasse** | Fotos **Marcelo Curia**, de Guaíba (RS)

Uma variedade híbrida de melancia, "quase sem sementes", insinuou-se no mercado brasileiro de frutas a partir de dezembro último, quando começou a colheita dessa novidade olerícola no Rio Grande do Sul, um dos três grandes produtores nacionais, ao lado dos Estados de Goiás e São Paulo, cujas safras rolam posteriormente, de abril a novembro. Esférica, totalmente verde-escura, ela tem o tamanho de uma bola de basquete e pesa, em média, 7 quilos. Apontada como muita rica em açúcares, antioxidantes e licopeno, foi desenvolvida na Espanha pela Nenhems, divisão de sementes da Bayer. Na Europa, essa cucurbitácea é conhecida como fashion; no Brasil, foi batizada como pingo doce após enquete entre funcionários frequentadores do restaurante da matriz brasileira da multinacional alemã.

Interessada sobretudo em vender as sementes, a Bayer recebeu, em 2014, a licença do Ministério da Agricultura para testar a variedade no campo, trabalho coordenado pelo agrônomo Leonardo Herzog, gaúcho de 45 anos que exerce o cargo de "gerente nacional de contas melancia". Em 2017, após alguns testes de mercado, ele organizou a arrancada comercial com a produção inicial de uma dezena de hortifruticultores do Rio Grande do Sul, todos habituados a fornecer para atacadistas e redes de supermercados.

Em fins de janeiro, com a safra gaúcha próxima do fim, Leonardo levou um grupo de repórteres ao interior gaúcho para mostrar a pingo doce sendo colhida nas lavouras e embarcada em caminhões para viagens a pontos de estocagem e venda. Foi um raro tour de jornalistas em favor de uma fruta ainda dominada pelo comércio informal em caminhões estacionados à sombra de árvores em caminhos rurais e urbanos.

Uma das apostas da Bayer para qualificar a cadeia de negócios da melancia é o credenciamento de atacadistas como Neimar Grossler, um dos maiores atacadistas da Ceasa de Porto Alegre. "Ele construiu uma câmara fria para conservar a pingo doce", elogia Leonardo. Já um grande produtor ativo no Vale do Rio Jacuí, surpreendeu os concorrentes ao mandar um caminhão de melancias para uma rede de supermercados de Fortaleza, a cinco dias de viagem – consta que a carga coberta com uma lona especial chegou bem ao litoral cearense, onde a melancia fresca disputa o mercado de hidratantes com o coco e diversos sucos de frutas.

Enquanto rodam as carretas, não restam dúvidas de que o elo mais frágil da cadeia produtiva das melancias, entre outros hortifrútis, fica no campo. Estima-se que 70.000 hectares sejam cultivados no país. No Rio Grande do Sul, as lavouras profissionais não somam mais que 8.000 hectares, calcula o agrônomo Jairo Kupsinkü, da Agrotécnica, distribuidora de insumos rurais em Porto Alegre.

Seja em lavouras amadoras ou comerciais, o principal problema de produção é a vulnerabilidade ao clima. Uma estiagem mais prolongada nos períodos de floração e frutificação pode provocar infestações de insetos transmissores de viroses. Nesta temporada 2017/2018, no Rio Grande, o vilão foi o tripes, mosquitinho de 2 milímetros de comprimento que se aproveita do calor para formar colônias devoradoras das folhagens. O pessoal da Bayer acredita que as perdas gaúchas, estimadas em 40%, devem ser compensadas por um melhor desempenho em Goiás, que produz de abril a agosto, e em São Paulo, onde a safra ocorre de setembro a novembro.

Alto varejo

Na primeira quinzena de fevereiro, a pingo doce estava sendo vendida em pedaços na maior rede de supermercados de Porto Alegre a R$ 2,99 o quilo – o topo da valorização de uma fruta que tende a ficar mais barata à medida que avança o verão. Em vez de alegrar-se com a sustentação do preço, o horticultor Luiz Kawano, de 65 anos, estabelecido há deca-

Glovane (Mano) Moresco, horticultor em Guaíba (RS); e, abaixo, o produtor Luiz Kawano

das no interior de Guaíba, em plena região metropolitana gaúcha, estava preocupado com uma série de outras coisas: a queda da cotação de alguns hortifrútis no atacado, a concorrência de outras variedades de melancias, a retração generalizada dos consumidores por falta de dinheiro e, ainda, a notícia de que seu megacliente (Walmart) estaria passando ao controle de um grupo internacional de investidores (desses que eventualmente são considerados fundos abutres). Perigo na área. "A nova melancia tem futuro, não há dúvida, mas o sucesso no mercado não depende só da qualidade", disse ele à GLOBO RURAL, lembrando quanto o mercado de hortifrútis é confuso: enquanto ele se sentia ameaçado ao receber R$ 1,20 por quilo da pingo doce, a média auferida pelos melancieiros gaúchos, segundo fontes oficiais, estava em R$ 0,46 o quilo, com pagamento em 30/45 dias nos melhores casos e 90/120 dias no outro extremo, sempre com risco de calote.

Felizmente para Luiz Kawano e seus colegas do Rio Grande do Sul, o novo plantio de melancia será apenas em agosto/setembro. Até lá, o mercado da melancia dependerá do comportamento das safras paulista e goiana. Aos hortifruticultores gaúchos restara a oportunidade de se sustentar com outras frutas e hortaliças. Luiz, por exemplo, é forte em alface e louro. Se for descartado pelo megacomprador multinacional, talvez tenha de reduzir seus plantios ou juntar-se aos irmãos Milton e Nelson, vizinhos que são fornecedores de outras redes de supermercados. É também possível fazer parcerias de emergência com outros produtores. Vale o exemplo de Giovane (Mano) Moresco, de 32 anos, horticultor que mantém também em Guaíba uma sociedade com o pai, José Antonio Moresco, tradicional produtor de melões, pêssegos e pimentões.

No segundo semestre de 2017, animados com o convite para produzir a pingo doce, os Moresco chegaram a arrendar 20 hectares de terras vizinhas. Conseguiram um bom rendimento (40 toneladas por hectare, o dobro da média nacional), mas Mano reconhece que falta aprimorar o manejo da maior das cucurbitáceas. Está em jogo, segundo ele, um gigantesco mercado que começa na seleção de sementes na indústria-mãe e passa por viveiristas que desenvolvem mudas em bandejas plásticas. Custando pelo menos R$ 0,60 por unidade, uma semente híbrida chega a produzir seis frutas por pé. Cultivando-se de 2 mil a 3 mil sementes por hectare, é possível fazer calculos milionários, mas, no final das contas, assegura Mano, "a melancia é uma loteria que depende do clima, do mercado e até da mão de obra disponível". No sítio de apenas 15 hectares dos Moresco, até os cachorros comem as sobras de melancia.

Manejo mínimo

O agrônomo Leonardo Herzog, formado há 20 anos na UFRGS, precisou buscar na Europa a tecnologia de manejo correto da melancia pingo doce. Em 2016, ele coordenou uma viagem técnica de produtores a lavouras espanholas, de onde trouxe um pacote de recomendações aos parceiros. Principais dicas:

Polinização

Nas lavouras, é preciso intercalar uma variedade polinizadora (com sementes) para propiciar a frutificação das variedades híbridas. A Bayer recomenda a proporção de 70 sementes híbridas para 30 polinizadoras, mas sabe-se que alguns agricultores semeiam melo a meio, já que estão acostumados com as variedades com sementes – baby, premium e outras. A Bayer recomenda, para cada hectare, a instalação de duas caixas de abelhas. Segundo Leonardo, o respeito aos insetos, aos solos, às plantas, aos agricultores e aos consumidores "é uma questão de compliance para a Bayer".

Irrigação

A irrigação é indispensavel para minorar o risco de estiagens. Recomenda-se o sistema de gotejamento (com fertirrigação) allado à cobertura plástica dos camalhões, para evitar invasoras.

Viveiros de mudas

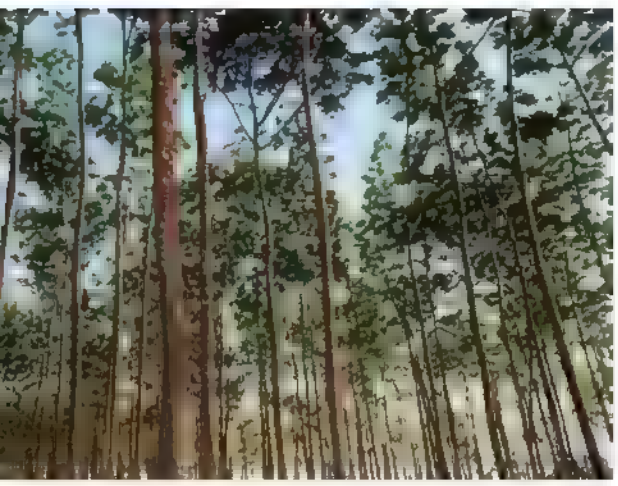
Cresce na cadeia de produção de hortifrútis a figura do viveirista. Alguns já usam porta-enxertos em culturas como pimentão e tomate. A melancia é candidata à bola da vez.

Por Vinicius Galera (vgalera@edg obo.com.br)

MEIO AMBIENTE

Recuperar florestas com lucro

Estudo inédito que acompanhou um ciclo alternativo completo de plantio e corte de paricá, espécie nativa da Amazônia, revela que é possível lucrar com a regeneração da floresta visando a ciclos futuros de corte em manejo sustentável. O trabalho é resultado de uma parceria entre a Embrapa Amazônia Oriental e o grupo madeireiro Arboris. Entre 1995 e 2008, um ciclo completo de plantio e corte da espécie em florestas degradadas e com pouca ou baixa produtividade foi monitorado em uma fazenda do município de Dom Eliseu (PA). Os resultados indicaram ganho econômico 36% maior nas áreas em que foi promovida a regeneração em comparação a uma área de recuperação natural após o corte em sistema de manejo. Os responsáveis pela pesquisa dizem que a metodologia de plantio pode ser aplicada em mais de 19 milhões de hectares de florestas em diversos níveis de degradação existentes no Estado, gerando desenvolvimento econômico e ambiental para a região amazônica.



© 1

CAFE

Nova opção contra a broca

© 2

A BASF está lançando um inseticida para combater a broca-do-café, uma das pragas que mais acometem as lavouras pelo Brasil. De acordo com a empresa, o produto é uma opção para rotação de ingredientes ativos para o manejo de resistência indicado para o uso a partir do período de frutificação do cultivo, quando a praga atinge infestação entre 1% e 3% de frutos brocados. O inseticida Verismo, segundo a companhia, é uma solução com um novo princípio ativo pertencente ao grupo químico semicarbazone e tem alta eficiência de controle e ação rápida sobre o inseto.

VINHOS

Tradição legal

© 3

A partir da próxima safra, um grupo formado por 11 pequenos produtores de vinho artesanal do Rio Grande do Sul vai poder vender e divulgar seus produtos utilizando o talão do produtor rural para a emissão de notas, sem necessidade de abrir uma empresa. Em um trabalho articulado pela Embrapa Uva e Vinho, pelo Instituto Brasileiro do Vinho e pela Emater/RS, os vinicultores, que já tinham viabilizado a Lei do Vinho Colonial, editada em 2014, estruturaram um protocolo de adequação de boas práticas decisivo para a legalização da atividade. "A legislação é direcionada aos pequenos produtores, que elaboram até 20.000 litros de vinho por ano e possuem 100% de uvas próprias. Eles precisam seguir normas específicas e adequadas a sua realidade para garantir a qualidade do produto", diz Alexandre Hoffmann, pesquisador da Embrapa Uva e Vinho.

© ERNESTO DE SOUZA/EDITORA GLOBO 2 NIGEL CATT, IN/GETTY IMAGES 3 E 4 TH NKSTOCK

IRRIGAÇÃO

Arroz com menor uso de água

Tradicionalmente, costuma-se pensar o arroz como uma cultura de solo inundado. Mas uma técnica de manejo de irrigação desenvolvida pelo engenheiro agrônomo André Borja Reis, durante seu doutorado na Esalq/USP, conseguiu economizar 50% de água e 15% no uso de fertilizantes numa área de cultivo no município de Lagoa da Confusão, no Tocantins. "A inundação do arroz é uma prática enraizada, mas pode ser repensada em áreas de várzeas do Cerrado. O arroz precisa do fornecimento adequado de água para conseguir completar suas funções fisiológicas plenas, mas isso não necessariamente significa inundação", diz. André explica que o bioma do Cerrado tem características de solo distintas das várzeas tradicionais, sem aptidão para a inundação com o uso de pouca água. Os resultados da pesquisa mostraram que o sistema proporcionou ao solo parcialmente preenchido por água um incremento de cerca de 20% na cultura, que passou de 6 toneladas por hectare para cerca de 7 toneladas na colheita, pois as plantas conseguiram absorver mais nutrientes naturais do solo e produzir mais com o sistema. A vantagem da pesquisa é que o método pode ser aplicado em outras áreas de cultivo de arroz no Cerrado.

CURSOS 2018

Invista no seu conhecimento!

Conheça o calendário de cursos de SAFRAS & Mercado e prepare-se para os grandes desafios do agronegócio em 2018

safras &mercado EDUCACIONAL

Trading School Milho e Soja

Gestão Estratégica na Comercialização de Café

Gestão Estratégica na Comercialização de Algodão

JANEIRO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
FEVEREIRO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
MARÇO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
ABRIL	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
MAIO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
JUNHO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
JULHO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 25 26 27 28 29 30 31
AGOSTO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 16 17 18 19 20 22 23 24 25 26 27 29 30 31
SETEMBRO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
OUTUBRO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
NOVEMBRO	1 2 3 4 5 8 9 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 29 30
DEZEMBRO	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

INSCREVA-SE: (11) 3053-2736 (11) 95219-7239 educacional@safras.com.br

por Vinicius Galera vgalera@edglobo.com.br

A redescoberta do Brasil

Obra mergulha na pré-história brasileira a partir de pesquisas científicas recentes

Apesar do título, *1499 – O Brasil antes de Cabral* não trata do ano imediatamente anterior à chegada da esquadra do comandante português ao Brasil. O livro vai muito além disso, ao revelar como uma volumosa produção científica produzida nas últimas décadas está mudando a abordagem tradicional sobre a pré-história brasileira.

Ao mergulhar em um período de quase 15 mil anos, quando os brasileiros primitivos começaram a adotar técnicas de cultivo que interferiram na paisagem natural, o livro desmitifica o "estereótipo da imobilidade perpétua dos nativos" retratando um território – em grande parte o que viria a constituir o Brasil atual – "infinitamente mais vibrante e complexo", com metrópoles perdidas na Amazônia, um intenso comércio e uma ampla produção cultural.

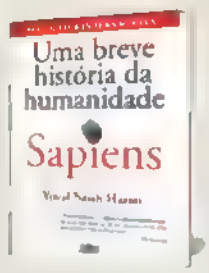
1499 – O BRASIL ANTES DE CABRAL
AUTOR: Reinaldo José Lopes
EDITORA: HarperCollins Brasil
PREÇO: R$ 34,90

Um dos méritos do livro é que ele foi escrito por um jornalista especializado em ciência. Isso é importante porque, além de trazer à tona a produção científica atualizada, o autor consegue explicar estudos e conceitos de modo claro e acessível, fazendo aproximações com o mundo contemporâneo e criando uma narrativa viva e interessantíssima sobre o velho mundo "brasileiro".

O QUE ESTOU LENDO

Antônio Felipe Wouk médico veterinário e professor da Universidade Federal do Paraná

"Estou concluindo a leitura de *Sapiens: uma breve história da humanidade*. É um livro que fascina pela forma como descreve a evolução do ser humano e do planeta. Aborda, sobretudo, a capacidade do homem de compreender e transformar o mundo em sua volta, por ter a condição de sonhar e de encontrar os elementos disponíveis na natureza para a consecução dos seus sonhos. Nesta obra, também se revela especialmente importante a relação do *Homo sapiens* com os animais, subjugando os mais fortes e ferozes com a sua inteligência e associando-se àqueles que lhe eram úteis. A partir da análise das revoluções que o homem provoca na sua forma de viver e de se relacionar, incluindo a extinção de espécies e desastres ecológicos, o autor faz uma análise crítica e trata de projetar o futuro da humanidade. O livro permite aos profissionais que atuam na promoção da saúde única, que envolve a saúde do homem, dos animais e do planeta, entender sistemicamente todas as inter-relações dessa tríade: um entendimento histórico, dos dias de hoje e de como poderemos e deveremos agir para um futuro mais equilibrado da humanidade."



SAPIENS – UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE
AUTOR: Yuval Noah Harar
EDITORA: L&PM Editores
PREÇO: R$ 59,90

Livro mostra evolução da cultura da soja

A soja se tornou pilar do PIB do agronegócio brasileiro em grande parte graças ao trabalho de melhoramento genético promovido por instituições públicas como a Embrapa. Essa obra, escrita por especialistas, mostra como o melhoramento do grão foi importante para alavancar a cultura, fazendo do país um gigante no cenário mundial. O livro dá uma dimensão completa do avanço. Trata da evolução histórica da técnica, expansão do cultivo, métodos, cultivares, transgênicos, marcadores moleculares, qualidade nutricional, aspectos econômicos, etc. Um título de referência, atualizado e completo sobre o principal cultivo do país.

MELHORAMENTO DA SOJA
AUTORES: Felipe Silva Aluízio Borém, Tuneo Sediyama e Willian Judke
EDITORA: UFV
PREÇO: R$ 132

DIVULGAÇÃO/ACERVO PESSOAL

"QUANDO O SISTEMA POLÍTICO ENTROU EM MODO DE AUTODEFESA, VIROU AS COSTAS PARA A ECONOMIA. ISSO É MUITO GRAVE. PORQUE O QUE O SISTEMA POLÍTICO ESTÁ DIZENDO É: A MINHA SOBREVIVÊNCIA VEM ANTES DA SOBREVIVÊNCIA DA ECONOMIA"

MARCOS NOBRE
PROFESSOR DA UNICAMP E COLUNISTA DE POLÍTICA DA REVISTA ÉPOCA

NOVOS COLUNISTAS E COLABORADORES

CONRADO HUBNER MENDES
Professor da USP
POLÍTICA E TEMAS NACIONAIS

PAULO ROBERTO PIRES
Escritor e professor da UFRJ
CULTURA E SOCIEDADE

MONICA DE BOLLE
Professora da Johns Hopkins University
ECONOMIA

ARIEL PALACIOS
Jornalista e correspondente internacional
AMÉRICA LATINA

ÉPOCA
FEZ 20 ANOS E MUDOU.

RELEVÂNCIA, EXCLUSIVIDADE E ORIGINALIDADE DE SEUS ASSUNTOS E PERSONAGENS. NOVOS COLUNISTAS. INFORMAÇÕES APURADAS. JORNALISMO PROFISSIONAL E DIREÇÃO DE ***DANIELA PINHEIRO***.

CONHEÇA A NOVA ÉPOCA. SURPREENDA-SE.

Toda sexta-feira nas bancas, tablets e smartphones, agora disponível no *Globo Mais*.

Baixe grátis

EDITORA GLOBO

Leite dia e noite

Alta tecnologia, genetica de ponta, atenção ao meio ambiente e bem-estar do gado permitem a Agrindus produzir 60 mil litros ao dia e faturar anualmente R$ 65 milhões

Sebastião Nascimento | Rogerio Albuquerque e Fabiana Acorsi, de Piracicaba (SP)

O criador Roberto Jank Júnior na Fazenda Agrindus, em Descalvado (SP)

Ele carrega leite no DNA. Aos 53 anos, 35 deles dedicados à pecuária, Roberto Jank Júnior comanda as operações da Agrindus S/A, uma das três maiores empresas produtoras de leite do Brasil, sediada em Descalvado, no interior paulista. São 1.700 vacas em lactação, que produzem 60.000 litros de leite ao dia – ou 1,8 milhão ao mês, ou 21,9 milhões de litros por ano.

A empresa é verticalizada e calcula a produção de leite por hectare, um diferencial em relação a outras indústrias do leite no Brasil. "É o compromisso de aumentar de forma sustentável o volume produzido anualmente", afirma Roberto Júnior, que trabalha ao lado do pai, Roberto Jank, de 79 anos, e do irmão Jorge, de 49. Em 2005, a produção das vacas era de 13,7 milhões de litros por ano; em 2011, saltou para 16 milhões de litros; neste ano serão 21,9 milhões de litros; e a expectativa é que mais 2 milhões sejam acrescentados até 2020, com o total de 2.100 fêmeas lactantes. Para atingir essa meta, os investimentos visam, principalmente, à elevação da produtividade das vacas via genética de primeira linha e ganho em eficiência.

O crescimento acelerado da produção caminha paralelamente ao respeito ao meio ambiente e ao bem-estar do gado, explica Roberto Júnior. "A Agrindus dedica muita atenção ao uso racional dos recursos naturais, o que pode ser visto nas práticas de reúso da água, manejo de dejetos e reciclagem de nutrientes", diz. A fazenda não usa fertilizantes químicos no capim e outro ponto de destaque é o conforto dos animais nas diversas fases de criação. "Bem-estar animal é o principal investimento que o produtor deve fazer", ensina o fazendeiro.

O grupo cresce mesmo com o cenário desfavorável ao leite. Em 2017, o preço pago pelo litro retrocedeu 18%, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP). Nos últimos anos, muitas fazendas se desfizeram dos rebanhos por causa dos altos e baixos da pecuária leiteira. Já a Agrindus resistiu às instabilidades e não tirou o pé do acelerador, afirma Roberto Júnior.

O pecuarista diz que a produção na fazenda cresce alavancada pela melhora no consumo *per capita* de leite e de seus derivados no país. O consumo interno no Brasil, que estava em 100 litros de leite/ano *per capita* há dez anos, evoluiu para os atuais 170 litros. Recentemente, porém, a crise econômica provocou uma estagnação no consumo, mas a perspectiva para este ano é de crescimento.

O movimento na Agrindus é semelhante ao de uma cidade, e Roberto Júnior é o "prefeito". Em uma motocicleta, ele diariamente costuma percorrer os 2.000 hectares da fazenda, que tem 240 funcionários registrados, muitos dos quais moram com suas famílias nas 65 casas da propriedade. No total, são mais de 350 pessoas. Roberto confere tudo, da comida nos cochos das vacas ao bezerrinho que acaba de nascer. Não pode parar, afinal, a propriedade cultiva também laranja e milho e engorda boi. Sim, o leite é a principal atividade, mas não a única, e todas estão interligadas. "Desde o início de sua história, em 1945, a Agrindus optou por estratégias de agregação de valor à matéria-prima", diz.

Roberto Júnior mora na fazenda. Prefere estar próximo da lida mesmo tendo casa em Descalvado. "A grande maioria das vacas aqui na Agrindus permanece deitada. Você sabe a razão? É que, quando se sentem bem, os animais permanecem a maior parte do tempo deitados em descanso", ensina Roberto. Com a convivência diária com o gado, ele

Roberto Jank, 79, que introduziu a inseminação artificial na fazenda na década de 1960

O PRINCIPAL INVESTIMENTO DA FAZENDA É O BEM-ESTAR ANIMAL, DIZ ROBERTO JÚNIOR

Gado durante o descanso na Agrindus

passou a entender o comportamento dos animais. As fêmeas deitadas e preguiçosas na Agrindus superam em grande número as que estão em pé.

Pai de três moças, de 26, 22 e 21 anos, o agrônomo, formado há 22 anos em Espírito Santo do Pinhal (SP), ainda encontra tempo para gerenciar outras três propriedades da família, todas em Mato Grosso do Sul. Uma fica em Camapuã, onde por meio da tecnologia de inseminação artificial em tempo fixo (IATF) nascem bezerros de cruza industrial de nelore com angus. A outra, em Corumbá, tem recria e engorda. Em Aquidauana, no Pantanal mato-grossense, Roberto comanda uma fazenda exclusiva para cria, que pertence a uma prima. A bezerrada é comercializada na própria região, que possui uma forte pecuária de corte.

Melhoramento genético

O ritmo de Roberto Júnior é acelerado, mas a pecuária é uma paixão. "Vou a cada 60 dias para as fazendas de Mato Grosso do Sul e permaneço entre quatro e cinco dias em cada uma", diz ele, que também participa de entidades de classe dos pecuaristas. Roberto é vice-presidente de duas delas, a Leite Brasil e a Associação Brasileira dos Produtores de Leite.

A Agrindus foi fundada em 1945 por familiares de Roberto Júnior vindos da Alemanha em 1932, antes da ascensão nazista e da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Roberto Jank, o pai, também agrônomo, assumiu as rédeas do negócio no ano de 1961.

"Meu pai sempre acreditou na moderna tecnologia. Em 1967, ele foi para os EUA fazer um curso de inseminação artificial, técnica na época pouco conhecida no Brasil. Retornando, implantou a técnica por aqui. Não tenho dúvida de que a Agrindus foi uma das primeiras no Brasil a acelerar a qualidade do rebanho por meio da inseminação artificial", afirma o filho.

Em 1975, o grupo deixou de usar touros, tornando o aprimoramento do rebanho muito mais veloz e seguro. O pai foi substituindo o gado péduro (mestiço), ruim de leite, por vacas holandesas puras (HPB-PO). Trouxe novilhas argentinas e sêmen resfriado de touros americanos comprovados na reprodução de vacas leiteiras.

Mais tarde, o advento de tecnologias como a transferência de embriões (TE) e a inseminação artificial em tempo fixo imprimiu mais velocidade e certeza ao melhoramento genético, elevando a produtividade das vacas.

São 4 horas da madrugada na Agrindus. Calmamente, 1.700 vacas holandesas puras de origem (HPB-PO) começam a dar entrada para a primeira ordenha do dia. Algumas delas fornecem a média expressiva de 60 a 70 litros de leite ao dia. São exceções. A média geral das fêmeas é de 38 litros ao dia e são realizadas três ordenhas du-

Sala de ordenha da Fazenda Agrindus

A MÉDIA DE PRODUTIVIDADE DAS VACAS É DE 33 LITROS AO DIA, MAS ALGUMAS CHEGAM A 60 LITROS

rante as 24 horas. Para comparação, a média diária de leite no país está bastante aquém e é de 6 litros por vaca ao dia.

"Genética e alimentação fazem a diferença", afirma Roberto Júnior. Como a agregação de valor pauta a atividade, a fazenda planta seu próprio milho para produção de silagem. Todo o grão vai alimentar a vacada e a complementação é feita também com o capim tifton cortado verde no verão. No inverno, aveia é destinada aos bovinos.

Terminada a primeira ordenha, as fêmeas retornam ao trato e as informações sobre o volume de ração a ser distribuído a cada lote chegam via computador. A tecnologia permite que o trabalhador saiba de antemão a quantidade de silagem que vai para o cocho. Não há desperdício. As outras duas ordenhas são realizadas ao meio-dia e às 8 horas da noite. Depois da última esgota, o ciclo recomeça. É preciso limpar e higienizar as salas de ordenha e alimentar o gado. "Às 3 horas da manhã, o pessoal responsável pelos silos está a postos", conta Joel Custódio da Silva, gerente do setor de pré-parto da fazenda. Ele está há 14 anos na função.

Foi Roberto quem implantou a terceira ordenha ao chegar à Agrindus, em 1984. Ele, com a permissão do pai, passou a confinar o gado. Foi um divisor de águas. "Solto no pasto, o gado leiteiro ocupava a fazenda inteira. A intensificação ao mesmo tempo diminuiu a área do gado enquanto a produção de leite subiu", afirma.

As 1.700 vacas em lactação são mantidas em

Ciclo da cria na fazenda

Desde 1975, a empresa deixou de usar touros nas coberturas de fêmeas e foi uma das pioneiras na inseminação artificial

MATERNIDADE
As bezerras ficam na instalação por três dias, para tomar o colostro e receber os cuidados iniciais com saúde. Nesta fase, elas aprendem a mamar para seguirem saudáveis para a bezerreira

BEZERREIRA 1
Nesta etapa, tomam leite por 65 dias e ficam instaladas até os 85 dias para adaptação na dieta ministrada após o desmame, composta por feno e concentrado

NOVILHAS
Nesta fase, ficam dos 3 aos 6 meses. É quando o animal entra em contato com o carrapato e passará a ganhar imunidade à tristeza parasitária bovina. Também ali será adaptado a uma dieta completa, parecida com a das vacas adultas

free stall (baia livre) e divididas em lotes de acordo com o status reprodutivo. Além da silagem de milho e dos alimentos concentrados, a dieta conta com forragem verde picada, colhida todos os dias.

O free stall é um galpão coberto, com uma cama de areia para cada animal. As vacas permanecem ali o dia todo confinadas e não se sentem desconfortáveis na temperatura elevada do Brasil. A raça holandesa, como o nome diz, é originária dos frios ambientes europeus.

Para mover essa indústria, a Agrindus investe perto de R$ 2,5 milhões a cada dois anos em novos sistemas de ordenha automatizada, galpões para alojamentos das vacas e equipamentos que lhes proporcionam conforto térmico para enfrentar o calor, como ventiladores e aspersores nos estábulos. Desde o início, o melhoramento genético é usado para aprimorar a qualidade do gado, segundo Roberto. E olha que todas as fêmeas são puros-sangues holandesas, raça que mais produz leite em todo o mundo.

Usinas de leite

Recentemente, foi construída uma grande sala climatizada, que permite às vacas em pré-parto permanecerem sob uma temperatura confortável de 18 °C. Lá fora, no final de janeiro último, o termômetro marcava 30 °C. As vacas holandesas são verdadeiras usinas de leite, mas não gostam do calor intenso. "O estresse térmico prejudica a qualidade do produto final", afirma Roberto.

Toda essa tecnologia permite à empresa alcançar uma das mais altas produtividades por hectare do país: 40.000 litros de leite por hectare ao ano com o gado confinado. A média brasileira patina ao redor dos 1.600 litros por hectare.

Os funcionários Joel Custódio da Silva *(à dir.)* e Antonio das Dores Brambilla

Intensificar é outra das palavras mais usadas na Agrindus. "Permite ganho econômico e é sustentável, já que menos área é ocupada", informa Roberto. A pecuária leiteira, que chegou a usar a área total da fazenda, hoje está acomodada em 500 hectares e seu espaço vai ficar mais acanhado. Produzir bem e em menor espaço é um dos requisitos básicos da moderna pecuária.

A Agrindus produz leite do tipo A. Entregue à Nestlé em carretas fechadas, a qualidade do produto permite receber R$ 1,45 pelo litro. Em 2017, a gritaria no país foi geral, pois o mercado estava cotando o produto a menos de R$ 1 o litro. "É que o leite produzido aqui e que leva a marca Letti tem origem e é rastreado", explica Roberto. A qualidade garante um preço mais alto. Como a carga bacteriana é baixa e o produto que sai da vaca é imediatamente pasteurizado, o tipo A tem 15 dias de validade.

A empresa, cujo faturamento no ano passado foi de R$ 65 milhões, possui um laticínio próprio

4 REPRODUÇÃO
A inseminação é feita a partir de 1,25 metro de altura, em torno dos 14 meses de idade. O cio é constantemente observado para garantir que as novilhas tenham o primeiro parto até os 25 meses

5 FREE STALL
A estabulação livre é utilizada para todos os animais adultos em produção e secos. Visando ao bem-estar, os animais têm acesso a piquetes-solários, para que possam se exercitar, deitar no capim e tomar sol sempre que desejarem

6 PRÉ-PARTO
São duas fases: de 60 até 30 dias antes do parto, com dieta de baixa energia e muita fibra; de 30 dias até o parto, elas recebem uma dieta aniônica, com a finalidade de reduzir problemas metabólicos na fase de transição e no pós-parto

7 PÓS-PARTO
Esta é uma fase crítica, devido ao desconforto das vacas com as dores do parto e à transição de dieta. Por isso a fazenda utiliza um túnel de vento, onde a vaca pode deitar com muito conforto. A temperatura do ambiente está sempre abaixo de 23 °C

A EMPRESA PRODUZ DERIVADOS COMO IOGURTE, CREME DE LEITE E QUEIJO FRESCO

e verticaliza a produção com derivados como iogurte de vários sabores, creme de leite e queijo fresco. "Fabricamos também um tipo único de iogurte grego sem lactose e que é servido na forma de bebida", diz. Os derivados são distribuídos em 60 cidades de Estados como São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais. "Em nove municípios, entregamos nos domicílios", informa o fazendeiro.

A obsessão pela qualidade levou a Agrindus a ser a única no Brasil do setor leiteiro a receber a certificação Kosher. O documento atesta que os produtos obedecem a normas específicas e rígidas que regem a dieta judaica ortodoxa, explica Roberto. "O certificado é reconhecido mundialmente e atesta que o produto possui controle máximo de qualidade." E mais: rabinos espalharam câmeras pelas áreas de produção e fiscalizam o sistema de ordenha ao vivo, conta o pecuarista.

Enquanto a produção de leite aumentou, a área ocupada com a atividade diminuiu. Cedeu lugar para a introdução da laranja, em 2003. Hoje, a fruta ocupa 40% do espaço total da fazenda. Segundo Roberto Júnior, leite e laranja oferecem segurança ao caixa da Agrindus. É que o primeiro tem custos em dólar e a remuneração é em real. No caso da fruta, os contratos de venda são estabelecidos pela moeda americana e os custos fixados em reais. "Colhemos 870 mil caixas ao ano e o preço da laranja melhorou bem nas duas últimas temporadas", diz.

A Agrindus também confina gado e usa 17% da área com a pecuária de corte. Engorda 1.500 cabeças ao ano. Já o milho e a pecuária de leite ocupam 30%. O grão é utilizado na alimentação do gado de corte e de leite, barateando os custos. Roberto informa que 23% da área é de Reserva Legal. No Estado de São Paulo, toda propriedade rural tem de ter 20% de sua área protegida.

Como é uma das maiores referências em seleção genética do país, a Agrindus faz disso uma importante fonte de renda. Uma vez ao ano, realiza um leilão para comercialização de animais. Coloca em oferta vacas e novilhas e acrescenta habitualmente pelo menos R$ 1,5 milhão ao seu caixa. Cerca de 1.000 fazendeiros marcam presença.

Cenário melhora este ano

A Scot Consultoria, de Bebedouro (SP), prevê que o Brasil deverá produzir 35,091 bilhões de litros de leite neste ano, um pouco acima dos 34,470 bilhões estimados preliminarmente para 2017. "No ano passado, a produção cresceu cerca de 2,8% e, por isso, sobrou leite no mercado", diz Rafael Ribeiro, analista de pecuária da Scot.

Ele observa que neste ano a economia começou a melhorar e o consumo doméstico de leite e derivados deverá aumentar e premiar o produtor com preços melhores. "Em 2017, a recessão pesou e o pecuarista sofreu com a queda na cotação recebida pelo litro de leite. Além disso, a produção subiu em relação aos anos anteriores, e esse contexto prejudicou o caixa nas fazendas."

Rafael alerta para as condições climáticas adversas deste ano, que estão afetando a produtividade das lavouras.

"São projeções, mas a saca de milho, que era negociada a R$ 20, R$ 22 em 2017, pode ir ao longo deste ano a R$ 30, R$ 35", diz.

O analista elogia a capacidade de fazendas como a Agrindus em procurar a melhora constante, seja na genética e no manejo do gado, seja na aquisição de maquinários modernos.

Segundo Rafael, as marcas agregam valor à atividade e não sofrem com os altos e baixos da pecuária de leite brasileira.

"Quem não incrementar a produtividade e também não usar áreas menores para a exploração do leite pode ser obrigado a deixar a atividade", afirma ele.

MONITORE O TEMPO E AUMENTE A PRODUTIVIDADE DE SUA FAZENDA

Globo Rural e **Somar Meteorologia** se uniram para te ajudar a acompanhar o tempo e a gerir melhor sua propriedade. Assim, além de acompanhar o clima, você ainda vai ter a melhor informação sobre o agronegócio.

Acesso por computador e mobile

PLANOS MENSAIS INCLUINDO A ASSINATURA DE GLOBO RURAL

- Saiba o **melhor momento para plantar** com base na previsão para a sua fazenda
- Mapas diários com **volumes de chuva** e **temperaturas**
- **Chuvas e temperaturas** registradas em todas as regiões
- **Alertas** de pragas e geadas
- Calendário **fitossanitário**
- Análise do **clima por cultura**
- **Balanço hídrico** diário
- **Boletins diários** em vídeo

www.revistagloborural.com.br/agrosomar

GLOBORURAL somar METEOROLOGIA

Mato Grosso acelera colheita

Tecnologia permite aproveitar ao máximo as janelas de tempo bom neste verão, em que as chuvas dificultam os trabalhos de campo

Texto **Rodrigo Vargas** | Fotos **Chico Gomes** de Campo Verde (MT)

Desde o início de janeiro, uma operação de guerra se desenrola em todas as regiões de Mato Grosso. A missão, que deve durar até meados de março, envolve mais de 10 mil colheitadeiras de alta tecnologia, além de uma tropa formada por milhares de operadores especializados, técnicos agrícolas, mecânicos e auxiliares.

O front é imenso. Na safra 2017/2018, os agricultores de Mato Grosso plantaram 9,5 milhões de hectares de lavouras de soja. A estimativa do Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária (Imea) é que essa área, equivalente a 60 vezes o território da cidade de São Paulo, produza quase 31 milhões de toneladas da oleaginosa.

Até que seja embarcado em caminhões, vagões de trens e barcaças e chegue aos porões de grandes navios graneleiros, no entanto, esse volume tem de ser colhido com a eficiência e a precisão de um relógio.

Nas operações de colheita, é preciso aproveitar ao máximo as janelas de tempo bom, como são chamados os períodos de trégua das frequentes chuvas de verão. E, principalmente, estar pronto para iniciar o plantio de uma segunda safra (algodão e milho, principalmente).

Em Campo Verde, a 120 quilômetros de Cuiabá, na propriedade de 1.000 hectares que leva seu nome, a produtora rural Leila Rugeri, de 41 anos, conta que começa a preparar a colheita da soja antes mesmo do plantio.

"O produtor deve pensar em todos os cenários para evitar que a colheita pare. Não pode perder nenhum segundo", afirma ela, que atua como administradora da propriedade, aberta na década de 1980 pelo pai, Leonir, oriundo da cidade gaúcha de Crissiumal. Leila não exagera. No cenário altamente tecnificado da produção agrícola do Esta-

Lelia Rugeri, produtora rural em Campo Verde (MT)

do, os ciclos de produção são planejados com estreitas margens de manobra. Cada dia perdido tem consequências imediatas no custo de produção.

O investimento na manutenção preventiva do maquinário, segundo ela, é um dos primeiros passos para se evitar surpresas – e também economizar. "Quem deixa para revisar as máquinas de última hora, por exemplo, paga bem mais por peças e serviços. Fazendo antes, você aproveita as promoções das fábricas", explica ela.

Um recente levantamento do Imea nas lavouras do Estado estimou que as despesas relacionadas com operação e manutenção de máquinas e implementos (além da depreciação, considerando-se uma vida útil média de dez anos para uma colheitadeira) representam 12% do custo de produção por hectare.

"É uma operação de alto custo. São máquinas caras, com manutenção e mão de obra caras. E, especialmente nesta safra, tivemos o agravante de um grande aumento no preço do óleo diesel", afirma o produtor Junior Garbugio, que começou na primeira semana de janeiro a colher 5.500 hectares de soja em Campo Verde.

Sol e poeira

Quando chegou à região de Jaciara (a 144 quilômetros de Cuiabá), na década de 1980, o gaúcho Giovani Fritsch, hoje com 52 anos, era um dos responsáveis pela operação da única colheitadeira que havia nas terras recém-adquiridas por seu pai. Eram tempos de baixa produtividade, safra única e muito desconforto para quem exercia aquela função.

"Não havia cobertura da cabine. A gente trabalhava o dia todo no sol, respirando a poeira e os resíduos, para colher o que as máquinas de hoje fazem em uma hora", relembra, com um sorriso no rosto.

De acordo com a Aprosoja (Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso), em condições ideais, uma colheitadeira média seria suficiente para uma propriedade de até 1.000 hectares. A variabilidade do clima e o prazo exíguo para a liberação de áreas para novos plantios, porém, exigem que os produtores trabalhem com sobra.

Em 2017, segundo a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), foram vendidas 936 novas unidades no Estado, o equivalente a 20% do total comercializado no mercado nacional (o campeão foi o Paraná, com 999 unidades).

JOSÉ MEDEIROS/ED. GLOBO

MÁQUINAS COM PILOTO AUTOMÁTICO ESTÃO PRESENTES EM MÉDIAS E GRANDES FAZENDAS

O preço de uma colheitadeira nova pode variar de R$ 600 mil a R$ 1,8 milhão, mas, de acordo com os produtores, é um investimento necessário. "A cada dois anos, procuramos trocar uma máquina mais antiga. O ganho em eficiência paga o custo", relata Giovani Fritsch.

A opção de terceirizar a colheita, que seria um caminho teoricamente menos dispendioso, nunca fez sucesso. Além de custar, em média, 6% da produção por hectare, a locação de máquinas esbarra na imprevisibilidade do clima. "Quando o maquinário é alugado, o operador muitas vezes quer colher rápido, o que traz desperdício. E, quando chove, você fica no prejuízo. Com maquinário próprio, você faz do jeito que deve ser", diz Giovani.

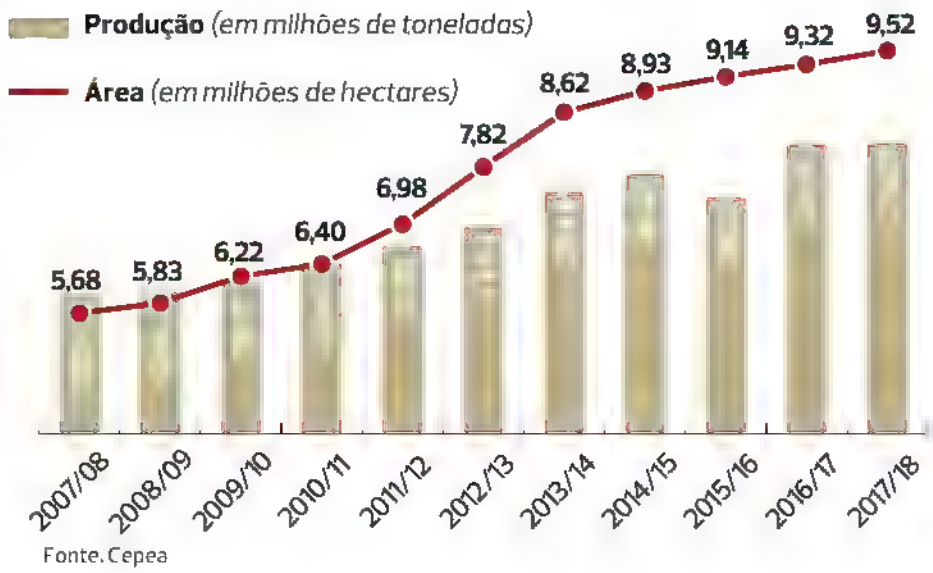
No campo, maquinas com piloto automático, operadas de acordo com pontos georreferenciados, fazem parte do cenário de todas as médias e grandes propriedades. O avanço tecnológico foi tão expressivo que as novidades, atualmente, estão em detalhes: um dos modelos mais recentes, por exemplo, manda mensagens ao celular do proprietario para alertar sobre o risco de panes no motor.

Nas áreas que fazem a segunda safra, o arsenal inclui também as plantadeiras, que são acionadas imediatamente após a colheita da soja. Como em uma prova de revezamento, cada etapa tem de funcionar perfeitamente para que a seguinte seja bem-sucedida.

Na fazenda de Leila Rugeri, o plantio da soja começou depois do previsto, por falta de chuvas, o que poderá causar perdas na lavoura de algodão. "Antigamente, a colheita durava 60 dias. Hoje, você tem de fazer com 20 a 25 dias", diz o paulista Giuseppe Castelli, de 52 anos, gerente da propriedade.

Giovani Fritsch, produtor em Jaciara (MT)

Evolução da soja em MT



Fonte. Cepea

PARANÁ

"Só maluco planta milho"

Com custo de produção próximo ao valor de venda, a conta não fecha, mas a lavoura de verão dá palhada para proteger o solo da erosão

Texto **Wilhan Santin** | Fotos **Sergio Ranalli**

O produtor Sergio Igashibara, de Mauá da Serra, no norte do Paraná, é visto como uma raridade entre muitos de seus colegas. Ele é um dos poucos que, no segundo semestre do ano passado, plantaram milho da safra de verão.

Em todo o Estado, de acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral), apenas 335.000 hectares foram cultivados com milho – foram 514.000 hectares na safra de verão passada. "É a menor área da nossa história", diz Edmar Gervásio, analista de milho do Deral.

No Brasil, estudo da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), publicado em fevereiro, aponta queda de 8,9% na área plantada neste verão em comparação com a da safra 2016/2017, que foi de 4,99 milhões de hectares. Será a menor desde que a instituição passou a registrar os números, em 1976/1977. Há apenas dez anos, 2007/2008, a área plantada com milho no verão era de 9,6 milhões de hectares.

Sergio Igashibara, na lavoura de milho em Mauá da Serra (PR)

A margem de lucro da soja, muito maior, faz com que a oleaginosa predomine nesta época do ano, quando o calor, a incidência de luz solar e as chuvas são mais abundantes na maioria das áreas agricultáveis do país, propiciando produtividades mais altas. "É uma concorrência desleal. A lucratividade da soja está muito superior", afirma Edmar.

"O milho só planta quem é louco", emenda Sergio, apoiando-se nos números. Segundo ele, o atual valor de mercado, em torno de R$ 23 a saca, mal dá para cobrir os custos. "Os insumos não subiram tanto, mas veja a alta que teve o diesel. Além disso, os custos fixos, como manutenções das máquinas e salários dos funcionários, elevaram-se de forma considerável. Se o preço continuar nesse patamar, vai ser decepcionante na hora de vender", relata o produtor.

De acordo com pesquisas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, 19,42 milhões de toneladas de milho das colheitas de 2017 ainda estão no chamado "estoque de passagem". Como devem ser colhidos mais 44,5 milhões de toneladas na atual safra, o volume somado corresponde a 76% do consumo doméstico anual. Por isso o preço permanece baixo – mesmo com a redução da área plantada no verão.

Diante disso, a pergunta se torna inevitável para Sergio Igashibara: se é coisa para maluco, por que o senhor plantou milho?

Um dos pioneiros do plantio direto na região, ele responde sem titubear: porque pensa no futuro. "A cada safra de verão, planto milho em 100 hectares, ou seja, um terço da minha área. Assim, consigo formar uma boa palhada para proteger o solo. Isso é fundamental por aqui, onde chove muitos milímetros em poucos minutos. Não podemos brincar com a erosão." No inverno, ele vai plantar trigo em 30% da área, canola em outros 30% e, no restante, aveia preta para cobertura.

O milho é mais eficiente que a soja quando se trata de deixar cobertura no solo. E produz muito mais no verão do que no inverno, na chamada safrinha. O rendimento de palha é proporcional ao rendimento de grãos. Os dados do Deral paranaense apontam para uma produtividade média de 9,6 mil quilos por hectare no verão e 5,5 mil quilos por hectare na safrinha.

Produtor no município de Rolândia, também no Norte do Paraná, Daniel Rosenthal planta milho no inverno faz dez anos, em um terço da propriedade. O restante é ocupado com trigo, braquiária e aveia. Neste ano, a ideia dele é continuar com a prática, visando a rotação de culturas. Mas está receoso. Fez as contas e está estimando gastar R$ 26 para produzir cada saca de milho. Vendendo a R$ 23 ficará no vermelho.

Risco alto

"Plantar na safrinha é arriscado. Na nossa região temos o risco de geadas e de outras condições climáticas adversas, como secas. O seguro se torna caro. De repente posso até desistir da safrinha para dar mais espaço para as coberturas de inverno, como a braquiária ou aveia, visando o benefício de um solo melhor no futuro", argumenta Rosenthal.

Nas contas dele, 25% dos custos para o plantio do milho se referem aos gastos com o trabalho das máquinas; 50% no desembolso com insumos e outros 25% na parte "pós-porteira", englobando transporte da safra e impostos.

"O risco de o produtor acabar endividado é alto. Tem que analisar bem, calcular. Vem pressão de todos os lados, como de fornecedores dizendo que é melhor comprar deles agora porque logo tudo vai estar mais caro. Mas, e se o preço do milho continuar na casa de R$ 23?", questiona Rosenthal.

PREÇO DE UMA COLHEITADEIRA VARIA DE R$ 600 MIL A R$ 1,8 MILHÃO

Giuseppe explica que o plantio da soja devia iniciar a partir do dia 20 de setembro, mas a estiagem prolongada não permitiu. "Começamos a plantar com uma semana de atraso, mas no pó, porque só foi chover na metade de outubro. Resultado: a colheita da soja atrasou e também o plantio do algodão, que deveríamos terminar em 25 de janeiro."

Houve atraso também na propriedade de Junior Garbugio, que pretendia plantar 1.500 hectares com algodão até o dia 5 de fevereiro, porém, em razão das chuvas, só conseguiu concluir o processo dez dias mais tarde. "Isso vai impactar também na safra de milho", afirma.

Natural de Maringá, de onde veio com o pai, em 1984, Junior lembra que, no passado, a colheita da soja era feita no mês de março. "Hoje, iniciamos na primeira quinzena de janeiro, às vezes até na última semana de dezembro."

Para Antônio Galvan, presidente da Aprosoja, a transformação na rotina das fazendas foi resultado direto de investimentos em pesquisa de novas variedades, que conseguiram aliar produtividade a ciclos cada vez mais curtos.

"O desenvolvimento dessas cultivares abriu espaço no calendário para a segunda safra. O resultado é que a atividade agrícola de hoje não tem mais nada a ver com aquela agricultura que se fazia há 40 anos. É mais rentável, mas também exige mais cuidados", avalia.

Mão de obra

Para o sucesso dessa empreitada, no entanto, não basta apenas investir em maquinário e variedades de última geração. Na equação dos custos da colheita, a mão de obra especializada é um dos fatores mais importantes e, especialmente no caso de Mato Grosso, escassos.

Em algumas regiões, a busca por operadores de máquina fixos ou temporários é constante e nem sempre bem-sucedida. E isso tem consequências,

Giuseppe Castelli, gerente da fazenda da produtora Leila Rugeri

NA REGIÃO DE CAMPO VERDE, UM OPERADOR RECEBE ATÉ R$ 4 MIL POR MÊS

sob a forma de perdas evitáveis e subutilização da capacidade dos equipamentos.

"Com a evolução tecnológica, hoje é muito difícil ensinar a operação de uma máquina dessas a quem não tem o segundo grau", afirma Junior, que mantém uma equipe fixa de operadores para sua frota de sete colheitadeiras. "Investimos constantemente em formação", diz.

Parte da demanda por treinamento é atendida pelos próprios fabricantes por meio de cursos oferecidos em suas redes de concessionarias. Quem também participa do processo é o Senar-MT (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso), que, de 2011 a 2016, abriu quase 30 mil vagas para qualificações em mecanização agrícola.

"Um operador bem qualificado e cuidadoso faz muita diferença no resultado final da colheita. Não por acaso, o mercado de trabalho para esse tipo de profissional está em expansão e oferecendo bons salários", afirma ele.

Na região de Campo Verde, um operador pode receber até R$ 4 mil por mês, com carteira assinada e bonificações por desempenho na colheita. "Até gente da cidade, que nunca trabalhou com agricultura, tem buscado vagas de trabalho nesse segmento", diz a produtora Leila Rugeri.

Sertão do Araripe

Quando desembarcou em Mato Grosso, em 2004, o pernambucano Claudiano Alencar da Silva, de 33 anos, nunca tinha visto uma lavoura de soja na vida. "Colheitadeira, então, não conhecia nem pela televisão", relembra.

Nascido em Ouricuri, cidade castigada pela seca no sertão do Araripe, ele conta que veio tentar a sorte como trabalhador braçal: "Um amigo me falou que tinha trabalho por aqui, para trabalhar em uma usina de cana. Decidi tentar".

Com pouco tempo na ocupação, recebeu o convite para ser ajudante de serviços gerais em uma fazenda de soja. "Não sabia nada daquilo, mas procurei prestar atenção e aprender. Era tudo novo para mim", admite.

Das máquinas de pulverização às plantadeiras e colheitadeiras, Claudiano teve uma evolução continua no organograma da fazenda. De um salário de R$ 900 como ajudante, passou a receber R$ 3.500 como operador fixo.

"Eu aproveitei todas as chances de qualificação e hoje vejo como isso foi importante. As máquinas estão ficando cada vez mais modernas. Se o cara não se preparar, não consegue nem dar a partida", ensina.

A era dos insumos biológicos

MAURICIO ANTONIO LOPES
é presidente da Embrapa

Um dos temas de maior destaque na agenda da sociedade moderna é a sustentabilidade, que, em sentido amplo, articula compromissos ambientais, econômicos e sociais nas ações de governos, empresas e indivíduos. Apesar de não ter existência física, a sustentabilidade é valor essencial, capaz de se converter em ativo e vantagem competitiva.

A sustentabilidade se materializa à medida que a sociedade percebe os limites do modelo de desenvolvimento dependente de recursos não renováveis, gerador de poluição, de impactos negativos no clima, no bem-estar e na saúde das pessoas. Como a população cresce em número e capacidade de consumo, também cresce o desejo de que a economia utilize mais recursos renováveis e recicláveis, logo mais sustentáveis.

É nesse contexto que ganha força a bioeconomia, ramo que promete reunir setores que utilizam recursos biológicos para oferecer soluções eficazes a desafios tais como as mudanças climáticas, a segurança energética e alimentar e a saúde da população. Por causa disso, as indústrias farmacêutica, química, de alimentos e de energia estão se integrando de forma inédita.

Bioindústrias já transformam derivados da cana-de-açúcar em garrafas PET, fabricam estofados biodegradáveis para carros e biossensores para monitorar poluição; aplicam biomateriais para reparar tecido ósseo e queimaduras na pele, desenvolvem biofármacos para enfrentar doenças, produzem inimigos naturais para controlar pragas e usam microrganismos para degradar resíduos. Aviões já realizam os primeiros voos comerciais utilizando bioquerosene como combustível. E é crescente a produção de cosméticos e essências a partir da nossa biodiversidade.

O Brasil desenvolve há décadas um bioinsumo de grande impacto econômico e ambiental, formulado com bactérias que fixam o nitrogênio do ar. Os resultados da tecnologia desenvolvida pela Embrapa e aplicada às lavouras de soja impressionam. Graças a ela, os 33,9 milhões de hectares dessa leguminosa cultivados na safra 2016/2017 não receberam fertilizante nitrogenado. A economia para os agricultores (e para o país) foi de R$ 42,3 bilhões – cerca de 14 vezes o orçamento da Embrapa.

E o impacto desse bioinsumo não é só econômico. Uma das características do nitrogênio está em ser um potencial poluidor das águas subterrâneas e uma fonte de emissão de óxido nitroso, um potente gás de efeito estufa. Por isso o uso de bactérias fixadoras tem impacto ambiental muito positivo. Por ser um nutriente essencial, caro e requerido em grandes quantidades, a pesquisa dedica grande esforço à busca de soluções que eliminem ou reduzam sua aplicação também em outras lavouras.

Há alguns anos, foi lançada pela Embrapa outra tecnologia, de uso de bactérias promotoras do crescimento de plantas, da espécie *Azospirillum brasilense*, capazes de estimular o crescimento das raízes, aumentando sua capacidade de explorar o solo em busca de nutrientes e água. A tecnologia está disponível para milho, trigo, soja e feijão e 4,5 milhões de doses foram comercializadas na última safra, com procura crescente pelos agricultores. Em 2018, houve o lançamento para pastagens com braquiárias, com incremento de 15% na produção de biomassa e de 25% no conteúdo total de proteína da planta. Os benefícios para a pecuária, muito dependente dessa forrageira tropical, poderão ser enormes, tanto no sequestro de carbono como na economia de fertilizantes nitrogenados.

Na agricultura, as vantagens dos bioprodutos fazem do Brasil um exemplo em ecoeficiência. Com a diversidade biológica inigualável que temos, nosso futuro é, definitivamente, bio.

SYLVA GOSZTONYI / ED GLOBO

make.

QUANDO O BICHO PEGA NA ESTRADA, É NUM SCANIA QUE ELES CONFIAM.

caminhos da
Safra

Vai começar mais uma edição do programa **Caminhos da Safra**, que percorre as principais rotas de escoamento do país para te alertar sobre os problemas nas estradas. E, mais uma vez, foi um **Scania** que a equipe da **Revista Globo Rural** escolheu pra encarar o desafio. Pois só quem oferece as soluções mais completas tem o que é preciso para rodar bem, mesmo em condições extremas. Embarque com a gente nessa jornada.

Acesse facebook.com/ScaniaBrasil e facebook.com/RevistaGloboRural para acompanhar cada etapa.

Trânsito seguro: eu faço a d ferença

SCANIA

ESPECIAL

caminhos da safra

No rastro da colheita

Pela sexta vez, GLOBO RURAL viaja pelas principais regiões produtoras para avaliar a logística da safra brasileira de grãos

Texto **Cassiano Ribeiro**

Neste mês, a revista GLOBO RURAL volta à estrada com o **Caminhos da Safra.** O projeto, iniciado há seis anos, viaja pelas principais rotas de escoamento da produção brasileira de grãos. Ao longo dos próximos meses, as equipes vão percorrer mais de 7.000 quilômetros a bordo de um caminhão bitrem da Scania.

Um café da manhã em Cuiabá (MT), no dia 15 de março, irá marcar a largada desta edição. Logo após o evento, a equipe de reportagem segue rumo ao primeiro trajeto. Destino: Santarém (PA). A aventura pela BR-163 promete grandes desafios, especialmente no sul do Pará, onde há trechos não asfaltados da rodovia. Com a época das chuvas coincidindo com o pico da colheita de grãos em Mato Grosso, maior produtor nacional, a estrada em muitos trechos fica intrasitável e os caminhões carregados acabam atolando, atrasando a chegada dos produtos aos portos de destino. Neste ano, não deve ser diferente. Chuvas acima da média têm atrasado os trabalhos de colheita no centro-oeste do país e também o escoamento para a Região Norte.

O roteiro desta edição será o mesmo percorrido no primeiro ano do **Caminhos da Safra**, realizado em 2012. O objetivo é apresentar um quadro comparativo entre o cenário atual e o de seis anos atrás, além de levantar quais são os novos projetos e as possíveis soluções para os gargalos da logística.

A série de reportagens será publicada nas páginas da revista até setembro deste ano. Nos canais digitais da GLOBO RURAL (site, Facebook, Instagram e Twitter), também será possível acompanhar as equipes em tempo real e conferir relatos em áudio e vídeo.

Em setembro, após o término do levantamento de campo, tem o **Fórum Caminhos da Safra**, evento que reúne especialistas em logística, representantes do agronegócio e autoridades, a fim de apresentar o diagnóstico do ano e discutir novos caminhos.

60 mil quilômetros rodados

Com uma bagagem acumulada nos últimos cinco anos que soma mais de 60.000 quilômetros de viagens, o **Caminhos da Safra** virou referência no país ao elaborar um raio X da logística das safras brasileiras. De norte a sul, são avaliados rodovias, ferrovias, hidrovias e portos. A armazenagem também sempre é amplamente discutida, pela importância que tem no segmento. Apesar dos recentes investimentos na ampliação da capacidade de estocagem da produção, o Brasil ainda está longe de ter uma situação confortável de armazenamento.

Enquanto a safra supera os 240 milhões de toneladas, os espaço disponível para guardar a produção é de pouco mais de 160 milhões de toneladas. O quadro impacta diretamente rodovias, ferrovias, hidrovias e portos, porque o maior silo do país é, na verdade, a carroceria dos caminhões.

Neste ano, a colheita brasileira está estimada em 225,5 milhões de toneladas de grãos, 5% inferior à registrada na temporada passada. Mesmo com uma provável redução no volume colhido, a infraestrutura para o escoamento deve continuar sob pressão. Os investimentos na área não conseguem acompanhar o ritmo do campo, especialmente em ano de recessão e incertezas na economia.

Rotas que serão percorridas em 2018

Ao todo, as viagens devem somar mais de 7 mil quilômetros

O agro e seus paradoxos

Para onde vão nos levar os paradoxos que emergem dos discursos dos diferentes segmentos da sociedade sobre a produção de alimentos? De um lado, temos o apelo midiático dos grupos ambientalistas, tais como Greenpeace, WWF e afins. Do outro, um planeta bufando de gente (gente que não para de chegar, a uma taxa de 83 milhões por ano, e com demandas tão díspares que parecem irreais).

Existem os que têm um sonho tão simples e justo que dá pena. Só querem ter comida no prato uma vez por dia e, acreditem, eles somam mais de 800 milhões de pessoas, que têm pressa, porque a fome as sentencia à morte a cada 4 segundos.

Em outro extremo, temos os medidores de ingestão de calorias diarias, misturados com os adoradores de orgânicos, os vegetarianos e os veganos. E nem vamos considerar a ínfima classe privilegiada, com seus caviares, salmões, camarões e frutas exóticas, porque eles sempre existiram, mas nunca definiram o mundo real.

As terras estão cansadas e estariam mais não fossem os adubos nitrogenados, as novas técnicas de plantio, o melhoramento genetico das espécies e o manejo racional dos fatores de produção, que juntos nos tiraram da rota de colisão com a fome absoluta. A equação cujos termos são, de um lado, alimentar a humanidade e, de outro, praticar uma agropecuária romântica de subsistência não se resolve nem com os mais sofisticados modelos matemáticos.

Reina uma hipocrisia confortável embalada pela crença de que somente ser contra a evolução das tecnologias resolve toda a questão, mesmo que continuemos a ser consumidores vorazes.

Chegou a hora de tratarmos essa questão de forma mais realista e imparcial. Informes de agências internacionais de investimento apontam os desafios imediatos do agronegócio. No topo da lista do imperdoável, figuram o desmatamento e a emissão de gases de efeito estufa (aqui a bola da vez é o metano dos ruminantes, com um conveniente esquecimento do CO_2 da indústria), seguidos de perto pelo controverso uso de produtos geneticamente modificados. Na questão animal, o bem-estar é a palavra de ordem e, diga-se, corretamente. A prática de confinamentos extremos tende a ser abolida. O uso de promotores de crescimento, nos países onde são utilizados, está na mira do consumidor e, por consequência, dos investidores. Todas as práticas de manejo que causem mutilações têm seus dias contados e os manejos pré-abate e de abate seguirão de perto o chamado abate humanitario.

No mundo corporativo, estudos indicam que os grandes investimentos são direcionados para empresas/produtores que adotam políticas claras de uso racional da água, da terra, de fontes de energias não renováveis, práticas de bem-estar animal e que respeitem os direitos trabalhistas. O impacto desses aspectos é muito superior a outros antes muito cotados, como capacidade de governança e níveis de taxação com impostos.

O que isso tudo tem de favorável ao Brasil? Quase tudo, mas precisamos anunciar isso ao mundo ao invés de aceitar as imposições vindas especialmente dos EUA e da Europa, que historicamente não querem concorrência. É preciso alardear para o planeta, em letras garrafais, que protegemos dois terços de nosso território, que nos superamos safra após safra, preservando, cada produtor, no mínimo 20% de sua propriedade. Na empreitada de produzir alimentos, usamos menos de 10% do território para atingir volumes anuais capazes de alimentar o mundo pelo menos por seis meses. Seguramente, como já dito, se déssemos voz às crianças da África subsaariana, elas diriam "vocês até podem discutir isso, mas podemos comer primeiro?".

LUIZ JOSAHKIAN é zootecnista especialista em produção de ruminantes e professor de melhoramento genetico, alem de superintendente tecnico da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)

PROMOÇÃO

JUNTOU, TROCOU

QUANTO MAIS VOCÊ LÊ, MAIS VOCÊ GANHA!

Junte três selos de cores diferentes, que estão nas capas das revistas participantes, e troque por outra revista ou um combo.

COLE AQUI SEUS 3 SELOS COM CÓDIGO DE BARRAS SEGUINDO AS CORES INDICADAS E TROQUE POR UMA REVISTA OU UM COMBO NA SUA BANCA PREFERIDA.

SELO 1	SELO 2	SELO 3

PROMOÇÃO VÁLIDA ENTRE 1/1/2018 E 31/3/2018.

Consulte com seu jornaleiro as revistas disponíveis.

NOME: **DATA DE NASCIMENTO:** **SEXO:**

CIDADE: **ESTADO:**

JORNALEIRO / COTA: **BANCA:**

ESCOLHA E ASSINALE A REVISTA QUE VOCÊ QUER GANHAR:

- ☐ Seleções
- ☐ Pais&Filhos
- ☐ Glamour
- ☐ Tititi
- ☐ Venda Mais
- ☐ Playstation
- ☐ Saúde
- ☐ Motor Show
- ☐ Astral Anual
- ☐ Corpo a Corpo
- ☐ Viaje Mais
- ☐ Bons Fluidos
- ☐ Boa Forma
- ☐ Car And Driver
- ☐ Mundo Estranho
- ☐ Isto É Dinheiro
- ☐ Manequim
- ☐ AnaMaria
- ☐ Orlando Em Revista
- ☐ Vegetarianos
- ☐ Aventuras na História
- ☐ Marie Claire
- ☐ Auto Esporte
- ☐ Todateen
- ☐ Viva Saúde
- ☐ Malu + Guia da TV
- ☐ Viagem e Turismo
- ☐ Women's Health
- ☐ Pense Leve
- ☐ Caça-Palavras Mundi + Bem-Estar + Natureza
- ☐ Coquetel Cripto Joia + Letrão Médio + Cata Palavra
- ☐ Sudoku Desafios + Números Desafios + Hiper

Edição

AMIGO(A) JORNALEIRO(A), ENTREGUE ESTE CUPOM À DISTRIBUIDORA NO RECOLHIMENTO DA REVISTA ASSINALADA.

9 900814 011800

REGULAMENTO

1. Esta campanha promocional é instituída na modalidade "JUNTE E TROQUE". 2. Para participar da promoção e realizar a troca é necessário que o leitor complete a cartela colando 3 selos de cores diferentes, sendo obrigatoriamente um laranja, um verde e um azul. 3. O objeto da troca, brinde, é uma das revistas disponibilizadas no cupom de troca em que o leitor poderá escolher uma das opções assinalando no cupom. Caso determinado brinde se esgote em bancas, o leitor deverá optar por outro título dentre os disponíveis no cupom de troca. 4. A troca poderá ser realizada somente com o leitor portando o cupom com os 3 selos colados e formulário completo no período de 1/1/18 até 31/3/18 exclusivamente nas bancas de jornais em território brasileiro. 5. Fica esclarecido que alguns títulos promocionados podem não estar disponíveis em todas as regiões do país. Consulte o regulamento completo em www.juntoutrocou.com.br ou 4007-2950, de segunda a sexta, das 8h às 17h

REALIZAÇÃO **APOIO** **PARTICIPAÇÃO**

Coqueiral do
Grupo Arrantiaca
em Condomínio
Litoral Norte

Revolução tropical

Fazenda baiana reduz a quase zero o uso de agrotóxicos nos coqueiros e produz água sem conservantes

Texto **Viviane Taguchi**
Fotos **Fernando Martinho**, de Conde (BA)

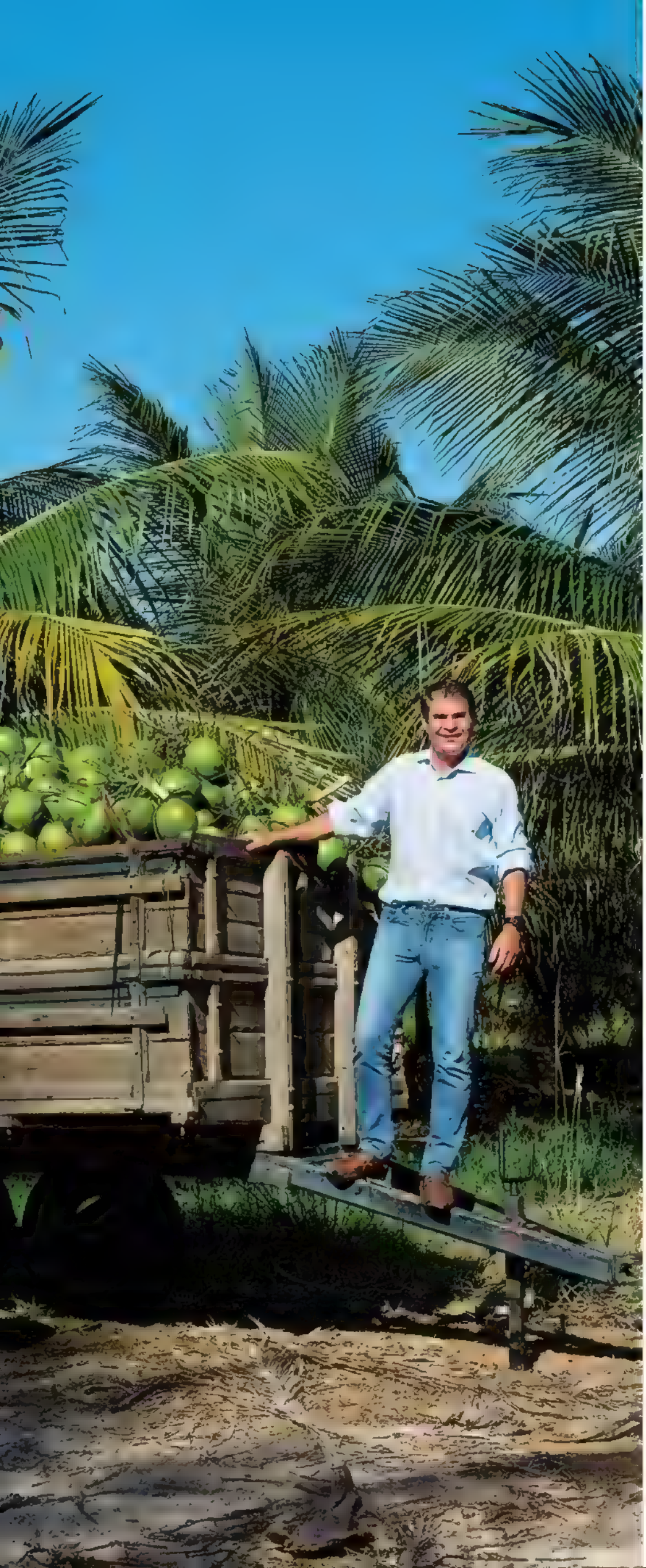
Conde, cidadezinha que fica no litoral da Bahia – entre as famosas praias Do Forte e Mangue Seco –, está entrando para a história do agronegócio. Lá não tem plantações de soja ou milho, mas um coqueiral de fazer inveja ao mais exigente produtor da fruta no mundo. E não é só pela beleza da lavoura, um mar de coqueiros a perder de vista, por sua altíssima produtividade ou pelo uso "quase zero" de agrotóxicos e de água que o negócio impressiona. Mas porque o Grupo Aurantiaca, dono das Fazendas Obrigado e da Frysk, fábrica que produz a água de coco Obrigado, fez lá o que nenhum outro produtor no planeta conseguiu: tirar a água da fruta e colocá-la direto na caixinha.

A tecnologia permite à marca inserir no mercado um produto livre de conservantes e aditivos químicos. Em menos de quatro anos (a primeira leva foi produzida em agosto de 2014), a água de coco Obrigado já detém 14% do mercado nacional (a meta é atingir 20% em 2025) e, há dois anos, começou a ser exportada para a Europa e a América do Norte, onde a demanda pelo produto cresce 20% ao ano. "É uma revolução no agronegócio e na agroindústria. Nós tínhamos teorias e conceitos e, nestes anos, trabalhamos duro para colocar esses conceitos em prática, no campo e na indústria", diz Roberto Lessa, engenheiro agrônomo e CEO da Obrigado desde o começo deste ano. "Conseguimos reunir teoria e prática."

Roberto está no projeto desde o começo, em 2006, ano em que os empresários holandeses Piet Heink Dörr e Willem Kooyker decidiram investir na região da Linha Verde, trecho de 356 quilômetros da BA-099 que liga Salvador ao litoral norte do Estado. Piet já estava radicado em Salvador há 40 anos e Willem, CEO do bilionário fundo de investimentos Blenheim Capital Management, de Manhattan, passeava pelo Brasil. "Pensamos em comprar uns terrenos, construir uns hotéis de luxo, mas olhamos em volta e percebemos que o agronegócio poderia ter muito mais sucesso que o turismo", conta Piet Heink. De lá para cá, mais de R$ 500 milhões foram investidos no projeto.

O empresário não é de muitas palavras. A primeira que ele aprendeu a falar em português foi "obrigado", assim como Willem. "Acho que todo estrangeiro que chega ao Brasil aprende a falar

Roberto Lessa, engenheiro agrônomo e CEO da Fazenda Obrigado



EM 2017, A COLHEITA FOI DE 26 MILHÕES DE FRUTOS. A META É CHEGAR A 87 MILHÕES ATÉ 2025

obrigado", diverte-se. "Mais difícil que falar obrigado é falar Aurantiaca", diz ele, enrolando a língua. Aurantiaca é o nome de uma orquídea, farta na região e de cor laranja, a cor da Holanda. Apesar dos detalhes, ele ressalta sem gaguejar: "Somos uma empresa brasileira, baiana, nada mais que isso".

As três Obrigados

Os 6.680 hectares de terras adquiridos pelo grupo foram divididos em três fazendas, a Obrigado I, a Obrigado II e a Obrigado III, que ainda está em fase de implantação. A I e a II somam 1.700 hectares de coqueirais (de duas cultivares, o coqueiro anão verde e híbridos de anão verde e gigante). Em 2017, a colheita foi de 26 milhões de frutos verdes, próprios para a extração de água. No ano anterior, foram 11,6 milhões de cocos. Luís Carlos dos Santos Pereira é o gerente agrícola das fazendas e coordena 288 trabalhadores. Ele diz que o projeto futuro é aumentar a área cultivada para 2.226 hectares, com o início das atividades na Obrigado III. "O objetivo é produzirmos 87 milhões de frutos até o ano de 2025", afirma.

Para conquistar esses volumes – o atual e a projeção –, Roberto e Luís Carlos, que já trabalhavam juntos em outros projetos agrícolas no Estado, criaram um método de gestão chamado Sistema Arista. "Foi a grande revolução no campo. Os colaboradores, para nós, não são braços ou pernas, são cabeças", diz Roberto. O sistema funciona assim: cada fazenda foi dividida em pequenas áreas e cada uma dessas áreas foi entregue a um funcionário com uma missão.

Ele cuida de cada coqueiro, vê os detalhes de cada planta, analisa a produtividade, controla diariamente a umidade do solo no entorno de cada árvore e acompanha a colheita, que é manual e acontece durante todo o ano. "Temos 52 aristas, que deixaram de ser simples trabalhadores braçais para serem parte do negócio", reforça Luís Carlos. "Para

"Há funcionário que sai de férias e telefona para seu substituto para saber como está a área dele"

Luís Carlos dos Santos Pereira, gerente da Fazenda Obrigado

se ter uma ideia, tem arista que analisa o brix da água de coco, que tem de ser entre 5,3 e 6,2. Eles se preocupam com isso." A tecnologia faz parte do trabalho e facilita a lida. Cada coqueiro tem um código de barras próprio e os aristas andam com leitores digitais a tiracolo. Todos os dias, eles coletam as informações das plantas com o equipamento e as informações são enviadas para um sistema central informatizado.

"Os aristas também nos informam se há alguma irregularidade na planta e vamos verificar o que está ocorrendo rapidamente", explica Luís Carlos. "Isso nos possibilita usar o mínimo de defensivos químicos, a quantidade exata de água e contar cada fruta que nasce em cada pé de coco", diz. Todas as plantas têm um microaspersor próprio para a fertirrigação, controlada por sistemas via satélite, e todas as fazendas têm centrais de tratamento de água e distribuição eletrônica direcionada.

"Às vezes, há plantas que dão 400 frutos por ano", conta Luís Carlos. A média de produtividade da fazenda em 2017 foi de 280 frutos por planta, um número elevado quando comparado à média nacional, que é de 34 frutos por planta por ano, de acordo com o Sindicato Nacional dos Produtores de Coco do Brasil (Sindicoco). "É reflexo do cuidado que o arista tem com cada planta e o controle rigoroso com a irrigação e a contenção de pragas", afirma.

O executivo Roberto Lessa ressalta que o Sistema Arista fez o trabalhador se sentir valorizado em suas atividades no campo e solucionou o problema de mão de obra que existia na fazenda. Para agregar valor a esse pessoal, todos moradores de comunidades locais, ele criou a Escola de Aristas. "É um local onde eles fazem cursos e treinamentos, aprendem a identificar pragas e doenças, regular a umidade do solo e lidar com as tecnologias", diz. "Há arista que sai de férias e fica telefonando para seu substituto para saber como está a área dele."

Joelma Soares da Silva é a única mulher arista do grupo. Ela trabalha lá há três anos e se destacou entre os demais porque "sabe mandar", diz. "Em anos de trabalho no campo, nunca haviam me ensinado nada. Era só a força, o trabalho braçal. Hoje, sei identificar uma doença, uma praga, sei lidar com os equipamentos de tecnologia e me sinto preparada para crescer mais", conta a moça, que nasceu e sempre viveu na comunidade Pedra Grande, um remanescente de quilombo. "É um trabalho que me dá felicidade."

Certificação

Além da Escola de Aristas, existe também na fazenda uma escola de educação infantil, onde os filhos dos trabalhadores estudam e têm aulas de música e esportes. "Nossa ferramenta de produtividade é focada na felicidade dessas pessoas. Essa não é só uma frase bonita, é a mais pura realidade, é o que vemos aqui. Essa é a revolução das pessoas", justifica Roberto.

Na área ambiental, os cuidados também são rigorosos: 70% de toda a área do Grupo Aurantiaca é Área de Proteção Permanente (APP) e, até o fim do primeiro semestre deste ano, 1.700 hectares serão declarados RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural). Além disso, as fazendas já têm importantes certificações socioambientais: ISO 14000, ISO 9000, BDK, Disney, Coca-Cola, Non-GMO, FPA e Kosher. "Em um mercado cada vez mais exigente, com consumidores exigentes, o agronegócio tem de buscar a excelência", diz Roberto.

Vista aérea da fazenda em Conde (BA); crianças da escola de educação infantil; fibra de coco; e leitor digital usado na lavoura

Trabalhador realiza a colheita

UMA EMPRESA DO GRUPO TRANSFORMA AS FIBRAS DE COCO EM TAPETE BIODEGRADÁVEL

No Brasil, de acordo com o Sindicato Nacional dos Produtores de Coco, são produzidos por ano 1,5 bilhão de coco verde (para a extração de água de coco) e 1 bilhão de coco seco (para a produção de leite de coco e coco ralado). Toda a produção das fazendas Obrigado, os cocos verdes, é destinada à fábrica Frysk, que também fica em Conde. O local tem acesso controlado de caminhões e de pessoas. Lá, entram em média, por dia, cerca de 40 caminhões, que seguem diretamente para o descarregamento: o coco que saiu da fazenda chega à fábrica em 30 minutos e é depositado em tanques para limpeza. "Daí em diante, o que a gente vê é casca de coco sendo jogada de um lado e a água já dentro da caixinha lá no final", conta Leo Nascimento, gerente da fábrica.

É nesse misterioso trajeto que acontece o processo inédito no mundo, que retira a água diretamente da fruta e a coloca na caixa, tornando o produto o mais natural possível. Roberto Lessa explica que a tecnologia foi adaptada após ele viajar e visitar fábricas de bebidas "em todo o planeta". Ele diz que um sistema especial munido de agulhas superfinas perfura o coco e extrai a água dele, uma média de 365 mililitros de água por fruto, sem que haja o menor contato com o ambiente externo.

"Sem o contato com oxigênio nem variações de temperatura, a água do coco não se deteriora. Conseguimos desse jeito colocar na caixa o mesmo conteúdo da fruta", diz Roberto.

A fábrica não para de trabalhar nenhum dia da semana. Segundo Leo Nascimento, a capacidade atual é de 196.000 litros de água de coco envasados por dia, ou 52 milhões de litros por ano. As linhas se dividem em água de coco, leite de coco para beber e água de coco saborizada com suco de frutas e chocolate. "São bebidas saudáveis que estão sendo cada vez mais demandadas pelos consumidores em todos os continentes."

O que resta do coco – a casca – também tem um destino: a Tech Fibras, empresa do grupo que seca a casca, retira as fibras e as transforma em biomantas, um tipo de tapete biodegradável usado para contenção de encostas e de águas e proteção de solo. "Do coco, tudo se aproveita, é um agronegócio sustentável de verdade." Nesta unidade, segundo ele, são produzidos 10 milhões de metros quadrados de biomantas por ano. "É ou não é uma revolução?"

Campo capitalizado

No Show Rural sobrou crédito nos bancos, pois muitos produtores utilizaram recursos próprios

Texto **Valdir Ribeiro Jr.***

O calendário das grandes feiras do agronegócio brasileiro abriu este ano com ótimos resultados. Na segunda semana de fevereiro, entre os dias 5 e 9, ocorreu, em Cascavel (PR), a 30ª edição do Show Rural, um dos maiores eventos de agro e tecnologia do país. Ao fim de cinco dias de muito sol, o evento fechou a edição deste ano quebrando recordes de público e superando as expectativas de faturamento. Segundo Dilvo Grolli, presidente da cooperativa Coopavel, organizadora da feira, o Show Rural de 2018 recebeu mais de 265 mil pessoas e movimentou R$ 1,8 bilhão. As estimativas iniciais eram de 250 mil pessoas, com faturamento de R$ 1,5 bilhão.

Na avaliação de Dilvo, o melhor desempenho da feira neste ano se deve à diversificação dos produtos expostos durante o evento. "A previsão para a próxima safra é boa, mas os resultados deste ano vão muito além disso. Nós vimos que o produtor tem interesse em diversificar seus negócios, então trouxemos isso para o Show Rural. Tivemos crescimento na

área de secadoras, tombadoras e balanças. Os tratores também venderam bem, e o setor inteiro de pecuária, que inauguramos ano passado, cresceu. Foi a diversificação que elevou os valores da feira", diz.

Se, por um lado, o faturamento da feira foi elevado, por outro, a busca por crédito não teve tanto destaque este ano. Havia disponíveis no evento R$ 2,5 bilhões em linhas de crédito de nove bancos, mas, segundo Dilvo Grolli, "sobrou crédito na feira".

O presidente conta que muitos visitantes trouxeram recursos próprios para fechar os negócios. Ele atribui isso a uma maior capitalização do produtor, que teve ótimos resultados com a última safra recorde, e também aos juros agrícolas, que, embora sejam menores que os praticados durante a edição de 2017, ficaram menos atrativos, por conta da queda na taxa Selic registradas no começo deste ano.

Lançamentos

Foram centenas de lançamentos durante os cinco dias de Show Rural, como cultivares de soja e milho,

Colheitadeira em exposição e entrada da Show Rural

Nei César Mânica, presidente da Cotrijal

Otimismo na Expodireto

A Expodireto, que acontece em Não-Me-Toque (RS), organizada pela Cotrijal, reúne mais de 500 expositores e deve receber cerca de 240 mil pessoas na segunda semana de março (5 a 9).

Por conta do bom momento da agricultura, o presidente da Cotrijal, Nei César Mânica, projeta crescimento de até 20% nos negócios da feira em relação ao ano passado, quando movimentou R$ 2,12 bilhões.

Além de estimular o desenvolvimento tecnológico do agronegócio, a feira também promove o debate sobre temas importantes. Neste ano, o principal assunto são os baixos preços recebidos pelos produtores, principalmente em relação ao mercado leiteiro e à cultura do trigo.

> **"Os juros agrícolas, que, embora sejam menores que os praticados durante a edição de 2017, ficaram menos atrativos, por conta da queda na taxa Selic"**
>
> DILVO GROLLI, PRESIDENTE DA COOPAVEL

© DIVULGAÇÃO

entre outros produtos. Um dos destaques foi o feijão-carioca BRS FC104, a primeira cultivar superprecoce do mercado, desenvolvida pela Embrapa. Segundo a empresa, a cultivar tem ciclo de até 65 dias entre a semeadura e a maturação dos grãos, o que representa um avanço em comparação ao ciclo de até 90 dias das variedades mais comuns da leguminosa.

A feira contou ainda com o lançamento internacional da nova marca de sementes da divisão agrícola da DowDuPont, a Brevant. A marca irá substituir, no Brasil, ao longo dos próximos meses, os produtos com as chancelas Coodetec, BioGene e Dow Sementes, especificamente para as culturas de soja, milho, sorgo e trigo.

"O evento deste ano foi o que mais apresentou novas tecnologias. Além de cultivares, tivemos muitas tecnologias de apoio à propriedade, como equipamentos de energia sustentável. Antes, a tecnologia no agronegócio era só o que ia dentro da terra, mas agora existe uma série de equipamentos que aumentam a sustentabilidade e melhoram a economia em escala. Tudo entra nos custos da propriedade e afeta a produção, por isso o produtor deve tentar otimizar todos os processos, inclusive os que estão acima da terra ou fora da porteira", diz Dilvo Grolli. A 31ª edição do Show Rural já tem data. Será realizada entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2019.

**O repórter viajou a convite da DowDuPont*

Tecnoshow em Rio Verde

Entre os dias 9 e 13 de abril, na zona rural de Rio Verde (GO), ocorre a 17ª edição da Tecnoshow. A feira irá contar com 550 expositores e deve superar a marca de 102 mil visitantes atingida em 2017, quando o evento movimentou mais de R$ 1,7 bilhão em negócios. "As expectativas são boas. A safra aqui em Goiás está com bons resultados e os preços melhoraram. Com isso, o produtor tem maior liquidez e consegue trazer recursos para investir na feira", afirma Antonio Chavaglia, presidente da cooperativa Comigo, organizadora do Tecnoshow.

A única preocupação de Antonio é em relação aos juros agrícolas, que estão acima da taxa Selic. Isso faz com que seja mais vantajoso para o produtor rural buscar dinheiro no sistema financeiro tradicional, em vez das linhas de crédito específicas para o agronegócio. "A busca de crédito rural com esses patamares de juros pode ser afetada. Se a inflação e a Selic continuarem baixas, os financiamentos de máquinas com prazo de até dez anos para amortização ficam pesados para o produtor", afirma.

No fim de janeiro, durante o lançamento do programa de financiamento de pré-custeio do Banco do Brasil para a safra 2018/2019, em Rio Verde, Antonio Chavaglia entregou ao presidente da República, Michel Temer, um documento que pede a redução dos juros agrícolas. "Na ocasião, conversei com o presidente Temer, junto com o ministro Blairo Maggi, sobre como os juros agrícolas não estão adequados para o setor. Nossa feira acontece em abril, no segundo trimestre do ano, quem sabe até lá alguma mudança aconteça."

Antonio Chavaglia, presidente da cooperativa Comigo; ao lado, campo de soja e gado em exposição

© DIVULGAÇÃO

TOMBADORES E BALANÇAS RODOVIÁRIAS

- + CUSTO OPERACIONAL
- + AGILIDADE
- + CONFIABILIDADE
- + ROBUSTEZ
- + RENTABILIDADE
- + MOBILIDADE
- + AUTOMAÇÃO
- + GERENCIAMENTO ONLINE

capital®

UMA MARCA DE PESO.

TOMBADORES
BALANÇAS RODOVIÁRIAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
AUTOMAÇÃO PERSONALIZADA
BALANÇAS METÁLICAS
BALANÇAS DE CONCRETO
BALANÇAS DE FLUXO
COLETOR DE AMOSTRAS
CÉLULAS DE CARGA
LINHA INDUSTRIAL

WWW.BALANCASCAPITAL.COM.BR

45 3231.8500

Conversão de multas em serviços ambientais

O Decreto Federal nº 9.179, de 23 de outubro de 2017, instituiu o Programa de Conversão de Multas Ambientais emitidas por órgãos e entidades da União integrantes do Sisnama (Sistema Nacional do Meio Ambiente), criando a possibilidade de transformar as multas em serviços de preservação, melhoria e recuperação do meio ambiente.

Os principais objetivos do programa são:

➤**1**-alcançar resultados favoráveis ao meio ambiente de forma mais célere;

➤**2**-atrair os autuados para promover ações em prol do meio ambiente, com a meta de proteger, recuperar e promover a educação ambiental;

➤**3**-promover projetos ambientais de entidades públicas, privadas e sem fins lucrativos;

➤**4**-regularizar a situação do autuado frente ao órgão ambiental;

➤**5**-reduzir demandas administrativas e judiciais e;

➤**6**-diminuir a burocracia de implementação de projetos de recuperação ambiental, otimizando a relação público-privada no processo de preservação ambiental.

Para a remissão parcial da dívida, o autuado poderá optar pela recuperação de áreas degradadas e de vegetação nativa, que deverão estar inscritas no Cadastro Ambiental Rural (CAR), ou por mecanismos de proteção e manejo de espécies da flora nativa e fauna silvestre, monitoramento da qualidade do meio ambiente, promoção de regularização fundiária de unidades de conservação, entre outras modalidades de recuperação do meio ambiente.

O valor da multa poderá ser reduzido em até 35% em caso de implementação de projeto de preservação por meios próprios. E em até 60% por adesão a projetos previamente selecionados pelo órgão federal emissor da multa.

A conversão se dará no processo administrativo gerado pela multa até o momento de apresentação das alegações finais. Basta que o autuado faça um requerimento perante o órgão ambiental competente instruído com o projeto e demais documentos pertinentes. A autoridade julgadora poderá determinar ajustes no projeto caso entenda serem necessárias adequações em razão do valor da multa a ser convertida.

O programa também faculta à administração a admissão de mais de um autuado para elaboração e execução de um mesmo projeto de recuperação ambiental, visando proporcionar um maior alcance com resultados mais efetivos.

Caso o pedido de conversão seja aceito pela autoridade julgadora, será celebrado termo de compromisso contendo todas as condições de execução do projeto. Se houver indeferimento, caberá recurso ao órgão ambiental competente.

Com a assinatura do termo de compromisso, a exigibilidade da multa é suspensa, ficando a cargo do órgão ambiental monitorar e avaliar o efetivo cumprimento das obrigações pactuadas, sendo que a conversão da multa ocorrerá apenas após a conclusão do projeto.

O não cumprimento do projeto implica em inscrição do débito em dívida ativa, além da execução forçada das obrigações ajustadas.

Espera-se que o programa causará impacto positivo para o meio ambiente e para a administração pública.

Colaborou Viviane Castilho, advogada responsavel pela área de direito fundiario da Guedes Nunes, Oliveira e Roquim - Sociedade de Advogados

LUIZ ERNESTO OLIVEIRA
é advogado, socio responsavel pela área de direito empresarial e contratos da Guedes Nunes Oliveira e Roquim - Sociedade de Advogados

© THINKSTOCK

ROBUSTEZ E INOVAÇÃO

Caterpillar (Qingzhou) Ltd.
Todos os direitos reservados. SEM Machinery, SEM, seus respectivos logos, vestidos comerciais, bem como identidade corporativa e de produto aqui utilizados, são marcas comerciais da Caterpillar (Qingzhou) Ltd. e não podem ser usadas sem permissão.
© materiais e especificações estão sujeitas a alterações sem aviso prévio. As máquinas em destaque nas fotos podem incluir equipamentos opcionais. Consulte o seu revendedor SEM para opções disponíveis.

SuperTec
Grupo Perené Equipamentos

SEM
A Caterpillar Brand

A SUA MÁQUINA CAT®
NA REGIÃO SUL.

0800 940 7372

pesa.com.br /pesacat /pesa.caterpillar

PESA CAT

POLINIZAÇÃO

Café com mel

Experimento comprova que o uso de colmeias para induzir a florada das lavouras aumenta a produtividade e melhora a qualidade dos grãos

Texto **Eliane Silva**
Fotos **Ricardo Benichio**, de Alta Mogiana (SP)

A florada de café orgânico este ano em [illegible] fazendas na região da Alta Mogiana (SP) recebeu milhões de convidados muito especiais: 90 colmeias, com aproximadamente 80 mil abelhas cada uma, foram co- [illegible] de 50 metros das plantações dois [illegible] floração. A intenção com o uso da polinização direcionada é elevar a produtividade [illegible] A interação entre cafei- [illegible] apicultores da região foi conduzida pela bióloga Aline Patrícia Turcatto, douto- [illegible] especialista em soluções de poli- [illegible] orgânicos foi para evitar [illegible] agrotóxicos, que podem matá-los. "Há culturas altamente dependentes da polinização, como a maçã no Sul do país e o melão [illegible] dependentes, como a laranja. O café arábica tem uma dependência mo- [illegible] lizadas no Espírito San- [illegible] zação pode elevar a pro- [illegible] de dar frutos maiores e [illegible] r qualidade", diz a bióloga.

[illegible] iz da Cunha, que produz 12.000 sacas de [illegible] no, recebeu 50 colmeias do apicultor José [illegible] onteiro para o teste inicial nos 40 hecta- [illegible] foram plantadas [illegible] meio à sombra dos cedros-austra- [illegible] da Fazenda Bela Época, que fica a [illegible] de 1.200 metros, em Ribeirão Corren-

te (SP). André diz que o aumento de produtividade interessa, é claro, mas seu foco com a parceria é a sustentabilidade da produção, o equilíbrio ambiental.

O agricultor, que é presidente da AMSC (Alta Mogiana Specialty Coffees), relata que a cada ano os cafés especiais e orgânicos vêm atraindo o interesse de mais produtores. "A região tem um terroir excelente e já conta com uma genética de boa qualidade. A adição das abelhas pode contribuir para elevar ainda mais esse interesse", diz.

André conta que, em seus 25 anos de trabalho com café, foi testemunha do aumento desordenado do uso de agrotóxicos na lavoura. "Isso me levou a procurar alternativas de produção visando agregar valor ao meu produto. Por isso aceitei de imediato fazer o teste da polinização."

Certificado pelo IBD, o café orgânico da Bela Época é exportado para Estados Unidos, Japão e Europa. O cafeicultor está abrindo mais 40 hectares neste ano, em plantio associado com mogno e bananeiras. O plano é, no prazo de dez anos, ter os 380 hectares da fazenda produzindo café orgânico e especial.

Na zona rural de Cristais Paulista, a menos de 50 quilômetros da Bela Época, fica a Fazenda Ouro Verde, de Getúlio Minamihara, que também aceitou participar do experimento de polinização proposto pela bióloga. Na propriedade, 100% da produção de cafe, ou seja, 3.000 sacas por ano, já é orgânica. Antes da florada de outubro, a área recebeu 40 colmeias do apicultor Luiz Antonio de Freitas.

"Meu objetivo com as abelhas é obter mais qualidade, e não quantidade. Hoje, 90% do meu café já tem pontuação superior a 88 pontos", diz o produtor, integrante da terceira geração de cafeicultores da família, que veio do Japão na primeira metade do século XX. Getúlio diz que passou a produzir café orgânico quase sem perceber. "Há uns dez anos, tive dificuldade com a minha lavoura, pelo uso intensivo de herbicidas. Tudo que tentava dava errado. Aí, tirei os herbicidas. Depois, tirei também os formicidas e os adubos químicos e, então, eu percebi que minha produção já era quase orgânica. Aí, corri atrás das certificações", conta Getúlio, formado em agronomia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

Planta equilibrada

Ele explica que a produção orgânica é, na verdade, um retorno às práticas de seus ancestrais. "Meu avô e meus pais só deixaram de ser produtores orgânicos após a entrada das pragas na lavoura e a invenção dos defensivos." Getúlio afirma que uma planta orgânica é equilibrada, estável.

"Ela produz o que é capaz, nem mais nem menos, e você tem de respeitar isso. Eu não adubo demais, não faço pulverização demais, é tudo equilibrado. Nessa plantação, você encontra de tudo. Tem formiga, cobra, praga, raposas, lobos-guará, quatis e tamanduás. E, agora, tem mais abelhas." Mais da metade dos pés de café da fazenda foi plantada na sombra de abacateiros, outro negócio rentável da família.

O filho, Anderson Minamihara, administrador de empresas, ajuda Getúlio a cuidar das fazendas. Segundo o herdeiro, mesmo antes de ser certificado como orgânico, o café da família já tinha um preço superior no mercado porque não tinha resíduos químicos. Atualmente, toda a produção, certificada pelo IBD, é exportada para Estados Unidos, Japão, Europa, Coreia do Sul, Taiwan e Hong Kong. Algumas sacas do café Minamihara chegam a valer R$ 10 mil no mercado.

A diferença entre café especial e orgânico

O café especial é aquele que recebe de 80 a 100 pontos na avaliação de dez atributos pela metodologia da SCAA (Specialty Coffee Association of America), entre eles aroma, sabor, acidez, corpo e doçura

Para ser orgânico, o café precisa ter certificação que comprove uma produção sem uso de fertilizantes químicos, agrotóxicos ou outros produtos químicos. O agricultor utiliza fertilizantes orgânicos e adubação verde. Para ser orgânico e especial, o café tem de ter pontuação acima de 80

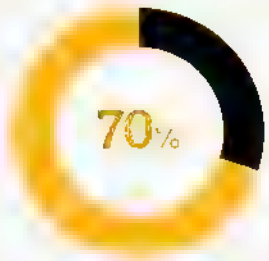
A saca do café arábica comum vale no mercado cerca de R$ 450. O café orgânico é vendido, em média, por R$ 650. O especial orgânico varia de R$ 900 a R$ 1.500. No ano passado, um produtor brasileiro chegou a receber R$ 18 mil por uma saca de 60 quilos de café especial, premiado num concurso internacional

André Luiz da Cunha, cafeicultor de Ribeirão Corrente (SP)

TODO CAFÉ CERTIFICADO DOS MINAMIHARA É EXPORTADO E A SACA CHEGA A VALER R$ 10 MIL

Getulio e o filho Anderson Minamihara, na Fazenda Our Verde, em C s Paulista (SP)

O trabalho das abelhas

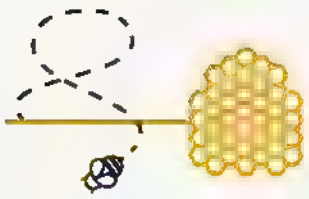


das culturas agrícolas dependem da polinização

Além de produzir mel, as abelhas são as mais eficientes no transporte de pólen entre as plantas

Sumiço das colmeias

Bilhões desses insetos morreram ou desapareceram no Brasil e no mundo devido à aplicação intensiva de agrotoxicos e às mudanças climaticas



Os agrotóxicos aplicados às plantas causam problemas na memória de navegação das abelhas, impedindo que achem o caminho de volta para as colmeias

A contaminação direta nos apiários e enxames se deve à deriva (desvio) ou erro na aplicação dos pesticidas, que são levados pelo vento

Alerta "bee or not be"

Para tentar proteger esses insetos, foi criada, em 2013, a ONG **Bee Or Not Be**, com a campanha Sem Abelha Sem Alimento. Uma das ações da ONG foi lançar o aplicativo de celular Bee Alert, que permite aos apicultores registrarem as perdas expressivas de colmeias, os locais, as causas e os prejuízos

Para os apicultores, a vantagem da associação com os cafeicultores é a garantia de espaços nobres e seguros para colocar suas colmeias, visando a uma produção maior de mel. Apesar de a floração do arabica ser bem curta (de três a cinco dias), antes do mel de café as abelhas produzem o mel silvestre, explorando as matas nativas. A expectativa é que, no futuro, a parceria com o café possa gerar renda extra aos apicultores por meio do aluguel das colônias.

José Antonio, ex-servidor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), trabalha com abelhas desde criança, seguindo o exemplo do pai e do avô. Ele diz que já perdeu muitos apiários para os agrotóxicos, além de ter sido vítima de roubos. O produtor espera que cada um das colmeias instaladas na fazenda de André Cunha renda de 25 a 30 quilos de mel e que a experiência anime outros cafeicultores a abrir suas propriedades para as abelhas.

"Sem abelhas, não há natureza, não há alimento. Produzir mel é uma atividade lucrativa desde que se tenha o manejo adequado", diz José Antonio, que tem 500 colmeias e mantém parcerias com produtores de eucalipto em São Paulo e Mato Grosso. Segundo ele, a rotatividade das caixas de abelhas é que garante o aumento da produção do mel, que ele vende para entrepostos de exportação.

Luiz Antonio, o parceiro dos Minamihara, trabalha há 30 anos com abelhas em Franca (SP). Também apaixonado pela produção orgânica, ele instalou 40 colônias e mais 15 caixas-iscas (para atrair abelhas soltas na natureza) na Fazenda Ouro Verde. O apicultor aposta que, no futuro, será comum no Brasil o aluguel de colmeias para a polinização de culturas – incluindo o café.

A bióloga Aline Turcatto deve mensurar os resultados da pesquisa após a colheita em julho de 2018. Na próxima safra, ela diz que já será possível apontar quantas colmeias são realmente necessárias por hectare de café, qual a distância maxima que devem ser colocadas as abelhas (que têm autonomia de voo para produção de 1,5 quilômetro), qual o tempo que os apiários devem permanecer na fazenda, etc. Com os resultados e esses parâmetros, pretende sensibilizar outros produtores a estabelecer parcerias de café com mel.

Resultados no conilon

No Espírito Santo, apicultores lucraram três anos com o aluguel de colmeias para cafeicultores sem se importar com o mel produzido. A partir de 2016,

Apicultor manipula caixa para retirada dos favos de mel

O MEL DE CAFÉ É MENOS DOCE E TEM COLORAÇÃO MAIS CLARA QUE O SILVESTRE E O DE EUCALIPTO

quando houve uma grave crise hídrica no Estado que afetou o café, os profissionais das abelhas passaram a fazer parcerias, instalando as colmeias antes da floração a custo zero, visando apenas explorar o mel.

A diferença em relação ao experimento da Alta Mogiana é que o café conilon irrigado tem uma florada mais longa e diferenciada entre seus clones. Isso garante trabalho para as abelhas nas fazendas de café por até três meses, de julho a setembro, justamente a época em que não há alimento nas plantações de eucalipto.

Guilherme Gardiman, cafeicultor em Aracruz (ES), recebeu neste ano 120 colmeias do apicultor Lomir José da Silva, repetindo uma parceria de 2016. As abelhas ficaram na Fazenda Quatro Irmãos durante cinco meses. O agricultor diz que não tem estatística, mas sabe que a produção cresceu e os grãos passaram a ser mais uniformes após a polinização direcionada.

Lomir conta que já chegou a ganhar R$ 70 pelo aluguel de cada colmeia para o café em Aracruz, mas, até 2016, não explorava o mel dessas colônias. Atualmente, faz parcerias com os produtores do conilon e diz que o resultado é bom para os dois lados. Segundo ele, as abelhas têm flores para trabalhar e o café aumenta sua produção em até 30%. Lomir, que entrega 70 toneladas anuais de mel a entrepostos de exportação, participa de simpósios e cursos divulgando a importância da parceria com cafeicultores e falando sobre a necessidade da redução de agrotoxicos.

O profissional conta que, embora a produção seja menor, o mel do café tem bastante qualidade e não é tão enjoativo como o do eucalipto. A bióloga Aline, da Abemel, tem a mesma opinião. "Ele tem um sabor mais cítrico, é menos doce e tem coloração mais clara que o mel silvestre e o de eucalipto."

25ª FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA EM AÇÃO

AGRISHOW

Patrocinadores

Realizadores

Promoção & Organização

A mais COMPLETA feira do agronegócio

COMPRE COM DESCONTO
SEU INGRESSO NO SITE

30 ABRIL a 4 MAIO | 2018
DAS 8H ÀS 18H
RIBEIRÃO PRETO - SP - BRASIL

AGRISHOW.COM.BR
/AGRISHOW

Queijo legal

Programa ajuda pequenos produtores mineiros a investir em instalações e obter registro para vender em todo o Estado

Texto **Camila Marconato*** | Fotos **Ricardo Benechio,** de Uberlândia (MG)

É na varanda do sítio que Luciene Rezende Carrijo faz o queijo que ajuda a garantir o sustento da família. Ao ar livre, sem utensílios adequados ou qualquer proteção, ela vai mantendo o que na sua família – e na de tantos outros mineiros – já é tradição: "Eu aprendi a fazer queijo muito nova, com minha mãe. A vida todinha fiz queijo. No começo, só pra gente. Depois, começamos a vender".

Luciene vive com o marido, Bolivar Carrijo, em Indianópolis, no Triângulo Mineiro. Em 128 hectares, o casal cultiva banana e cria um pequeno rebanho de vacas leiteiras, que rende, em média, 190 litros de leite por dia. Atualmente, toda essa produção vira queijo. Queijo que, Luciene sabe, não poderia mais ser vendido.

O processo de produção de queijo em Minas foi regulamentado pelo IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária) em 2012, numa portaria que estabeleceu regras para o funcionamento das agroindústrias de pequeno porte no Estado. "Não tínhamos como garantir a qualidade e a segurança de um queijo feito com leite não pasteurizado e em

ambiente aberto, como no caso da Luciene e do Bolivar, por exemplo. Daí a importância das novas regras", explica Patrícia Freitas, economista doméstica da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais).

Luciene conta que faz um tempo que eles desejavam fazer certo, diferente, mas sempre esbarravam na falta de dinheiro. Para ajudar nesse processo, a Emater criou um programa de apoio à legalização. Um grupo de 660 pequenas agroindústrias está recebendo o auxílio, um total de 3 mil produtores. Luciene e Bolivar estão em fase de transição. E, com o cadastro aberto no IMA, já podem vender o queijo.

Eles recebem assistência técnica do agrônomo Marco Aurélio Moreira, da Emater, que explica que, no caso do queijo, as melhorias devem começar no curral. "Ele deve ser cimentado e coberto. As paredes da sala de ordenha devem ser revestidas com azulejos. O local precisa ser lavado diariamente, assim como os equipamentos e utensílios usados na ordenha." Segundo o agrônomo, dá para fazer tudo sem gastar muito. "O produtor pode aproveitar material que já tem no sítio, fazer as instalações de forma rústica, sem luxo. Pequenas mudanças nas instalações e no manejo garantem a qualidade do leite", explica.

Bolivar acabou gastando cerca de R$ 30 mil nessa fase, porque, alem da reforma, decidiu comprar equipamentos para ordenha. "Com a ajuda da Emater, a gente conseguiu um financiamento e facilitou um pouco." O mais difícil para o pequeno produtor é investir na construção da agroindústria. A pequena queijaria do Bolivar e da Luciene, dimensionada para processar o leite produzido no sítio, deve ficar entre R$ 45 mil e R$ 55 mil. Eles começaram a obra usando recursos próprios e tentam um novo financiamento.

Patrícia Freitas, que é uma das coordenadoras do programa da Emater, explica que, independentemente do tamanho, a queijaria precisa ter áreas específicas para recepção e processamento do leite, maturação, embalagem e expedição do queijo. "As janelas devem ser teladas, para evitar a en-

Suzana Campo, coordenadora da área de bem-estar social da Emater Minas

Queijo muçarela produzido por Nilza de Souza

Nilza de Souza, produtora de queijo muçarela em Uberlândia

trada de insetos, e o entorno também precisa ser cercado, a fim de evitar a presença de outros animais como galinha, gato, cachorro", afirma. O projeto de uma queijaria eficiente é cheio de detalhes. A nutricionista Suzana Campo, coordenadora da área de bem-estar social da Emater, diz que é preciso providenciar ainda "uma fonte de água potável independente da casa, a compra de utensílios e equipamentos de inox, paredes azulejadas, forro lavável, banheiro, vestiário...". O produtor também tem de estar saudável, com os exames em dia, além de receber treinamento para lidar com a nova estrutura, seguindo todas as normas de higiene.

O processo de legalização é complexo, custoso e demorado, mas quem já está em fase mais adiantada não se arrepende. Nilza de Souza está produzindo cerca de 100 quilos de queijo muçarela por mês no município de Uberlândia. Ela ainda não conseguiu o cadastro definitivo no IMA, mas está com tudo funcionando. Depois da construção da agroindústria, já aumentou a produção, passou a comprar leite de vizinhos, contratou dois funcionários, além

RURAL
Assista na TV a esta reportagem domingo, 18/3, às 8h; na Globo News, às 9h05

da filha e do neto, e viu o faturamento crescer. "A gente fatura hoje uns R$ 30 mil por mês. Sobra uns R$ 7 mil livres para nós. A preocupação também aumentou, mas é bem melhor que antes", conta.

Marcos Fonseca, fiscal agropecuário do IMA e representante regional da entidade, explica que o processo de legalização tem demorado mais do que eles gostariam: "Os produtores têm levado, em média, quatro anos para conseguir o cadastro definitivo. A gente está trabalhando para reduzir para dois anos, prazo que nós consideramos mais próximo do ideal".

A família Fernandes foi uma das primeiras a conseguir o cadastro definitivo em Minas. No pequeno sítio de 34 hectares, em Monte Carmelo, também na região do Triângulo, Seu Gilson toca uma criação de 70 cabeças de gado girolando. A ordenha é manual e feita com a ajuda do filho Patrício. Todo leite recém-ordenhado segue para a queijaria, que fica ao lado do curral. Luciana, mulher do seu Gilson, coordena os trabalhos. Ao todo, a família gastou cerca de R$ 30 mil para regularizar a produção. Usaram recurso próprio e dinheiro do Pronaf – programa de financiamento destinado ao fortalecimento da agricultura familiar. Patrício foi quem insistiu na legalização e está animado. "Antes da agroindústria, nosso queijo não tinha valor. Agora é diferente. Você investe e tem retorno", diz.

Os Fernandes produzem cerca de 12 peças de queijo por dia. Queijo que vem recebendo prêmios de qualidade por todo o Estado de Minas e hoje representa a possibilidade de crescimento e de uma vida melhor. "A gente vendia queijo por R$ 8, hoje vende por até R$ 29. Melhorou demais", comemora seu Gilson. "Os concursos regionais e estaduais hoje fazem parte do programa da Emater e têm dado ótimos resultados. É uma ferramenta de divulgação e promoção do queijo, bem como de incentivo ao produtor para alcançar novos mercados", afirma Patrícia Freitas. E alçar voos mais altos é o que deseja seu Gilson: "Estou muito satisfeito, graças a Deus. Agora, é aumentar o número de vacas, tirar mais leite e fazer mais queijo".

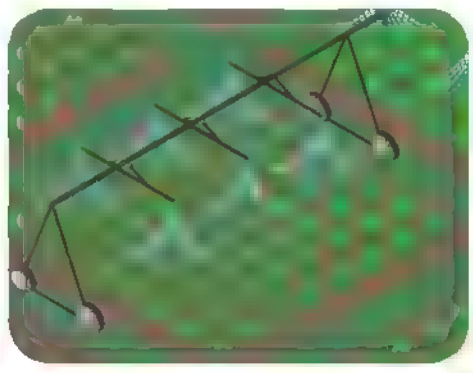
Bolivar Carrijo, produtor de Indianópolis, no Triângulo Mineiro

OS PRODUTORES TÊM LEVADO, EM MÉDIA, QUATRO ANOS PARA CONSEGUIR O CADASTRO DEFINITIVO

**Camila Marconato é repórter do Programa Globo Rural da TV Globo*

Desafios da irrigação

Segundo estudo da FAO, nos próximos 25 anos, cerca de 80% dos alimentos necessários ao consumo humano virão de cultivos irrigados. Se essa estimativa estiver correta, e se o Brasil vai mesmo ter um papel relevante na segurança alimentar global, será preciso avançar muito nessa importante tecnologia.



Atualmente, temos pouco mais de 7 milhões de hectares irrigados no país, menos de 10% de nossa área agricultada. Em outubro do ano passado, a Agência Nacional de Águas (ANA) publicou o *Atlas irrigação: uso da água na agricultura irrigada*, estudo no qual mostra que, de 1960 a 2015, a área irrigada no Brasil passou de 462.000 para 6,95 milhões de hectares. Foi um salto relevante, embora num lapso de tempo grande, de 50 anos.

Mas, em maio de 2016, o Ministério da Agricultura já havia lançado o Plano para Expansão, Aprimoramento e Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Irrigada no Brasil, estabelecendo a ambiciosa meta de chegar a 2026 com 11,2 milhões de hectares irrigados, um crescimento aproximado de 60% em dez anos. O plano visa à promoção do uso racional da água, à minimização de perdas em colheitas por secas e veranicos, ao aumento da produtividade agrícola de 3,4 para 4 toneladas por hectare e à geração de 7,5 milhões de empregos diretos e indiretos.

Há muito o que fazer para atingir essa meta, e entre os temas a enfrentar estão a disponibilidade energética, sobretudo nas regiões mais afastadas da fronteira agrícola, e a burocracia de licenciamento ambiental e outorga da água. Outra questão relevante é a escolha do tipo mais eficiente de equipamento tendo em vista o máximo aproveitamento e a mínima demanda por água. Nesse sentido, as tecnologias de gotejamento e a de microaspersão tendem a crescer quando comparadas com outros modelos, como a irrigação por inundação. O grande crescimento recente aconteceu com os pivôs centrais.

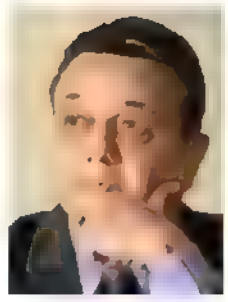
Naturalmente, um ponto nevrálgico para a decisão sobre irrigar ou não é o custo do investimento. E os números a esse respeito variam muito, indo de R$ 6 mil a R$ 10 mil por hectare, dependendo do modelo escolhido. Na média, o custo ficaria por volta de R$ 8 mil por hectare. Supondo que o preço médio do hectare da terra agricultável esteja em torno de R$ 30 mil, o investimento inicial seria aproximadamente de 25% do valor da terra.

Valeria a pena? Infelizmente, não temos dados abundantes de pesquisa sobre o resultado em larga escala da irrigação, mas todos os números disponíveis indicam um significativo potencial de incremento produtivo. Experimentos da Embrapa com 20 variedades de milho irrigado mostram um aumento de produtividade variando de 36% até 84%. Irrigação por gotejamento em café aumenta muito a produtividade, porque elimina a questão da bianualidade produtiva.

Em outras culturas permanentes, também se observam aumentos expressivos. E nem se fale dos hortifrútis, e ainda do arroz, cujo cultivo em sequeiro é de alto risco. Além disso, obter duas ou mais safras de grãos por ano fica fácil reduzindo custos unitários de produção. A utilização de máquinas e equipamentos fica otimizada, assim como a aplicação de fertilizantes e defensivos. Há maior uniformidade no padrão produzido, a incerteza climática desaparece, a oferta de sementes fica estabilizada, melhora a qualidade da mão de obra rural.

E, por fim, o crédito acoplado ao seguro rural deve ser mais barato e acessível.

Não há tempo a perder: precisamos estudar bem essa tecnologia e aplicá-la com vigor, como já fazem os países agricolamente desenvolvidos.



ROBERTO RODRIGUES é coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador especial da FAO para as cooperativas e presidente do LIDE Agronegocios

© THINKSTOCK

LEILÕES & CRIAÇÃO

NEGÓCIOS • GESTÃO + GENTE + GENÉTICA • MERCADOS

A evolução do nelore

Desde 1999, o Circuito Verde abateu e avaliou quase 100 mil cabeças em busca de um padrão de qualidade para a carne

Edição **Sebastião Nascimento**

O Circuito Boi Verde de Julgamentos de Carcaças, uma iniciativa da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), ao longo dos últimos 19 anos abateu e avaliou 99.500 cabeças nos mais importantes Estados pecuários, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Somente no ano passado, em oito etapas, foram para o gancho 6.015 animais, crescimento de 22% em comparação à temporada anterior.

A proposta da ACNB ao criar o circuito em 1999 era desenvolver uma marca para a carne do nelore, a raça mais populosa nos pastos do Brasil. O projeto também tem como objetivo sintonizar os frigoríficos e os criadores quanto aos parâmetros de melhor liquidez de mercado para o gado que veio da Índia há mais de um século.

Pedro de Felício, professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e um dos mais reputados especialistas em carne de alta qualidade do Brasil, avalia que o projeto está atingindo seus objetivos. "A intenção era mensurar a produtividade e o padrão do gado da raça nelore. Posso afirmar que a experiência superou de longe nossa expectativa", afirma Pedro.

Houve muita receptividade da parte dos criadores e as respostas dadas nos abates ao longo dos anos corresponderam à metodologia elaborada pela ACNB e parceiros, que hoje são os frigoríficos Marfrig, JBS e Frisa. O professor participou da elaboração do regulamento e sua experiência foi fundamental para o circuito sair da planilha para a prática. "Pedro foi e continua sendo um guru respeitado por todos", afirma André Locatelli, gerente executivo da associação do nelore.

Pedro de Felício faz questão de enfatizar a liderança do pecuarista paulista Carlos Viacava para a concretização do projeto. "Viacava era o presidente da ACNB na época. Ele percebeu antecipadamente as mudanças em relação às novas exigências do mercado e à necessidade dos criadores de nelore acompanharem os novos tempos que irrompiam de forma acelerada", afirma.

Foram realizadas oito etapas com abates técnicos no ano passado, informa André. Teve criadores também do Espírito Santo e de Rondônia. Ele explica que os animais procedem de vários criatórios e o vencedor é aquele que conseguir a maior pontuação nos quesitos acabamento de gordura, idade e peso ao abate.

Quanto ao primeiro quesito, os organizadores estão satisfeitos, por conta de 76% do gado apresentar acabamento mediano e uniforme. Alem disso, a cobertura de gordura era entre 3 e 10 milímetros. "É um padrão de corte desejado pelo mercado que aprecia um churrasco suculento", diz. André lembra que ficou demonstrado que o nelore possui disposição de gordura subcutânea externa ao músculo. Assim, o consumidor que não aprecia a gordura pode separá-la e degustar a carne. É diferente de outras carnes, cuja gordura é entremeada no músculo.

Em relação ao peso, 90% dos animais abatidos no ano passado tinham mais de 18 arrobas, conforme estabelecido pelo regulamento. André Locatelli destaca a evolução do nelore ao longo desses anos: "Mais de 70% das cabeças abatidas possuíam dois dentes incisivos, ou seja, eram bastante jovens. Há dez anos, a média ficava em 45%". É flagrante a evolução, e ela acontece graças à nutrição e ao manejo corretos, explica o executivo da associação.

A associação do nelore elege os criatórios melhores colocados a cada ano. Segundo André, a qualidade dos animais ficou evidenciada pela pequena

"A intenção do projeto era mensurar a produtividade e o padrão do gado da raça nelore"

PEDRO DE FELÍCIO
PROFESSOR APOSENTADO

"Mais de 70% das cabeças abatidas possuíam dois dentes incisivos, ou seja, eram bastante jovens"

ANDRÉ LOCATELLI
GERENTE EXECUTIVO DA ACNB

© DIVULGAÇÃO

Leone Furlanetto, gerente de pecuária da Fazenda São Marcelo

diferença das pontuações entre os primeiros colocados. A Fazenda São Marcelo, de Juruena (MT), foi a grande vencedora do Circuito Boi Verde 2017, acumulando 11.358,67 pontos. Ela havia sido a terceira colocada em 2015 e 2016. A Fazenda Santa Bárbara e Rancho Seco, de Ivinhema (MS), campeã do Circuito Boi Verde 2016, este ano ficou com o segundo lugar, totalizando 11.309,20 pontos. A terceira colocação foi a Campanário Agropecuária, de Laguna Carapã (MS), com 11.223,15 pontos. No total, participaram 35 propriedades.

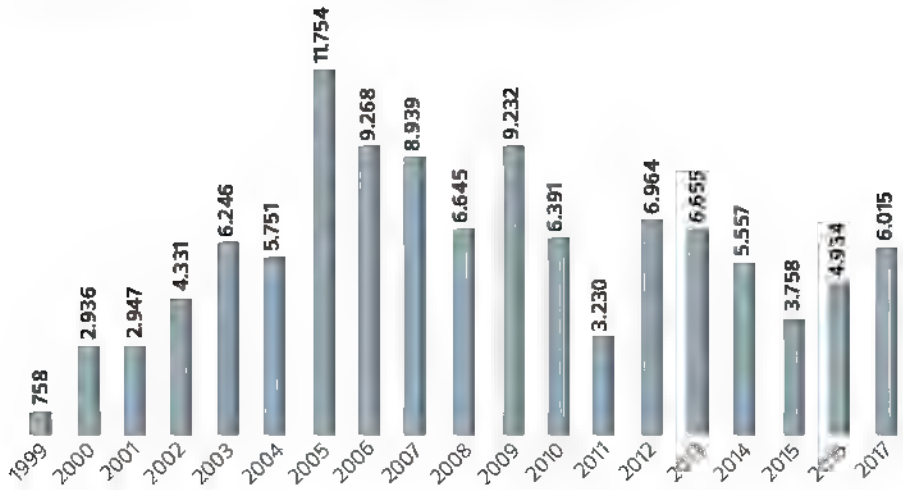
"O resultado positivo no Circuito Boi Verde é reflexo do trabalho da São Marcelo, que começa na cria, passa pela recria e finaliza na terminação, ou seja, envolve todo o sistema de produção da fazenda", afirma Leone Furlanetto, gerente de pecuária.

De acordo com ele, todos os animais levados para avaliação ainda tinham dentição de leite, eram precoces, com bom acabamento e na faixa de peso desejável. "A cada ano, procuramos fazer algo diferente, focando na melhora, com o objetivo de permanecer na cabeceira dessa iniciativa importante da ACNB", comenta Leone.

O Marfrig Global comandou o maior número de etapas (quatro) e foi o maior comprador de nelore avaliado pelo circuito em 2017, com 2.587 cabeças. A JBS ficou em segundo lugar, sediando duas etapas e tendo adquirido 1.930 animais. O Frisa realizou duas etapas, com o total de 1.498 animais.

A entidade da raça espera realizar um número superior a oito etapas em 2018, superando o ano passado. É que os contatos solicitando participação têm sido intensos, afirma André.

Número de animais avaliados por ano



Fonte: ACNB

OVINOS

Aposta na carne de cordeiro

A Quirós Gourmet, de Morungaba (SP), que cria e comercializa carne de cordeiros premium, está empenhada no aumento da presença do produto na mesa dos brasileiros. O consumo, que gira ao redor de 1 quilo por habitante, é baixo em relação a outros países, caso da Austrália, onde supera os 40 quilos por habitante.

"Em 2017, trabalhamos forte a criação da cultura de consumo da carne de cordeiro, incentivando a demanda pelo produto diretamente na ponta, para que isso estimulasse os produtores e toda a cadeia nacional a investir no crescimento da oferta", afirma o ovinocultor Augusto Quirós, o Guto, de 28 anos, proprietário da Quirós Gourmet.

Ele criou um projeto chamado Descobrindo a Carne de Cordeiro, que movimenta desde palestras a workshops e conteúdo em vídeo. "A carne de cordeiro tem de deixar de ser um produto sazonal e supérfluo. Essa é nossa proposta."

A Quirós Gourmet atende 58 cidades, espalhadas por 16 Estados. Mesmo com o desaquecimento da economia, a empresa não tem encontrado obstáculos para crescer, diz Guto. Ele não revela cifras, "por razões contratuais", mas informa que houve um acréscimo de 50% na receita de 2017.

A companhia vê o mercado para 2018 com muita cautela. "Será um ano de instabilidade política e econômica. Vemos uma possível melhoria da economia, porém, nada que nos possibilite projetar um crescimento agressivo", diz Guto. O incremento no faturamento projetado pela empresa é de 10% a 15%, ancorado principalmente na ampliação do portfólio de produtos e serviços.

O rebanho da Quirós é formado pela raça poll dorset, conhecida em todo o mundo. Com 63% de suas vendas direcionadas para casas como Hotel Fasano, Hotel Hyatt, Ristorantino, La Casserole e Sal Gastronomia, a empresa pretende avançar sobre nichos de pessoas físicas e também de casas especializadas, as famosas boutiques de carnes. O objetivo é estar mais próximo do cliente final, afirma Guto.

CARNE HALAL

Brasil vai exportar para a Indonésia

O Brasil deve iniciar neste ano a exportação de carnes halal para a Indonésia. Segundo Ali Saifi, diretor executivo da Cdial Halal, empresa de certificação, o mercado indonésio tem potencial de US$ 80 milhões ao ano.

Saifi prevê que, até 2020, as exportações brasileiras dos produtos halal devem crescer 60%. "Hoje, produzimos somente 33% de nossa capacidade", diz.

O Brasil lidera as exportações mundiais de carne. Além da posição de destaque como exportador de carne bovina e frangos, o país também lidera as vendas de carne halal, que é feita especialmente para o consumo de muçulmanos.

Atualmente, o país exporta esse tipo de produto para 22 países de cultura islâmica, o que representa um total de 2 milhões de toneladas de carnes halal por ano.

Em 2017, segundo levantamento da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, o Oriente Médio comprou 16% mais produtos brasileiros e esse crescimento foi puxado, entre outros produtos, pelas carnes bovina e de frango.

MARÇO 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 ABRIL 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14

15
Leilão Virtual Nelore Programa, tel. (43) 3373-7077

17
Virtual Agência Finl Gado de Leite Embral, tel. (11) 3864-5533

18
Central Negócios do Araguaia – Estância Bahia, tel. (66) 3468-6600

23
500 animais para cria, recria e engorda Embral, tel. (11) 3864-5533

8
4° Virtual Girolando da Fazenda Aroeira Embral tel. (11) 3864-5533

COLUNA DO PH

Genética

O número de animais confinados no Brasil evoluiu. Pelas estatísticas de 2010 para cá, o aumento médio anual foi de mais de 7% e a expectativa é que 2018 some um crescimento de 64,6% no período. A ideia basica do melhoramento é que as novas gerações sejam sempre melhores e, para isso, deve-se definir o foco genético das propriedades, com seleção de animais superiores. É esse melhoramento que vai garantir os melhores resultados comerciais. Em termos efetivos de animais, temos o segundo maior rebanho do mundo, perdendo apenas para a India, e devemos chegar em um curto prazo a 20% de nossos abates oriundos dos confinamentos. Isso só é possível a partir da seleção genética. O mundo consumiu em torno de 60 milhões de toneladas de carne bovina, uma media de 7,9 quilos por habitante, muito abaixo dos principais países consumidores, o que nos mostra um grande potencial de demanda. Uma coisa é certa: a eficiência esta na qualidade do que produzimos, no investimento em genetica de ponta e na eficiência dos processos.

PAULO HORTO e presidente da Programa Leilões, de Londrina (PR)

GENÉTICA

Alta lança "catálogo leite importado"

A Alta Genetics apresentou, no mês passado, seu novo "catálogo leite importado", em edição 2018, trazendo as informações da bateria da empresa. A companhia informa que a genética dos touros é cada vez mais produtiva e moderna. O catálogo contempla as raças holandês, jersey e pardo-suíço.

Dentre os 70 animais da seleção, 53 são holandeses, 25 jersey e dois pardo-suíços. "Trazemos para o mercado a boa genética e auxiliamos o produtor a utilizar esses touros da forma mais eficiente", afirma o gerente da Alta Fábio Fogaça.

A Alta é líder mundial no mercado de melhoramento genético. Com matriz localizada em Calgary, no Canadá, atua em mais de 90 países, com centrais de coleta no Brasil, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Holanda e China. Há 20 anos no Brasil, a empresa está sediada em Uberaba (MG).

NELORE

Touro obtém liderança inédita

O touro nelore REM Caldonegro, de propriedade da Genética Aditiva, de Campo Grande (MS), e em coleta de sêmen na central ABS Pecplan, de Uberaba (MG), conseguiu, no ano passado, chegar à liderança nos três principais sumários de avaliação de touros da pecuária brasileira.

Nascido em 2013, Caldonegro estabeleceu recordes em todos os sumários. No do PMGZ (Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos), conquistou o índice de 51,18. Também conquistou a marca histórica no sumário ANCP, ao atingir o merito genetico de 28,55. Mesmo feito repetiu no *Sumário Geneplus Embrapa*, chegando ao índice de 6,47%.

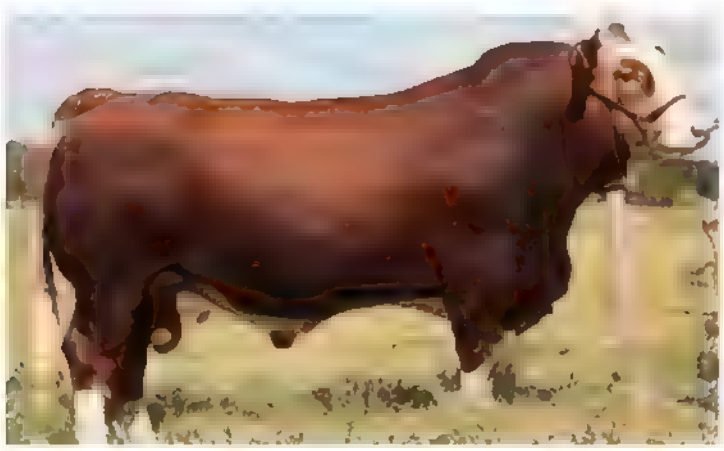
"Pela primeira vez na história, um touro unificou os mais importantes sumários da pecuária brasileira e, mais que isso, ele venceu nos três programas. E olha que seus filhos ainda estão muito jovens. Caldonegro é, sem dúvida, um momento disruptivo na evolução genética da raça nelore", enfatiza o diretor técnico da Associação Nacional dos Criadores e Pesquisadores (ANCP), Argeu Silveira.

DIVULGAÇÃO

SIMENTAL

Raça é destaque em Silvianópolis

A Casa Branca Agropastoril realizará sua Venda de Outono dos dias 21 a 24 deste mês, na Fazenda Santa Ester, em Silvianópólis, Minas Gerais. Serão colocados à venda touros e fêmeas da raça simental. A oferta inclui também brahman e angus. É uma venda própria. A propriedade fica aberta durante os quatro dias para receber pecuaristas interessados em comprar animais da Casa Branca, informa Paulo de Castro Marques, dono da marca.



"O simental é uma raça consolidada no Brasil. Está presente em todas as regiões, com resultados produtivos muito positivos", diz Paulo. Segundo ele, trata-se de uma genética de excelente ganho de peso. "Os animais são musculosos e, dessa forma, agradam muito aos frigoríficos. A Casa Branca trouxe para o Brasil a genética simental sul-africana, muito funcional e acostumada a temperaturas elevadas", afirma.

Detalhe: "Estamos contribuindo para uma nova fase de crescimento da raça no Brasil ao fornecer animais para criadores que investem no cruzamento industrial".

Comprova o padrão do gado simental selecionado pela Casa Branca o desempenho nos julgamentos. Os Grandes Campeões Fêmea e Macho 2017 são da Casa Branca: a vaca PWM Parla AS e o touro LGPM Salvattore.

LEITE

O catálogo dos europeus 2018

A ABS lançou, no mês passado, seu catálogo *Leite europeu 2018*. A bateria apresentada conta com 150 opções de touros das raças holandesa e jersey e 70 deles são novidades para o mercado brasileiro, segundo informa a empresa, que fica na cidade de Uberaba (MG).

"Com toda certeza, é uma das mais completas baterias de touros adaptados à realidade do produtor brasileiro. São opções genéticas com características comprovadas de saúde, produção e conformação", diz o gerente de produto leite europeu da ABS, Marcello Mamedes.

A companhia comunica ainda que está trazendo pela primeira ao Brasil a genética sexada Sexcel, desenvolvida nos Estados Unidos.

AFTOSA

Governo reduz dose da vacina

O Ministério da Agricultura divulgou, em fevereiro passado, a nova regulamentação sobre a vacina contra a febre aftosa. A dose a ser aplicada no rebanho bovino brasileiro foi reduzida para 2 mililitros – antes eram 5 mililitros. O regulamento técnico para a produção oficializa a retirada do antígeno C da formulação, mas não trata do uso da saponina.

A presença dessa substância na composição da vacina gerou polêmica no ano passado, depois de a saponina ter sido apontada pelo setor produtivo como uma das causas da formação de abscessos na carne bovina – os nódulos presentes no produto exportado para os EUA fizeram o país suspender as compras em junho de 2017. Havia uma expectativa de que o governo fosse proibir seu uso. A nova vacina chega ao mercado neste primeiro trimestre. De acordo com o Ministério da Agricultura, testes sobre o uso da saponina estão em curso e, por isso, não foi definida ainda sua aplicação. O Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan) afirma que, mesmo sem uma regra oficial, a indústria vai produzir a nova vacina – em doses de 2 mililitros e sem o antígeno C – sem a saponina.

Temporada lusitana

O cavaleiro olímpico **João Victor Marcari Oliva**, filho do ex-rei da noite José Victor Oliva, está em Portugal com a missão de treinar e registrar novos índices rumo aos Jogos Equestres Mundiais de Tryon, nos Estados Unidos, em setembro próximo.

Troca de comando

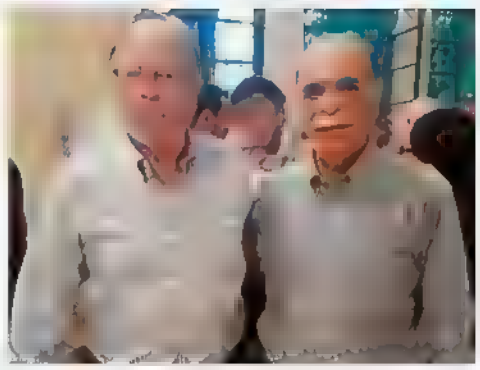
A CRV no Brasil, empresa de genética, escolheu para comandar suas operações no país **Luis Adriano Teixeira**, que ocupava o cargo de gerente de marketing. Luis Adriano diz que vai focar na agregação de negócios dos clientes da companhia. Paul Vriesekoop, que estava no comando desde setembro de 2014, assumira nova função na matriz do grupo, na Holanda.

Liquidez total

A forte demanda por touros marcou o mercado em 2017. "Como a procura por reprodutores nelore tem crescido consideravelmente nos últimos anos, nossa expectativa para 2018 é manter 100% de liquidez em todos os leilões", observa **Gilson Katayama**, titular da Katayama Agropecuária, de Guararapes (SP).

Rumo ao Sul

Os criadores de gado brahman querem divulgar a raça, que é mais conhecida no resto do mundo, mas precisa avançar mais no Brasil. Eles promoveram uma concorrida degustação da carne no Show Rural Coopavel, realizado no mês passado, em Cascavel, no Paraná. O sul do país é a região onde o brahman é menos conhecido.



Novo presidente

Fortalecer as exposições regionais é uma das propostas de **Luís Ópice**, que recentemente assumiu a presidência da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Mangalarga. Ele comandará o destino da raça pelos próximos três anos. Na foto, Luís *(à dir.)* está acompanhado de Mario Barbosa, que deixa o cargo.

CURTAS

■ **MAIS ABATE** – A JBS anunciou, no mês passado, que vai ampliar em 50% a capacidade de abate de bovinos no frigorífico de Barra do Garças, em Mato Grosso. A empresa não informou o volume abatido na unidade. A operação em novo turno já está começando.

■ **COMERCIAL** – A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) abriu as inscrições para os rebanhos interessados em integrar o Programa Carne de Zebu em 2018. A iniciativa foi lançada no ano passado e está avaliando touros puros de origem (PO) no sistema comercial de produção de carne.

© DIVULGAÇÃO

BOI GORDO

Abate de fêmeas deve aumentar

A demanda por carne bovina tem deixado a desejar, mas, em contrapartida, a oferta de boiadas não tem sido abundante, o que contribuiu para manter as cotações praticamente estáveis desde janeiro.

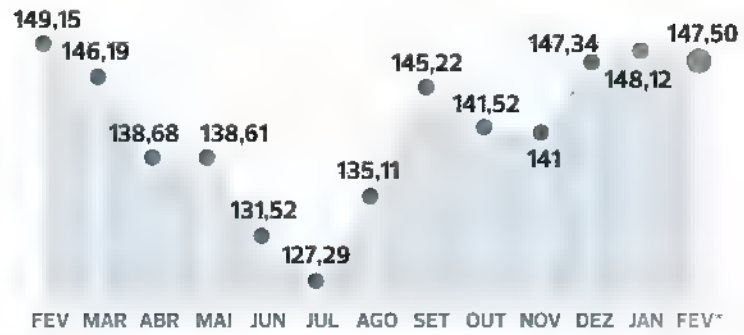
Em fevereiro, o começo de mês, associado ao feriado de Carnaval, estimulou o escoamento da produção, mas atrapalhou a compra de boiadas. Nem isso, no entanto, deu fôlego aos preços do boi gordo, considerando São Paulo como referência.

Em março, a tendência é de volume maior de oferta, principalmente de fêmeas, com o período de descarte após a estação de monta. Lembrando que este deve ser um ano de boa oferta de vacas e novilhas.

Paralelamente, temos um cenário de melhoria na situação econômica, mesmo sem perspectivas de evolução das reformas.

A situação das pastagens permitindo a retenção de boiadas e um consumo um pouco melhor devem amenizar o efeito da disponibilidade de fêmeas, no que diz respeito aos preços.

Preço do boi gordo em Araçatuba (SP)
(em R$/@, a prazo)



*Até o dia 19/2 Fonte: Scot Consultoria

LEITE

Mercado se mantém firme desde fevereiro

Com a demanda estagnada e a produção aumentando, tanto no Brasil central como na Região Sudeste (o pico de produção foi em dezembro), o preço ao produtor caiu no pagamento de janeiro referente à entrega feita em dezembro.

No sul do país, a queda no volume captado não foi suficiente para dar sustentação às cotações, diante de um escoamento fraco nos últimos meses.

A demanda ruim é o cenário vigente em todo o país. Em fevereiro, os preços do leite longa vida, leite em pó e queijo muçarela caíram no mercado atacadista.

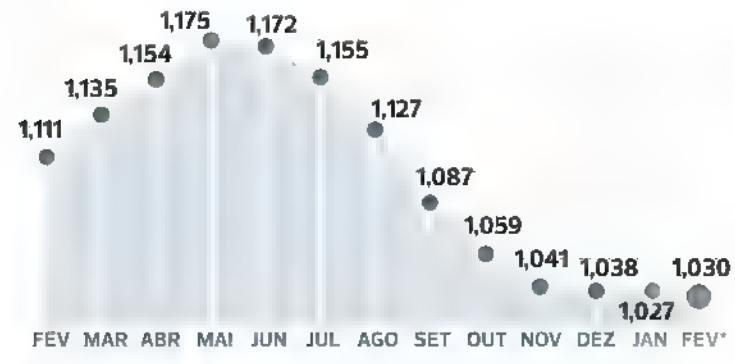
Em janeiro, considerando a média nacional, o preço ao produtor ficou em R$ 1,027 o litro, queda de 1% na comparação com o pagamento realizado em dezembro de 2017.

Para o pagamento a ser realizado em fevereiro, no Brasil central e nas regiões Sudeste e Sul, a tendência é de manutenção da alta na cotação ao produtor, com poucos laticínios estimando queda de preço.

No Nordeste, se as chuvas se confirmarem e a produção aumentar, a pressão de baixa poderá ganhar força.

Para março, a previsão é que o movimento de alta ganhe força, com peso maior da entressafra e menor disponibilidade de leite cru no mercado interno, além de uma melhoria da demanda interna passado o período de férias escolares.

Preço do leite pago ao produtor
(em R$/litro)



*Estimativa Média nacional ponderada Fonte: Scot Consultoria

Custos da pecuária subiram em fevereiro

As altas de preços dos alimentos concentrados, com destaque para o milho e o farelo de soja, além dos produtos para sanidade, defensivos e suplementos minerais, elevaram os custos de produção em fevereiro.

Na comparação com janeiro, o indicador da Scot Consultoria para a pecuária de corte de alta e baixa tecnologias aumentou, em média, 0,04%. Para a atividade leiteira, o incremento foi de 0,5%.

A volatilidade do câmbio, prevista para este ano de eleições, e as incertezas quanto ao clima devem ser consideradas no orçamento da atividade.

SCOT CONSULTORIA Hyberville Neto (boi gordo) e Juliana Pila (leite e custos de produção da pecuária)
scotconsultoria.com.br
Tel. (17) 3343-5111

Cevada de alto risco

No Paraná, cultura sofreu estresse hídrico na fase crítica de floração e enchimento de grãos

Texto Geraldo Hasse

REPRODUÇÃO PROIBIDA

Andreas Keller na Fazenda Boa Vista, em Pinhão (PR)

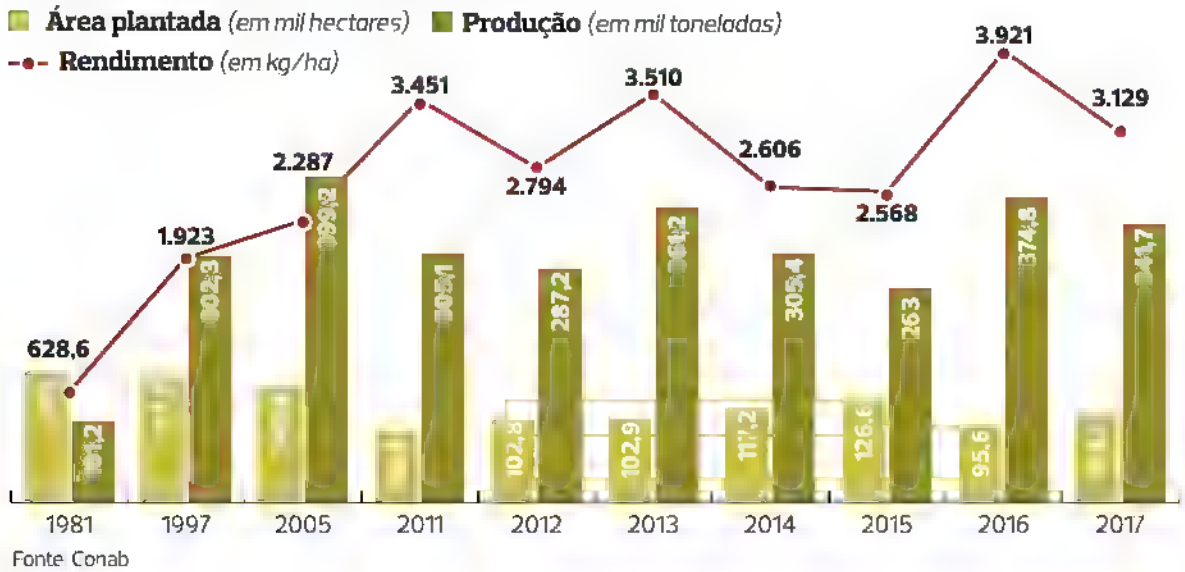
Na manhã do dia 1º de novembro passado, o céu estava azul, o vento soprava leve e o sol aquecia os campos cobertos de cevada no município de Pinhão, na região de Guarapuava, no centro-oeste paranaense. Às 10 horas, certo de que o orvalho já evaporara, o agricultor Andreas Keller iniciou a ceifa dos 200 hectares de cevada remanescentes no ponto mais alto da Fazenda Boa Vista, a 1.125 metros acima do nível do mar. Aos 59 anos, um dos "tops" da agricultura do Paraná, onde cultiva 750 hectares em sociedade com o irmão Roberto, o próprio Andreas pegou o volante da mais nova das duas máquinas da propriedade. "Eu gosto de pilotar", diz ele. Tudo correndo bem, sem enguiço mecânico ou engasgo nas esteiras, a safra acabaria dali a dois dias. Na sequência, aproveitando a umidade do solo, protegido pela excelente palhada da *Herbeum vulgare*, seria o momento de semear soja e milho, as duas mais importantes culturas de verão do Brasil.

Antes mesmo de terminar a colheita, Andreas já sabia que o resultado de suas duas culturas de inverno – cevada e trigo – não foi bom em 2017. As lavouras sofreram estresse hídrico na fase crítica de floração e enchimento de grãos. O clima não ajudou. "Tivemos três semanas de seca logo após o plantio e muita chuva no final", explicou Andreas, lembrando que os dois anos anteriores também foram decepcionantes (em 2015, por excesso de chuvas; em 2016, por uma granizada que caiu em parte de sua lavoura).

Mesmo sem ter fechado as contas, Andreas estava certo de que o rendimento da cevada não havia chegado a 4.000 quilos por hectare, bem abaixo de seu recorde – acima de 6.000 quilos por hectare de cevada, índice também alcançado por muitos dos 420 sócios ativos da Cooperativa Agrária Agroindustrial, da qual faz parte desde que comprou essa fazenda, há 40 anos.

"Aqui era chão bruto, compramos de uns criadores de gado

Evolução da safra de cevada



Fonte Conab

e começamos com arroz", conta. Com apenas duas safras arrozeiras, os irmãos Keller recuperaram o dinheiro aplicado na compra da terra, hoje avaliada em 1.000 sacas de soja por hectare (cerca de R$ 60 mil o hectare). "Ou seja, com o rendimento atual da soja, o comprador precisaria de 30 anos de trabalho para pagar essa terra."

Por ser concorrente e fornecedora da Ambev, que opera duas maltarias no Rio Grande do Sul para abastecer suas cervejarias, a Agrária Malte alega "razões estratégicas" para não dar detalhes sobre suas atividades industriais, mas, em Guarapuava, todo mundo sabe que ela produz anualmente 350.000 toneladas de malte (de cevada nacional e importada) em sua maltaria na colônia de Entre Rios, criada no início dos anos 1950 para acomodar os imigrantes provenientes da Suábia, na Alemanha.

Quando começou a maltar, no final do século XX, a Agrária era um pigmeu perto da herdeira da Brahma, da Antarctica e de outras marcas de cerveja. Hoje, é a maior maltaria da América Latina e a 11ª maior do mundo, respondendo por 25% do consumo nacional de malte. Em sua pesquisa agronômica, visando às melhores sementes, possui 11 técnicos, que mantêm intercâmbio com a Embrapa de Passo Fundo, onde permanece em atividade apenas um melhorista de cevada: o agrônomo Euclydes Minella, contratado em 1975.

A cevada é semelhante ao trigo, explica Euclydes: uma lavoura de alto risco climático e sujeita a grandes oscilações de produção, de rendimentos e de preços. Além de depender do clima, os produtores sofrem com as regras contratuais estabelecidas pelo segmento cervejeiro nacional. Hoje bastante concentrada nas mãos da Ambev, a indústria cervejeira tem tradição no fomento da herveicultura no sul do Brasil, mas, dependendo do volume e da qualidade da produção nacional, acaba recorrendo a importações de até 60% de suas necessidades de matéria-prima, cujos preços são regidos pelos mercados líderes do Hemisfério Norte.

Projeto sigiloso

Reproduzindo o que ocorre com o trigo, o cultivo de cevada ainda é liderado pelo Rio Grande do Sul, seguido pelo Paraná; ambos somam habitualmente mais de 100.000 hectares por ano. A estagnação da produção no Sul sustenta a crença de que o potencial de expansão da cevada se concretizará em regiões menos sujeitas a distúrbios climaticos. No Sudeste, por exemplo. "De São Paulo para o norte, a cultura de inverno só vai com irrigação", afirma Euclydes, da Embrapa, lembrando que é preciso dispor de água em rios, represas ou poços subterrâneos.

A solução irrigada vem sendo aplicada com sucesso em algumas centenas de hectares de Goiás e de Minas Gerais por agricultores orientados por uma parceria da Ambev com a Embrapa e outros técnicos avulsos.

Euclydes Minella, pesquisador da Embrapa e melhorista de cevada

Esse projeto é sigiloso, no entanto, os objetivos são conhecidos: 1) fugir das oscilações de safras geradas pelas anomalias do clima; 2) dobrar o número de fornecedores, passando dos 2 mil agricultores atuais para 4 mil. Ou, seja, são fortes os indícios de que a indústria cervejeira busca criar raízes no miolo do Brasil, seguindo a dica deixada há décadas pelo agrônomo Ady Raul da Silva (1917-2004), diretor de pesquisa do trigo no Ministério da Agricultura antes da criação da Embrapa, em 1973. Como aconteceu a partir dos anos 1980 com a soja, o café e o algodão, pode estar efetivamente no Cerrado o futuro da cevada – e do trigo.

Como o grão vira malte

O controle de qualidade da cevada na indústria obedece a uma lista de exigências encabeçada pelo índice de germinação, que não pode ser inferior a 95%. Os demais itens definidos pelo Ministério da Agricultura são: umidade, grau de impurezas, peso hectolítrico e os índices de proteína, de grãos germinados, de grãos verdes pastosos e de grãos verdes leitosos. Cada ponto negativo concorre para desclassificar o produto, cujo processo industrial começa pela secagem e é seguido pela hidratação até a germinação.

Atingido esse ponto, os brotos são descartados como matéria-prima de rações, restando na maltaria apenas os grãos processados, que têm o mesmo aspecto da cevada colhida no campo. Esse é o malte, base da fabricação da cerveja. Em média, com 1 tonelada de cevada, obtêm-se 800 quilos de malte.

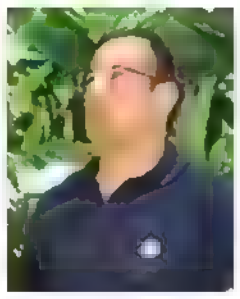
DIVULGAÇÃO

por Cassiano Ribeiro cassianor@edglobo.com.br

FAZENDA DA TOCA

Ovos caipiras certificados

A Fazenda da Toca acaba de conquistar a certificação do instituto Certified Humane Brasil, que trabalha com reconhecimento de empresas preocupadas com bem-estar animal. A produção de ovos caipiras da fazenda foi certificada, o que garante uma criação de galinhas poedeiras dentro dos princípios de conforto, humanismo e com responsabilidade. O diretor-geral da Fazenda da Toca, **Fernando Bicaletto**, afirma que a conquista desse selo sempre esteve no radar da companhia, por ser muito conhecido e difundido no segmento.

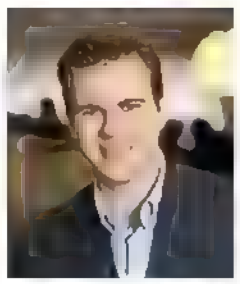


Em uma área de 2.300 hectares, a fazenda produz, além de ovos, frutas e polpas 100% orgânicas. As galinhas poedeiras são criadas livres de gaiolas.

CARGOX

Expansão estratégica

Conhecida como a Uber dos caminhões, a CargoX está apostando numa nova fase de expansão do negocio. A empresa, que já recebeu R$ 112 milhões em investimentos e conta com o fundador da Uber entre os sócios, vai abrir novos escritórios no Brasil este ano. Além de Matupá e Lucas do Rio Verde, ambos em Mato Grosso e inaugurados em janeiro, outros locais estratégicos devem sair ainda no primeiro semestre, afirma **Federico Vega**, CEO da startup. "Vamos apostar em diferentes Estados, usando nosso conhecimento e capacidade de atendimento ao agronegócio", diz.



DE HEUS

Nutrição reforçada

Luisa Albefaro é a nova integrante da equipe de negócios suínos da multinacional holandesa De Heus. Médica-veterinária, nutricionista e com doutorado em nutrição animal, a jovem chega à companhia depois de se especializar na formulação de ração e produtos voltados à nutrição de suínos. Ela já atuou em grandes empresas, nas áreas de nutrição e genética, e teve também passagem pela agroindústria.

RASIP

Negócio novo

Maçãs, queijos, vinhos, derivados lácteos e outros itens produzidos nas fazendas do Grupo Randon, dono da Rasip Alimentos, agora terão novos pontos de comercialização, por franquias. A rede se chama Spaccio RAR e deve inaugurar as três primeiras lojas ainda este ano, começando pelo Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Caxias do Sul e Passo Fundo são os três primeiros municípios a receber o investimento. "Aqui temos produtores que nos fornecem leite e mantemos relacionamento muito forte com a Universidade de Passo Fundo, na pesquisa e desenvolvimento na parte do leite. É uma região forte no agronegócio, na parte cultural, educacional e médica, então vemos como oportunidade lançarmos aqui nossa primeira loja", explica Sérgio Barbosa, diretor da Rasip Alimentos.

© DIVULGAÇÃO

INVESTIMENTOS

US$ 560 milhões
devem ser investidos pelo fundo **Rhône Capital** na compra da rede de churrascarias brasileira Fogo de Chão, com 38 restaurantes nos Estados Unidos e nove no Brasil. A transação deve ser concluída no segundo trimestre deste ano. A primeira churrascaria do grupo foi aberta no Brasil em 1979.

R$ 40 milhões
foram investidos pela JBS na criação de uma nova empresa do grupo, chamada de **JBS Feed Solutions**, que produzirá ingredientes para ração animal. A fábrica ficará em Campo Grande (MS) e terá capacidade para produzir 550 toneladas de hemácias em pó e 200 toneladas de plasma em pó ao mês.

R$ 31 milhões
devem ser investidos pela cooperativa agrícola **C. Vale**, de Palotina (PR), na construção de uma nova unidade de recebimento de grãos no Estado. A estrutura ficará no município de Alto Piquiri e visa atender principalmente os produtores de soja e milho da região noroeste paranaense.

R$ 25 milhões
é o valor aproximado do investimento que a **Adimax Pet** fez na construção de uma nova fábrica de ração, em Goianápolis (GO). A planta tem capacidade para produzir 4.000 toneladas por mês, além de gerar 150 empregos diretos, e foi inaugurada no mês passado.

R$ 4 milhões
foram investidos pela **Marfrig** na compra de novos equipamentos e instalações na unidade de Pampeano (RS), numa área de 1.500 metros quadrados. Com o aporte, a empresa ampliou o portfólio de produtos, passando a produzir e vender molhos prontos para carnes e itens à base de arroz em pouches (saquinhos) e latas.

FS BIOENERGIA

Mais etanol de milho

Primeira usina de etanol fabricado exclusivamente com milho, a FS Bioenergia vai duplicar a capacidade de produção da planta de Lucas do Rio Verde (MT), seis meses após inaugurá-la. As obras já foram iniciadas e, segundo a companhia, R$ 350 milhões serão investidos nessa fase. "Estamos extremamente satisfeitos com os resultados que obtivemos desde a inauguração da planta. Com a ampliação, poderemos acompanhar a crescente demanda por nossos produtos", afirma **Henrique Ubrig**, presidente da empresa, que já anunciou também investimento de R$ 1 bilhão numa nova unidade, em Sorriso (MT).

MINERVA

Gestão financeira

Eduardo Toledo é o novo diretor de finanças da Minerva Foods. Formado em engenharia de produção, com uma ampla experiência em tesouraria, controladoria, fusões e aquisições, ele chega à empresa com o desafio de manter os processos de integração das novas unidades adquiridas pelo grupo no Mercosul no ano passado e tambem de conduzir a estratégia de redução do endividamento da companhia.

EMBRAPA

Mudança histórica

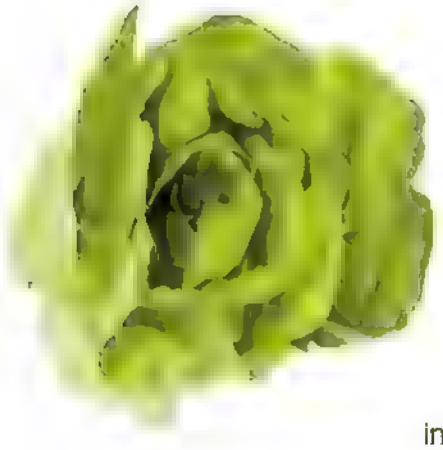
A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) fez o que chama de maior reestruturação administrativa de sua história. A estatal reduziu de 15 para seis as áreas de administração da entidade. A notícia vem após o anúncio de cortes de 46 para 42 no número de unidades pelo Brasil. O objetivo da reformulação é aumentar a eficiência das operações. **Cleber Soares**, diretor executivo de inovação e tecnologia, acredita que os agricultores e as lideranças do agro vão notar em curto prazo uma maior facilidade no acesso às tecnologias desenvolvidas pela Embrapa e também por terceiros.

Área cultivada com grãos no Brasil cresceu 30% nos últimos dez anos

A maior expansão foi a da soja, que registrou avanço de 64%, para 35 milhões de hectares, com destaque para o aumento de 653% no Pará

Algodão

O plantio da pluma de primeira safra saltou de 81.800 para 112.000 hectares em **Mato Grosso**, graças ao ganho de áreas onde os produtores deixaram de semear a soja, por causa do atraso das chuvas



Alface

Em Mário Campos, **Minas Gerais**, os produtores estão preocupados com a incidência da praga tripes, insetos transmissores da virose vira-cabeça do tomateiro, que pode voltar a se proliferar no verão de 2018

Amendoim

O plantio em **São Paulo**, nas áreas de reforma dos canaviais, cresceu 14,5%, para 126.300 hectares, impulsionado pelos bons preços. Em torno de 70% da produção é exportada para os países europeus

Arroz

A lentidão da comercialização preocupa os produtores do **Rio Grande do Sul**, que precisam desocupar seus armazéns para estocar a produção da safra 2017/2018, que começou a ser colhida em fevereiro

R$ 7,39 bilhões

É O VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE TOMATE ESTIMADA PARA 2018, O MENOR EM NOVE ANOS

© THINKSTOCK E FERNANDO MARTINHO/EDITORA GLOBO

Soja

A área cultivada teve um crescimento modesto de apenas 2,9% em **Tocantins**, por conta da grande frustração da safra passada, que deixou muitos produtores endividados e com restrição de acesso ao crédito

Feijão

A produção do plantio de primeira safra na **Bahia** deve ter uma queda de 43,3%. O motivo é o veranico intenso que castigou as lavouras no centro-sul do Estado e no Vale do São Francisco

Maçã

A produção em **Santa Catarina** deve diminuir entre 30% e 40%, por causa do atraso da brotação e da florada. A queda é reflexo da grande safra de 2018, quando a falta de espaço para armazenagem prolongou a colheita

Calendário rural | MARÇO

REGIÃO	Colheita	Plantio
CENTRO-OESTE		
Goiás		2ª 2ª
Mato Grosso	1ª/2ª	2ª 2ª
Mato Grosso do Sul		2ª
NORDESTE		
Bahia		
Ceará		2ª
Maranhão		
Piauí		
Sergipe		
NORTE		
Pará		
Rondônia		
Roraima		
Tocantins		
SUDESTE		
Espírito Santo		
Minas Gerais		2ª 2ª
São Paulo	2ª	
SUL		
Paraná		2ª
Rio Grande do Sul		
Santa Catarina		

*VARIEDADES DE LARANJA – **P** (precoces): hamlin, pineapple, rubi e westin; **M** (meia-estação): pera; **T** (tardias): valência e natal. 1ª, 2ª e 3ª se referem à 1ª safra, 2ª safra e 3ª safra respectivamente

CULTURAS

algodão, amendoim, arroz, café, cana, cacau, feijão, fumo, girassol, laranja*, mamona, melão, milho, soja, trigo

Mundo

MÉXICO

A safra de **milho** foi revisada de 26,2 milhões para 26,8 milhões de toneladas, graças às boas condições climáticas, que favoreceram o desenvolvimento das lavouras

ITÁLIA

A produção de **amêndoas** deve cair 40%, para 12.000 toneladas, devido à seca que no verão castigou a península italiana. A região da Sicília (Bronte) representa cerca de 90% da oferta total

BANGLADESH

A produção de **arroz** é estimada em 32,65 milhões de toneladas, queda de 5,6% em relação à safra passada, por causa das chuvas durante o amadurecimento dos grãos

AUSTRÁLIA

O USDA estima a produção de **cevada** em 8,5 milhões de toneladas, volume 6% acima das estimativas iniciais, apesar da estiagem ter provocado quebra de produtividade e perda da qualidade em Nova Gales do Sul

por Monique Gentil

Chuva pode afetar a colheita e o escoamento da soja

As chuvas excessivas esperadas para março podem se tornar uma preocupação para os produtores de soja de Mato Grosso que nesta safra plantaram mais tarde, devido à umidade irregular e ao término do vazio sanitário, pois eles ainda estarão na fase de colheita. Já para quem conseguiu finalizar a colheita e entra agora na fase de comercialização, a atenção deve ser redobrada com o escoamento da produção.

O alerta é do especialista Celso Oliveira, da Somar Meteorologia. Ele observa que os volumes elevados, que já atingem a metade norte do país desde fevereiro, podem trazer problemas similares aos ocorridos no mesmo período em 2017. À época, o transporte dos grãos provenientes principalmente de Mato Grosso sofreu atrasos por conta dos atoleiros na BR-163 em direção ao Porto de Miritituba, no Pará, prejudicando a passagem de 3 mil caminhões.

Os volumes excessivos de chuvas também preocupam o Sudeste. "Os acumulados já tendem a ser maiores nesta época do ano na região e, com o Atlântico mais quente que o normal, a possibilidade de temporais intensos como os que atingiram o litoral paulista e fluminense e causaram transtornos no Porto de Santos em fevereiro podem voltar a acontecer em meados de março e até mesmo em abril", afirma Celso.

Ele chama a atenção para os efeitos parciais do La Niña de fraca intensidade na virada do ano na Região Sul. "Em vez de provocar secas severas e duradouras, o fenômeno trouxe problemas mais pontuais. No Paraná, a estiagem aconteceu em setembro e dezembro. No primeiro mês, a baixa umidade do solo impediu a instalação da soja logo após o término do vazio sanitário. Já no norte do Rio Grande do Sul, a falta de chuvas de dezembro afetou a produtividade do milho", relembra o especialista.

Na fronteira com o Uruguai, a seca vem acontecendo de forma mais persistente, afetando grãos e pastagens desde novembro e forçando decreto de emergência em aproximadamente dez municípios.

O meteorologista complementa: "O atraso na instalação da safra de verão aumentará o risco do cultivo do milho safrinha tanto no Paraná como em Mato Grosso. No primeiro Estado, o desenvolvimento mais tardio da cultura avançará perigosamente até o fim do outono, período em que o frio se torna mais intenso, enquanto no Cerrado o risco será de falta de chuvas antes do fim do ciclo".

Outono será mais úmido que o normal

O ano começou marcado por um La Niña de fraca intensidade, mas a expectativa é que o fenômeno, caracterizado pelo resfriamento das águas superficiais do Oceano Pacífico equatorial, não vá além do verão, e as simulações da Agência Americana de Meteorologia e Oceanografia (NOAA, na sigla em inglês) indicam um período de neutralidade no clima, quando não há atuação de El Niño ou La Niña.

Apesar de o Pacífico estar em condições de neutralidade, a atmosfera ainda deve apresentar resquícios do La Niña, garantindo um outono mais úmido que o normal. No entanto, o cenário ainda pede cautela, uma vez que há possibilidade de as chuvas ocorrerem de forma mal distribuída ao longo da estação.

Cheia (1º/3) Minguante (9/3) Nova (17/3) Crescente (24/3) Fonte: Simepar

"A atenção deve ser mantida principalmente na região central do país, já que a área depende do avanço frequente de frentes frias que sejam capazes de atrair a umidade da Amazônia sobre o Sudeste e o Centro-Oeste", afirma Celso Oliveira.

O meteorologista ainda reforça a possibilidade das frentes frias se afastarem para o oceano na altura da Região Sul antes de alcançarem o Sudeste e o Centro-Oeste, gerando maiores períodos de tempo seco nas duas regiões durante o outono.

Para as lavouras de café, laranja e cana que tiveram chuvas fracas, alternadas com maiores períodos de insolação, e apresentaram um bom desenvolvimento em janeiro e fevereiro, o cenário ainda deve ser otimista na maior parte de março. "O mês deve ser de características similares nas regiões de cultivo, com sol, calor e pancadas de chuva", comenta.

Com a chegada de um outono mais úmido, a cautela deve aumentar. "A partir do início de abril, a possibilidade de chuvas mais abrangentes pode dificultar o início da colheita para as três culturas", explica.

As informações são da **Somar Meteorologia**
assessoria@somarmeteorologia.com.br
tempoagora.com.br

ARGENTINA

Clima seco provoca perdas

A atuação do La Niña resultou em um verão marcado pelo clima persistentemente seco e quente na Argentina. As lavouras de soja, que enfrentam a escassez hídrica desde novembro, tiveram seu desenvolvimento fortemente afetado após a fase de plantio, que já havia sido prejudicada pelo excesso de chuva.

De acordo com o mapa de umidade do solo do Serviço Meteorológico Nacional Argentino (SMN), a maior parte do país enfrenta situação de seca absoluta ou extrema, com exceção de poucas áreas na região do Chaco que contam com umidade do solo em níveis regulares. Nas regiões-chave de produção da soja, pancadas de chuva fracas e bastante isoladas são insuficientes para a recuperação das lavouras.

Segundo o meteorologista Celso Oliveira, da Somar Meteorologia, os poucos produtores que conseguiram obter o desenvolvimento da soja contam agora com condições ideais para colheita, mas, nas demais áreas, os danos devem ser irreversíveis.

O levantamento da Bolsa de Comércio de Rosário mostra que as perdas das safras argentinas devem ficar entre 15% e 17%, mantendo a alta dos preços no mercado internacional. Mesmo com as chuvas excessivas no início do último ano, a expectativa em abril de 2017 era de que a colheita da soja no país vizinho chegasse aos 56 milhões de toneladas, 3 milhões maior que a colheita do ano anterior. Neste ano, a estimativa é que a colheita não passe de 47 milhões de toneladas.

Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

MILHO

Retração da oferta sustenta preços

O atraso na colheita da safra de verão e na semeadura da segunda safra, por causa do grande volume de chuvas nos últimos meses, tem dado sustentação aos preços no mercado interno.

O vendedor retraiu a oferta neste momento, atento ao desenrolar dos trabalhos no campo, o que colabora com esse cenário de firmeza.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, na região de Campinas (SP), a saca de 60 quilos estava cotada, em média, em R$ 32,32, para entrega imediata, sem frete, na primeira quinzena de fevereiro.

Essa cotação significa uma alta de 2,6% em relação à média vigente em janeiro, entretanto, está 9,5% menor frente ao mesmo período do ano passado.

Em curto e médio prazos, a expectativa é de clima favorável para a colheita da safra de verão no Paraná e no Brasil central e, consequentemente, da semeadura da segunda safra de milho.

Com a maior oferta interna advinda da colheita, a tendência é que as cotações caiam a partir de março. Para o comprador, podem aparecer oportunidades para negociar.

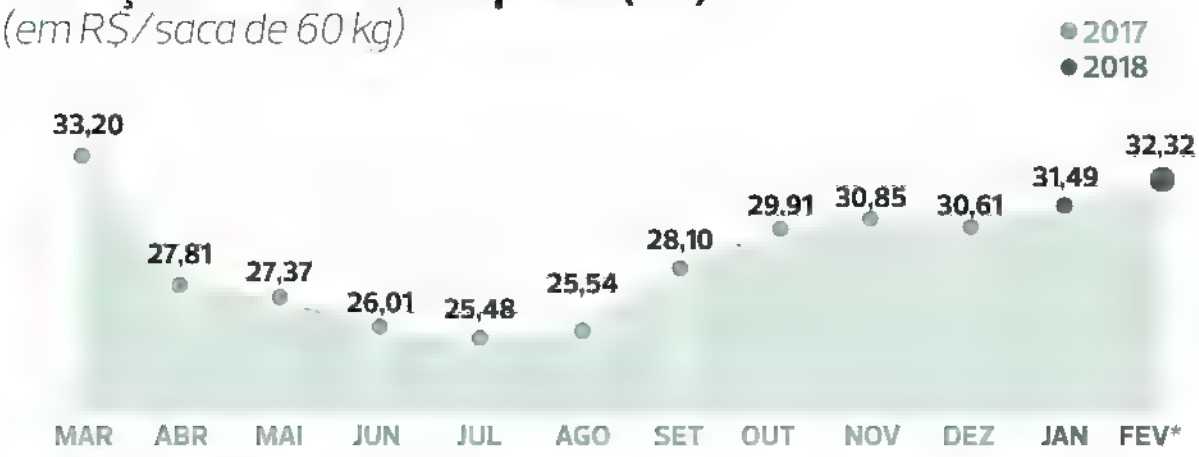
De qualquer forma, a atenção ao clima e ao desenrolar da safra de verão e da safra de inverno não muda. No relatório de fevereiro, a Conab revisou para baixo a previsão de produção.

Estão previstos 24,74 milhões de toneladas na primeira safra, em comparação aos 25,18 milhões de toneladas estimadas no relatorio anterior. Esse volume é 18,8% menor que o colhido em 2016/2017.

Na segunda safra, o país deverá colher 63,26 milhões de toneladas (foram 67,17 milhões de toneladas estimadas anteriormente, queda de 6,1% em relação a 2016/2017).

Por fim, os estoques estão estimados em 18,52 milhões de toneladas ao final desta safra – eram 18,61 milhões em 2016/2017 e 6,95 milhões em 2015/2016.

Preço médio em Campinas (SP)
(em R$/saca de 60 kg)



Fonte: Scot Consultoria (*até o dia 19/2)

SUÍNO
Vendas fracas

As vendas de carne suína, diferentemente do que ocorreu com as de frango e bovina, não se recuperaram em fevereiro. As cotações médias mensais, desde dezembro, caíram 8,8% na granja e 9,4% no atacado. O preço médio ao produtor é o menor desde julho de 2017, o que representa uma queda real de 3% desde então, valor igual ao da inflação acumulada (IGP-DI) até janeiro. Para complicar, a média diária de carne exportada em fevereiro está 23,6% menor que em fevereiro de 2017.

Preços médios do suíno terminado, em São Paulo – R$/@ *Até 15/2

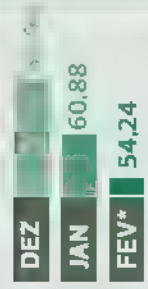
FRANGO
Atacado melhora

Mercado em reação. Até a primeira quinzena de fevereiro, a cotação da carcaça, no atacado, subiu 1,5% frente a janeiro, voltando aos maiores patamares do ano (R$ 3,40 o quilo). Porém, nas granjas o preço do frango vivo está estável em R$ 2,50 o quilo desde a segunda quinzena de janeiro. A exportação devagar pode explicar esse "atraso" no repasse ao produtor, mesmo com o consumo interno melhorando. O volume médio diário exportado na parcial do mês foi 15,2% menor que o de fevereiro de 2017.

Preços médios da carcaça de frango em São Paulo – R$/Kg *Até 15/2

AÇÚCAR
Mercado em queda

O aumento da produção na Índia, Tailândia e União Europeia pressionou negativamente a cotação do açúcar. No mercado interno, a cotação caiu 10,9% em fevereiro na comparação mês a mês. Desde dezembro do ano passado, a queda equivale a um quinto do preço, ou 21,3%. Com preços baixos e demanda sem reação, a projeção é que a safra brasileira de cana 2017/2018 seja direcionada preferencialmente para a produção de etanol.



Preço médio mensal da saca de 50 kg de açúcar cristal em São Paulo – em R$/saca, com impostos e sem frete *Até 16/2

SOJA

Mercado atento à safra argentina

O desempenho lento da colheita brasileira nesta temporada, devido às chuvas na Região Centro-Oeste e no Paraná, e a estiagem na Argentina são os principais fatores de alta dos preços em plena colheita.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, em Paranaguá (PR), a saca de 60 quilos foi cotada, em média, em R$ 73,09 na primeira quinzena de fevereiro.

Os preços subiram 1,7% na comparação mensal, mas ainda estão 0,8% menores em relação a fevereiro de 2017.

Com as chuvas mais espaçadas e em menores volumes, em curto e médio prazos a expectativa é que a colheita ganhe força no Brasil. Dessa forma, espera-se um cenário de aumento gradual da oferta e quedas nos preços no mercado interno não estão descartadas. Vai depender do câmbio e da situação das lavouras na Argentina.

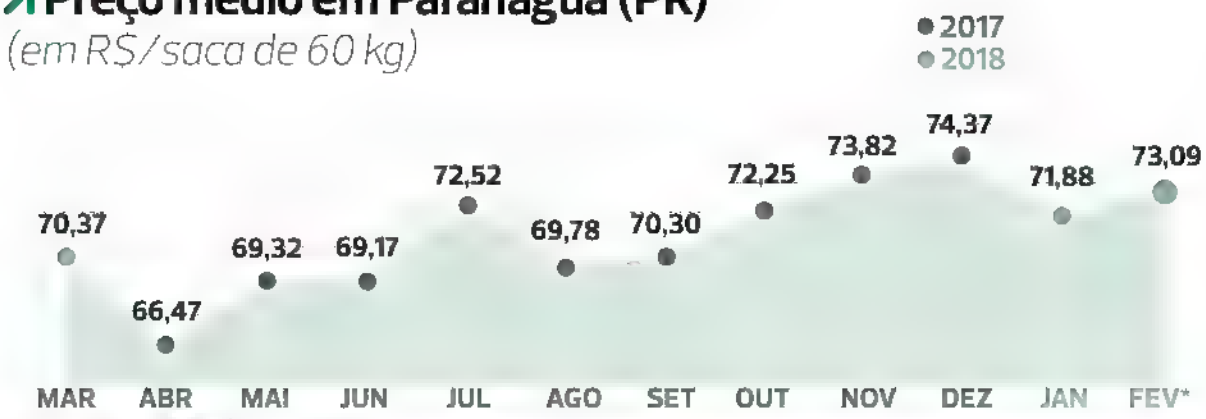
No relatório de fevereiro, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) revisou para baixo a produção argentina. Foram estimados 54 milhões de toneladas de soja em 2017/2018, frente aos 56 milhões de toneladas previstas anteriormente. O volume é menor que os 57,80 milhões de toneladas colhidas em 2016/2017.

A menor produção na Argentina deverá impactar também o esmagamento e, consequentemente, a produção de farelo de soja. O mercado internacional reagiu com altas de preços para o insumo na segunda quinzena de fevereiro.

Estão previstos 33,47 milhões de toneladas de farelo de soja nesta temporada na Argentina (foram 34,42 milhões de toneladas estimadas no relatório anterior).

Preço médio em Paranaguá (PR)

(em R$/saca de 60 kg)



Fonte: Scot Consultoria (*até o dia 19/2)

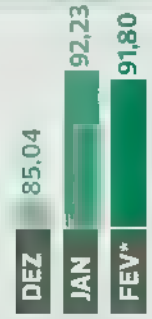
SCOT CONSULTORIA

Juliana Pila, zootecnista (frango, suíno, leite e custo de produção da pecuária) **Hyberville Neto**, médico-veterinário (boi gordo) **Marina Matzoni**, engenheira agrônoma (algodão e café) **Pâmela Andrade**, engenheira agrônoma (etanol e arroz), **Rafael Lima**, zootecnista (milho e soja)

Coordenação: Alcides Torres, engenheiro agrônomo; **Marina Zaia**, médica-veterinária
scotconsultoria.com.br
Tel. (17) 3343-5111

ALGODÃO
Demanda firme

As chuvas espaçadas em fevereiro favoreceram o avanço do plantio em Mato Grosso. Apesar da queda de 0,5% na produtividade, a expansão de 17,4% na área deve implicar em oferta 17% maior neste ciclo (Conab). A demanda mundial aquecida tem dado sustentação aos preços, que subiram 0,6% em fevereiro. Em janeiro, a exportação brasileira foi de 79.100 toneladas de pluma, 152,7% maior na comparação anual.



Média mensal do algodão em pluma Cepea** em R$/arroba
*Até 15/2
**Média dos principais Estados produtores

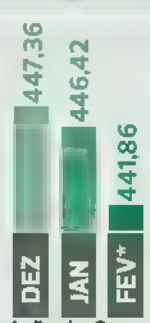
ARROZ
Colheita pressiona

A baixa quantidade de negócios e a proximidade da colheita fizeram com que a cotação caísse 4,3% em fevereiro em relação a janeiro. A área cultivada diminuiu 1,8% frente à safra passada e a produtividade deverá cair 3,9% (clima adverso) e a produção deverá ser 5,6% menor (Conab). Em curto prazo, o aumento da disponibilidade, com a colheita, é fator de baixa, mas a menor produção deverá limitar os recuos.

Médias mensais do indicador diário arroz em casca Cepea/Esalq/BM&FBovespa por saca de 50 kg, tipo 1 58/10 posto indústria RS, prazo de pagamento pela taxa CDI/Cetip
*Até 16/2

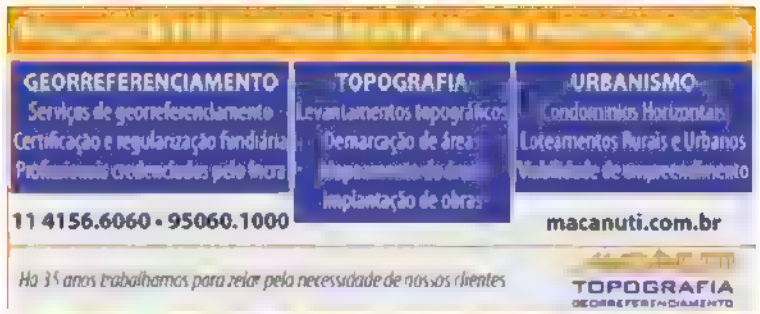
CAFÉ
Safra recorde

A Conab estima um incremento de até 25,6% na produtividade média neste ciclo (bienalidade positiva). A previsão de maior oferta mantém as cotações pressionadas. Os preços caíram 1,2% neste ano. Apesar disso, as exportações aquecidas e o estoque interno menor são fatores que deverão limitar as quedas nas cotações. Em janeiro, os embarques brasileiros aumentaram 6,4% em comparação ao mesmo mês de 2017.



Indicador Cepea/Esalq mercado físico café arábica em R$ por saca de 60 kg, quadro bica corrida, tipo 6, bebida dura para melhor, valor descontado o prazo de pagamento pela taxa da NPR, posto praça da cidade de São Paulo (média mensal)
*Até 15/2

As mensagens dos Classificados da Revista Globo Rural são de responsabilidade de quem as assina.



TELAS PARA SOMBREAMENTO
SELONIT – Fone 0800-14 44 54
Rolos de 50m x 2,5m
Site: www.selonit.com.br

TRAMAL TRATAMENTO DE MADEIRAS
Mourões, esticadores, balancim, lascas e Arames, tratados em autoclave. Itapetininga (15) 99119-8358/3272-3591

MUDAS DE ABACATE
Prod. em sacola c/ substrato e sementes cerca viva Sansão do Campo. (17) 9.9744.5781 • 9.8209.0768

CERCA VIVA - SANSÃO DO CAMPO
Faz. Renascença em promoção. Entr. todo o Brasil. Inoculante grátis. F.: (11) 4702-7078.

LOTOMANIA
Aposte na Loto mania com o nosso Kit que inclui um esquema que foi premiado com 20 pontos + de 200 vezes. Vlr aposta R$ 9,00 a R$ 75,00. Infs: nikplusss@gmail.com Tls 11 4048.1012 • 9.8124.2179

WWW.BRAGARURAL.COM.BR
Fazendas na Bahia pecuária, reflorestamento, agricultura, lazer, etc. Atuamos em diversas regiões, com excelentes opções para seu investimento. F: (71) 9.9958-3342 Braga, Creci 6432

VIDA NA FAZENDA

Mil-folhas

Muito produtiva e dotada de propriedades medicinais, a planta pode ser cultivada em pequenos espaços

Texto **João Mathias**

© THINKSTOCK

COMO PLANTAR

Pequenos agricultores, em especial produtores da agricultura familiar, têm no cultivo de plantas medicinais uma promissora atividade como fonte de renda, dada a crescente comercialização da cultura no país nos últimos anos.

Com demanda certa, essas espécies fornecem matéria-prima para farmácias de manipulação, empresas de medicamentos fitoterápicos e fabricantes de cosméticos, de alimentos, de bebidas e até de produtos de limpeza.

Rica em compostos fenólicos, que têm ação na remoção dos radicais livres nas células do organismo humano, evitando doenças ligadas ao envelhecimento, a *Achillea millefolium*, popularmente conhecida como mil-folhas, é uma opção de plantio que pode dar um bom retorno financeiro para o agricultor.

Além de utilizada na medicina tradicional, para o tratamento de distúrbios gastrointestinais e de inflamações da pele, a planta é empregada na produção de fitomedicamentos e de bebidas nutracêuticas. Tanto o óleo essencial quanto os extratos oriundos das folhas do vegetal possuem propriedade antioxidante, que contribui para reduzir o risco de diversas enfermidades provocadas pelo processo degenerativo das células, como câncer, diabetes e Alzheimer. Pesquisas indicam que o consumo frequente de chá de mil-folhas já oferece os benefícios da planta à saúde.

Incluída na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (Renisus), lista elaborada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) segundo critérios baseados no uso popular das espécies em diversas regiões brasileiras, a mil-folhas tem potencial de aumento de sua cadeia produtiva para geração de

> Incluída na Relação Nacional de Plantas Medicinais do Sistema Único de Saúde (Renisus), a planta tem potencial para geração de produtos para o SUS e o Ministério da Saúde"

produtos para o SUS e o Ministério da Saúde.

Soma-se a essa vantagem comercial da mil-folhas a necessidade de ser orgânico o seu cultivo, uma vez que a legislação da Anvisa estabelece que a matéria-prima empregada na composição de medicamentos fitoterápicos deve ser isenta de aplicação de insumos químicos. Com a emissão de certificado para produções agrícolas sem uso de agrotóxicos, as vendas de mil-folhas podem ser ainda mais lucrativas com o valor agregado proporcionado pelo documento.

Nativa da Europa, da América do Norte e do sul da Austrália, a mil-folhas tem no Estado do Paraná a maior área de plantio em território brasileiro. Herbácea, tem ciclo de vida perene e caule subterrâneo do tipo rizoma. A planta atinge de 30 a 50 centímetros de altura e é dotada de folhas compostas finamente pinadas (em formato de pena). As flores são brancas e pequenas, reunidas em grandes conjuntos nas pontas dos ramos em inflorescência do tipo capítulo – como as margaridas.

*Ana Claudia Pacheco Santos e professora da Faculdade de Agronomia da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e pesquisadora do Centro de Estudos em Ecofisiologia de Plantas do Oeste Paulista (Cevop-Unoeste), Campus II, Bloco B2 sala 201, Rod. Raposo Tavares, km 572, Limoeiro, Presidente Prudente (SP), tel. (18) 3229-2000

ONDE COMPRAR: as mudas podem ser adquiridas de outros produtores e em viveiros de produção

MAIS INFORMAÇÕES: Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ematers) da região

MÃOS À OBRA

>>> INÍCIO Da atividade em áreas menores, com um mínimo de 1.000 a 2.000 metros quadrados, é indicado para agricultores com menos experiência no cultivo de plantas medicinais. As mudas podem ser compradas de outros produtores e viveiristas, priorizando estabelecimentos com referência e idoneidade.

>>> AMBIENTE De preferência com clima ameno – temperatura média de 20 °C. Considerada planta de dia longo, a mil-folhas precisa de boa incidência de luz solar na área de cultivo, pois floresce somente em locais com fotoperíodo acima de 12 horas. Melhor ainda se o plantio estiver afastado de estradas com circulação de veículos.

>>> PROPAGAÇÃO É por meio de estacas e por divisão de touceiras, método ideal para a multiplicação de plantas em produções agrícolas em pequenas escalas. A técnica exige o corte dos rizomas subterrâneos para a geração de novos exemplares da espécie.

>>> PLANTIO Realiza-se em abril ou junho, em solos férteis e bem drenados. Se necessário, faça correção do solo por meio de calagem, para elevar o pH a 6, e de fosfatagem, utilizando fosfatos naturais. Utilize estercos curtidos para a fertilização – são recomendados de 3 a 5 quilos por metro quadrado, no caso de esterco bovino. Composto orgânico também é uma alternativa que pode ser adotada para a adubação.

>>> ESPAÇAMENTO De 0,7 x 0,5 metro possibilita plantar 28 mil mudas por hectare. Sem necessidade de se fazer covas, o plantio da mil-folhas é realizado em pequenos orifícios no solo, em tamanho que permita que o rizoma fique enterrado.

>>> CUIDADOS Apesar de ser uma planta tolerante a seca, a mil-folhas precisa de aplicação de regas na fase de implantação da cultura no campo. A irrigação por gotejo em linhas é uma opção de sistema que oferece economia e melhor controle de distribuição de água na plantação.

>>> PRODUÇÃO Se dá em quatro meses, sendo possível a realização de três a quatro colheitas da cultura por ano. Cada planta tem capacidade para fornecer de 80 a 90 gramas de matéria verde, o equivalente a 2.000 a 2.500 quilos por hectare, em média. Como é possível obter 1 quilo de óleo essencial a cada 100 quilos de matéria verde, a rentabilidade aproximada do volume do líquido é de 20 a 25 quilos por hectare. Recomenda-se fazer o replantio da espécie a cada um ou dois anos, de acordo com a necessidade que a planta apresentar.

© THINKSTOCK

RAIO X

Solo: fértil e bem drenado
Clima: temperatura média de 20 °C
Área mínima: 1.000 metros quadrados
Colheita: 120 dias após o início do plantio
Custo: o preço da muda varia de R$ 1,50 a R$ 2

Cachara

De fácil adaptação para viver confinado, o peixe de couro tem carne saborosa e é opção para piscicultores profissionais e principiantes

Texto **João Mathias**

Muitos confundem um peixe com o outro. Mas é só notar as listras verticais pretas e irregulares na superfície do corpo para distinguir a cachara *(Pseudoplatystoma fasciatum)* do pintado *(Pseudoplatystoma coruscans)*, coberto por manchas arredondadas. Ambos de couro e oriundos de água doce, apresentam muitas semelhanças entre si. Uma delas é um bom motivo para a criação comercial das espécies: sem espinhos e saborosa, a carne tem elevado valor de mercado.

Embora menos conhecida que o pintado, a cachara também possui características que facilitam seu manejo tanto para piscicultores experientes quanto para iniciantes na atividade.

Tem comportamento pacífico, boa adaptação à alimentação em cativeiro e resistência às variações da temperatura da água.

A atenção, no entanto, deve ser redobrada se for preciso manusear algum exemplar, pois o ferrão nas nadadeiras peitorais e dorsais pode provocar ferimentos.

A necessidade de reprodução induzida, já que é uma espécie que realiza a piracema, ao nadar contra a correnteza dos rios em períodos de cheia para desovar em águas quentes e rasas, é outro cuidado na lida da cachara.

O processo que utiliza hormônios, e que deve ser feito por profissional habilitado, somado a algumas técnicas delicadas exigidas na fase inicial da transformação das larvas em juvenis, torna mais indicado para o novo criador dedicar-se exclusivamente à etapa da engorda. Pis-

© MASP X / A. AMY / FOTOARENA

> A disponibilidade de um espelho d'água evita gastos com terraplenagem para a construção de tanques escavados"

cívora, a cachara se alimenta de outros peixes em seu hábitat natural, principalmente os de escamas. Por isso, em cativeiro tem de passar por um condicionamento, a fim de se acostumar à ingestão de ração industrializada.

De hábito noturno, também prefere fazer as refeições em horas de baixa iluminação até se adaptar à luminosidade do dia.

Facilita ainda mais a prática da atividade se houver na propriedade infraestrutura adequada para a criação.

A disponibilidade de um espelho d'água contribui para reduzir os custos com terraplenagem e outros materiais para a construção de tanques escavados. O projeto da piscicultura inclui também uma área protegida para o armazenamento de equipamentos e da alimentação dos animais.

Chamada popularmente de surubim-cachara, barrada-surubim e surubim-atigrado, a cachara é encontrada na natureza em canais de rios, matas inundadas e igapós das bacias Amazônica, do Araguaia-Tocantins e do Prata, destacadamente nos Estados do Acre, Amazonas, Maranhão e Pará. Formada por uma cabeça grande e achatada, que contrasta com o corpo alongado e roliço, pode atingir até 1,2 metro de comprimento e 20 quilos de peso.

***Nilton Rojas** é pesquisador científico do Instituto de Pesca, Caixa Postal 1052, CEP 15025-970, São José do Rio Preto (SP), tel. (17) 3232-1777, niltonrojas@pesca.sp.gov.br

Onde adquirir: em empresas de criação, como a Piscicultura Brumado, Estrada Municipal Sebastião Domingues de Freitas (MMR-030), Km 11,4 (sentido Mogi Mirim-Itapira), Mogi Mirim (SP), tel. (19) 99489-2323, admbrumado@gmail.com.br, www.brumadoalevinos.com

Mais informações: o Instituto de Pesca oferece orientação técnica qualificada, www.pesca.sp.gov.br

MÃOS À OBRA

»» INÍCIO A aquisição dos alevinos da cachara, com tamanho entre 9 e 10 centímetros, é uma etapa importante da criação. Os alevinos devem já estar habituados com ração balanceada, além de serem saudáveis. Por isso, adquira os peixes somente de estabelecimentos com referência no mercado. Aproveite para pedir dicas sobre o manejo e práticas que ajudem na lida diária.

»» AMBIENTE Apesar de não ser uma espécie exigente com as condições climáticas do local, a cachara prefere temperaturas mais quentes, variando na faixa de 24° C a 28° C. Mas, devido à sua rusticidade, tem capacidade para viver em regiões onde o frio pode ser mais intenso.

»» ÁGUA De boa qualidade é imprescindível e o volume disponível determinará o sistema de produção e a quantidade de peixes criados. Entre as características recomendadas, a dureza deve ser de cerca de 30 miligramas de carbonato de cálcio por litro e o pH de 6 a 8.

»» TANQUES Escavados na terra devem ter, no mínimo, 2.000 metros quadrados quando, em condições ideais, utiliza-se uma densidade de um peixe por metro quadrado. Use bloco de concreto e tubo de PVC, ou mesmo vala simples, para o abastecimento da água. A drenagem deve ser realizada por meio de um cachimbo construído com tubos de PVC, com capacidade também para escoar restos de alimentos e dejetos dos peixes.

»» TRIAGEM Dos peixes por tamanho deve ser realizada durante o período de crescimento até a venda, o que ocorre entre 12 e 15 meses. Por isso, para a prática recomenda-se o remanejamento da criação para outro viveiro a cada três ou quatro meses. Os peixes mais desenvolvidos devem ser separados para evitar o canibalismo e obter lotes mais homogêneos.

»» ALIMENTAÇÃO Deve ser equilibrada, pois a cachara tem hábito sedentário e pode facilmente chegar ao sobrepeso, prejudicando a saúde e o desenvolvimento. No varejo especializado, é vendida ração extrusada com alto teor de proteína e específica para peixes carnívoros. Apesar de alternativas como minhocas e vísceras, além de rações caseiras, o alimento industrializado é o mais indicado para atingir a maior rentabilidade do negócio.

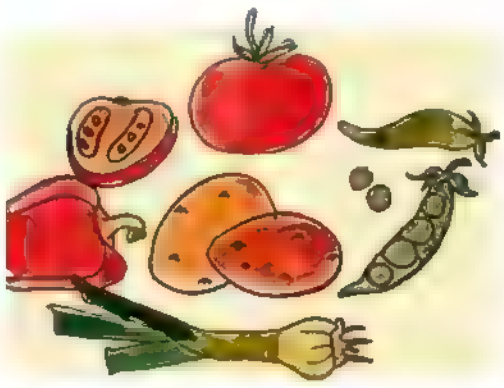
»» REPRODUÇÃO Realizada por migração rio acima para desova na natureza; em água parada em cativeiro, só é possível com uso de técnica de indução hormonal. Na piscicultura, a cachara macho atinge a maturidade sexual geralmente com um ano de idade, enquanto a fêmea está pronta para a vida reprodutiva dois anos após o nascimento.

RAIO X

Criação mínima: dois milheiros
Custo: R$ 8 é o preço do alevino com 9 a 10 centímetros de comprimento e treinado para comer ração
Retorno: em 3 anos
Reprodução: por indução, com uso de hormônios

A ordem é não desperdiçar

Ainda bem que não há problemas de falar em filmes mais velhos, contanto que sejam clássicos. *Les glaneurs et la glaneuse* é um documentário de Agnès Varda, que olhou no dicionário *Larousse* e certificou-se de que *glaneurs* são aqueles que, depois das colheitas, invadem os campos para pegar tudo o que foi deixado para trás, inadvertidamente ou de propósito. Poderia ser um filme triste e amargo retratando a fome, mas, como se passa num país desenvolvido, de sociedade saciada, comida em excesso, poucos têm a verdadeira necessidade de ir buscar a sobrevivência em restos. Os catadores de hoje são movidos pelo prazer, pela educação que tiveram, pela tradição. E são poucos. O filme é positivo e despretensioso.



O documentário é filmado com uma pequena câmera de mão digital pela própria Agnès Varda, dentro de um carro que percorre algumas regiões da França. Estamos indo agora para Arras. Ali mesmo vemos a colheita de 4.500 toneladas de batatas. Cerca de 25 toneladas fogem a um determinado padrão de mercado e são jogadas num campo qualquer, sem aviso. (Uma das coisas que se insinua que deveriam ser implantadas para o povo são pequenos mapas, indicando o lugar e o dia em que a comida será jogada fora e os pontos em que há possibilidade de uma segunda colheita.)

Aparecem poucos *glaneurs*, muitas vezes crianças brincalhonas e barulhentas que, enquanto guardam as batatas na sacola, cantam "*lundi des patates et dimanche, gratin aux pommes de terre...*".

Passamos por um restaurante de um jovem chef estrelado, econômico na sua cozinha, aproveitador das sobras, e também *glaneur*. Ele próprio sai para colher muitas das ervas e faz expedições atrás de frutas para geleias. Edouard Loubet, que desde a infância escuta a ordem muito comum na França de não *gaspiller*, não desperdiçar.

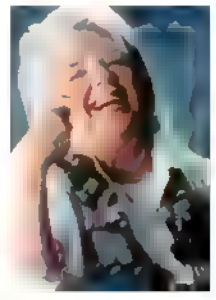
Aqui surge um novo termo francês, que significa a mesma coisa que *glaner*, colher as sobras, que é o verbo *grapiller*. *Glaner* é colher coisas que crescem para cima, trigo, milho, cereais em geral, e *grapiller* é colher coisas que pendem, como maçãs, figos, azeitonas, uvas.

No caminho, um homem de botas corre a cidadezinha remexendo as latas de lixo, pois tira 100% de sua comida de lá. Revela que tem salário fixo e que, comendo há mais de dez anos das latas de lixo, nunca adoeceu. E faz isso por ética, bandeira que levanta contra o consumo excessivo e o desperdício. E discursa, apaixonadamente: "Todo mundo, rico ou pobre, joga comida fora. Por quê? Porque somos uns imbecis em matéria de comida. Se um iogurte já perdeu a validade, as pessoas dizem: 'Ai, meu Deus, não posso comer essa coisa. Vai me matar!' Uma burrice. É tão fácil saber se está estragado pelo cheiro e pelo aspecto".

Outro rapaz é interrogado pela autora enquanto come um maço de salsa no fim da feira, como se estivesse se servindo do bufê frio de um hotel. Come com gosto, troc, troc, nos funchos, salsões, tomates, maçãs. E responde: "A salsa é cheia de vitamina C e E, betacaroteno, zinco e magnésio. É excelente. Como também umas seis maçãs por dia. Sou vegetariano. E me levanto muito cedo para chegar ao lixo das padarias, que jogam fora o pão do dia anterior". É biólogo e dá aulas grátis à noite. Um *glaneur* que come de olho nos valores nutritivos.

Até parece que o filme é sobre comida. Não é. Estou distorcendo tudo, num assunto só. Mas é um documentário delicado, bonito, interessante, despretensioso. Se querem saber a palavra em português para *glaner*, é respigar. Achei que tanto faria usar um ou outro.

Temos também a reciclagem urbana, os lixos de padarias e supermercados, o lixo como arte, como lazer, e sei lá, aqui com os meus botões, a maioria desses *glaneurs* que não precisam disso tem o miolo meio mole. Um desvio comportamental. Que não incomoda ninguém.



NINA HORTA é cozinheira escritora e proprietária do bufê Ginger. É autora dos livros *Nao e sopa* (uma mistura saborosa de crônicas e receitas) e *Vamos comer*

© DIVULGAÇÃO

TECNOSHOW
A MARCA DA INOVAÇÃO RURAL
Comigo
2018

UMA FEIRA NO
CORAÇÃO DO BRASIL,
COM
INFINITAS OPORTUNIDADES
NO AGRONEGÓCIO.

09a13 de ABRIL

Rio Verde - Goiás

Negócios - Palestras - Dinâmicas - Máquinas - Estratégias
Conhecimentos - Tecnologias - Animais - Plots Agrícolas

CAIXA
BRASIL
BANCO DO BRASIL
Bradesco
SICOOB CREDI-RURAL
Santander

Realização
COMIGO

tecnoshowcomigo.com.br
tecnoshowcomigo

Rio Verde

RECEBE 17ª EDIÇÃO DA TECNOSHOW COMIGO

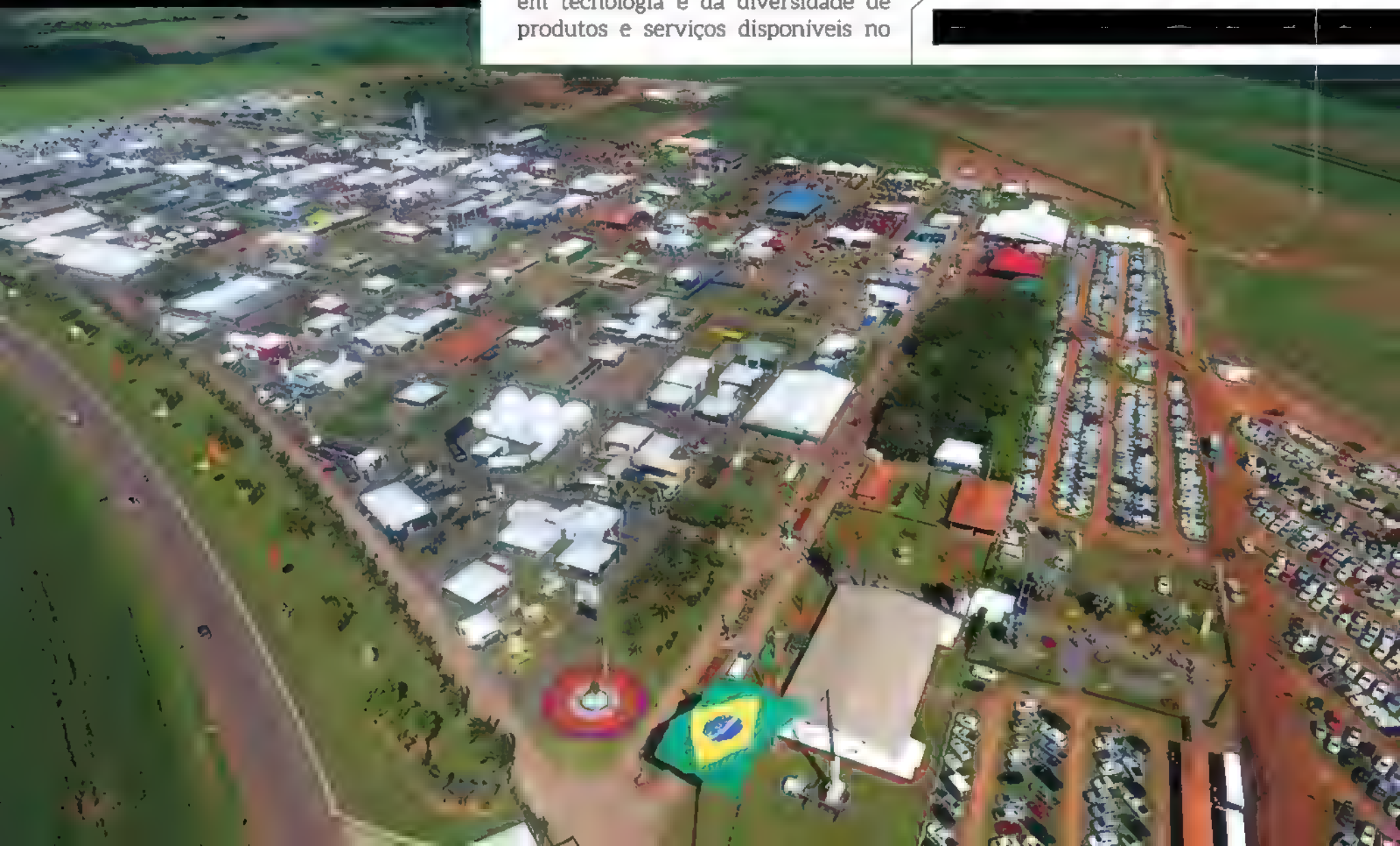
Considerada uma das principais feiras de tecnologia rural do Brasil e a maior do Centro-Oeste, a TECNOSHOW COMIGO chega à sua 17ª edição, em 2018, com a expectativa de realizar mais de R$ 1,7 bilhão em negócios – recorde apresentado na edição de 2017.

Realizada pela Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (COMIGO), o evento espera receber, neste ano, mais de 102 mil visitantes e 550 expositores de vários estados brasileiros e até de outros países, entre os dias 09 e 13 de abril, em uma área de 60 hectares do Centro Tecnológico COMIGO (CTC), em Rio Verde (GO).

Durante os cinco dias de evento, serão apresentadas tecnologias e novidades em máquinas, veículos e equipamentos agropecuários, insumos e resultados de pesquisas, além de demonstrações e lançamentos de novas variedades de cultivares, palestras com especialistas renomados e dinâmicas de animais. Também serão disponibilizados financiamentos e linhas de crédito voltados ao produtor rural, por meio de instituições financeiras, e atividades diversas pensadas para todos os envolvidos no agronegócio brasileiro.

De acordo com o presidente da COMIGO, Antonio Chavaglia, a TECNOSHOW COMIGO tem crescido de forma exponencial, dado ao número de negociações cada vez maior, ano após ano. Isso é reflexo do contínuo investimento do produtor em tecnologia e da diversidade de produtos e serviços disponíveis no evento. "A feira é hoje uma das principais do País e reúne o que há de mais moderno e atual em termos de tecnologia e inovação para o agronegócio. Rio Verde e o Sudoeste goiano sempre foram e continuarão sendo referência para o Brasil, e é por isso que durante a TECNOSHOW COMIGO o País todo se encontra aqui. Em referência ao tema da feira deste ano, são infinitas oportunidades no coração do Brasil", ressalta.

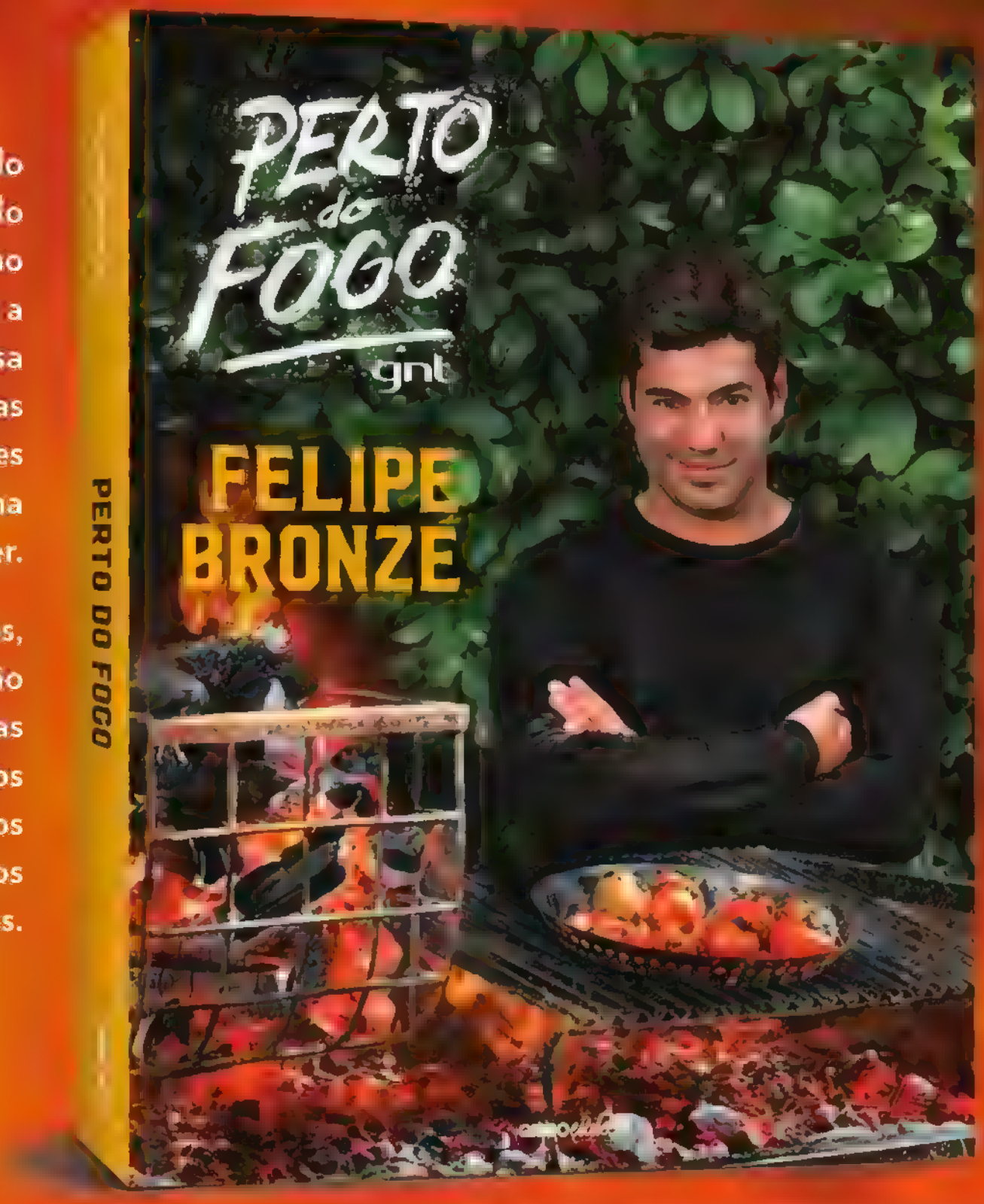
Foto: Arquivo Tecnoshow



O SABOR DA BRASA

Felipe Bronze, o premiado chef e apresentador do programa que vai ao ar no canal GNT, mostra toda a versatilidade que a brasa oferece, as inúmeras possibilidades e as nuances de sabor que só a cozinha feita no calor pode trazer.

Entradas, pratos, sobremesas e drinks – são mais de 90 receitas feitas na brasa, além de capítulos que ensinam a fazer os molhos, conservas e óleos usados nos preparos.



www.globolivros.com.br

NAS LIVRARIAS E EM E-BOOK

GLOBOestilo

Cidreira queimada

As folhas do meu pé de cidreira estão parecendo queimadas. O que está acontecendo e o que devo fazer?

Alex Fernandes
via Facebook

COMO É provável que a *Lippia alba* esteja precisando de mais nutrientes e de luz, para se tornar mais vigorosa recomenda-se a adoção de um novo substrato e a troca de vaso, que deve ficar em local que receba bastante iluminação solar. Com rega regular, dia sim, dia não, mantenha a planta úmida. A *Lippia alba* também é conhecida como cidreira, mesmo nome atribuído a capim-santo, capim-limão ou capim-cidreira *(Cymbopogon citratus)*, embora a *Melissa officinalis* seja considerada a erva-cidreira verdadeira. São chamadas igualmente de cidreiras por terem em comum o aroma, que é proveniente do composto mirceno, existente nas três espécies. Elas podem ser também identificadas como plantas sucedâneas, indicando que têm a mesma ação biologica.

CONSULTOR: PEDRO MELILLO DE MAGALHÃES, pesquisador da divisão de agrotecnologia do Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas da Universidade de Campinas (Unicamp). Caixa Postal 6171, CEP 13081-970, Campinas (SP), tel. (19) 2139-2857, pedro@cpqba.unicamp.br

Nogueira-pecã

Por que as castanhas da minha árvore de noz-pecã são perfeitas por fora, mas secas por dentro?

Matiza Rigobello Lima
via Facebook

A NOGUEIRA-PECÃ é uma planta de grande porte que depende de vários fatores para o completo preenchimento de suas nozes, como a boa nutrição. Por isso, é recomendado realizar análise do solo e foliar para determinar as carências nutricionais. O enchimento das nozes também pode ser um problema para plantas tanto submetidas a um período de seca quanto a excesso de umidade, devido a solos mal drenados. Outro motivo que prejudica a produção da pecaneira é a presença de doenças e pragas, principalmente a sarna. Além disso, para que ocorra a polinização, que é realizada pelo vento e ainda pode ser impedida pela chuva, a nogueira-pecã exige mais de uma variedade no local. Um técnico habilitado da região pode orientar sobre as opções de árvores indicadas para o plantio na propriedade.

CONSULTOR: CARLOS ROBERTO MARTINS, pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Rod. BR-392, Km 78, 9º Distrito, Monte Bonito, Caixa Postal 403, CEP 96010-971, Pelotas (RS), tel. (53) 3275-8100, www.embrapa.br/fale-conosco

Potro não nasceu

Tudo indicava que minha égua de três anos de idade estava prenhe. Após o cruzamento, ela ficou mais calma, não entrou mais no cio e começou a soltar leite. Apesar de ela continuar engordando e produzir leite, até agora nada de potro. O que será que está acontecendo?

Edynho Coelho
Planaltina (DF)

O IDEAL é que um veterinario realize o exame de palpação para ver se há presença de feto. Se houver e estiver morto, será necessária a retirada dele. Após o exame, também será possível verificar o tamanho do útero, para saber se ocorreu abortamento. Caso não tenha gestação, pode-se tentar uma restrição hídrica, interrompendo o fornecimento de água para beber por 12 horas, e a redução de carboidrato da ração, para cessar a produção de leite, que pode ter sido provocada pelo aumento do hormônio prolactina.

CONSULTORA: JULIANA CORRÊA BORGES SILVA, médica-veterinária, pesquisadora em produção e reprodução animal da Embrapa Pantanal, Rua 21 de Setembro, 1880, Caixa Postal 109, CEP 79320-900, Corumbá (MS), tel. (67) 3234-5800, www.embrapa.br/fale-conosco

© 1 SEND MORA S / EDITORA GLOBO 2, 3 E 5 TH INKSTOCK 4 PINTO BANDEIRA / ED TORA GLOBO

©4

Calagem em videira

Posso colocar calcário no pé de uva quando a videira está produzindo cachos?

Cleusa Bastos
via Facebook

A CALAGEM tem a finalidade de corrigir o pH do solo, neutralizar elementos tóxicos às raízes e, simultaneamente, corrigir teores de cálcio e magnésio. É colocada no solo antes do plantio das mudas e quando necessário, geralmente a cada três anos. Pode ser aplicada superficialmente, sem necessidade de incorporação. Não há impedimento quanto ao uso de calcário na época da frutificação, mas o ideal é que seja utilizado ainda no período de dormência. Mais informações podem ser obtidas acessando o seguinte link: www.embrapa.br/uva-e-vinho/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1052912/calagem-adubacao-e-contaminacao-em-solos-cultivados--com-videiras.

CONSULTOR: RODRIGO MONTEIRO, engenheiro agrônomo do setor de transferência de tecnologia da Embrapa Uva e Vinho, Rua do Livramento, 515, Caixa Postal 130, CEP 95700-000, Bento Gonçalves (RS), tel. (54) 3455-8082, www.embrapa.br/fale-conosco

Armazenamento de ovos

Antes de estragarem, os ovos podem ser guardados por quantos dias?

Luzia Pereira
via Facebook

©5

O PERÍODO ideal máximo para o armazenamento de ovos é de sete a dez dias. Após esse prazo, quando começa a diminuir a capacidade de germinação e desenvolvimento do embrião, devem ser colocados para ser chocados em um equipamento específico (chocadeira) ou por uma ama – ave utilizada para realizar o choco em substituição às mães que não se dedicam à tarefa. Em local abrigado e arejado na propriedade, posicione os ovos com a ponta mais fina voltada para baixo em uma caixa com areia bem seca ou palha. Com cuidado, diariamente, incline cada um dos ovos de um lado para outro para que a gema não grude na casca, assegurando a qualidade da produção.

CONSULTORA: MARIA VIRGÍNIA F. DA SILVA, membro da Associação Brasileira dos Criadores de Aves de Raças Puras (ABC Aves); endereço para correspondência: Rua Ferrucio Dupré, 68, CEP 04776-180, São Paulo (SP), tel. (11) 5667-3495, www.abcaves.com.br

Água de coco

Posso tomar água de coco retirado de pés que receberam veneno?

Rose Melo
via Facebook

©6

NÃO SE deve beber água de frutos de coqueiro que foram tratados com agrotóxicos, principalmente após a aplicação de defensivos de ação sistêmica na planta. O intervalo de segurança prescrito na bula do produto usado deve ser obrigatoriamente obedecido. Vale ressaltar que, para uso na cultura do coqueiro, são poucas as opções de defensivos agrícolas registradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Por isso, a recomendação é ter muita cautela na hora de adotar produtos químicos no manejo da fruteira. Assim, é muito importante contar com a orientação de um engenheiro agrônomo, a fim de indicar as melhores alternativas disponíveis na região do plantio da frutífera.

CONSULTORA: JOANA MARIA SANTOS FERREIRA, pesquisadora da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, Jardins, Caixa Postal 44, CEP 49025-040, Aracaju (SE), tel. (79) 4009-1344, www.embrapa.br/fale-conosco

FECHA ASPAS

©1

"Só é possível garantir segurança jurídica e competitividade ao setor se buscarmos modificar a legislação atual"

Deputada Teresa Cristina (DEM-MS), nova presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

"Os produtores rurais da Suíça reclamam que um acordo com o Brasil e a Argentina será a morte da agricultura local"

Assis Moreira, em artigo no jornal *Valor Econômico*, sobre o Acordo Mercosul-UE (20/2)

"Brasil ganhou mais de 5 mil milionários em 2017"

Manchete do jornal *O Globo* (21/2)

"Doenças, quedas e morte. Esse é só o começo do martírio a que os novilhos são submetidos"

Feliciano Filho, deputado estadual pelo PSC, em São Paulo, que quer proibir o transporte de gado vivo em navios

©3

"Inflação abaixo do piso é ótimo"

Henrique Meirelles, ministro da Fazenda

©2

"Hoje é um dia especial para o Brasil, dia 20 de fevereiro de 2018. A OIE informou ao governo brasileiro, através do Mapa, que aceitou a nossa proposta para declarar o Brasil livre da febre aftosa com vacinação"

Blairo Maggi, ministro da Agricultura

"A grande maioria das pessoas do planeta quer consumir mais carnes, e o Brasil tem lugar central para satisfazer esse desejo"

Marcos Sawaya Jank, em artigo na *Folha de S.Paulo* (17/2)

©1 LUIS MACEDO/AGÊNCIA CAMARA DOS DEPUTADOS; 2 PEDRO TEIXEIRA/O GLOBO; 3 REINALDO CANATO/FOLHAPRESS

MOTTO®
Sua cerca três vezes mais durável.

Com durabilidade e resistência de sobra,
o arame MOTTO® evita a fuga do seu gado.

Veja como esticar o arame corretamente

DISPONÍVEL NA App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Como funciona:
baixe o aplicativo Belgo 3D no seu celular, direcione a câmera para a imagem e surpreenda-se. Assista a instalação completa da cerca em nosso canal do YouTube.

www.belgobekaert.com.br
0800 727 2000

Acompanhe-nos nas redes sociais:

Arames Belgo: uma marca da Belgo Bekaert Arames

Arames Belgo®
Pode confiar

2 Pontas

#SomosJacto

70 anos
de inovações sempre ao lado do agricultor

Uniport 2030

Uniport 5030 NPK

Tellus 10.000 NPK

Omni 700

Omni 500

LANÇAMENTOS • 2018 • LANÇAMENTOS

Nos **70 anos** da **Jacto**, não faltam razões para comemorar. São vários lançamentos para conectar o agricultor com os melhores resultados para sua lavoura.

jacto.com.br

jacto | 70 ANOS TERRA AMADA, CORAÇÃO GRATO, INSPIRA O NOVO

2design